

Anete Abramowicz

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Anete Abramowicz e aprovada pela comissão julgadora.

Data: ____/____/____

Assinatura: *Antônia A. Mayer*
Orientadora

Histórias e contos de Mulheres

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1997

9812654

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	Unicamp
	Ab83c
V.	Ex.
TUMBO BC/	34.003
PRC.	395.198
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	28/05/98
N.º CPD	

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Ab83c Abramowicz, Anete.
Contos e histórias de mulheres / Anete Abramowicz. --
Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Sarita Maria Affonso Moysés.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Mulheres - História. 3. Contos de fadas.
4. História oral. I. Moysés, Sarita Maria Affonso. I. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Tese apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de Doutor em Educação na
Área de Concentração Metodologia de Ensino,
à Comissão Julgadora da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sarita
Maria Affonso Moysés.

Este exemplar corresponde à redação
final da _____ defendida por _____
e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data ____/____/____
Assinatura: _____
Orientador(a) _____

Comissão Julgadora:

Antônia Maria
Silvia El Blanquet
Sonia Thamer
Jaqui Resnik

à Adélia Waisman
e à memória de Berta Abramowicz,
mulheres fortes.

Agradecimentos

Agradeço à Prof^ª Dr^ª Sarita Maria Affonso Moysés pela orientação preciosa e inteligente, pelo acolhimento das minhas inquietações, desde o início, e pela amizade.

Agradeço às professoras Vani Moreira Kenski e Silvia Manfredi pelas importantes sugestões durante o Exame de Qualificação.

Agradeço às mulheres e às meninas que fazem parte deste trabalho e pelos pequenos cristais que são suas histórias e vidas com as quais fui presenteadas.

Agradeço aos colegas da Universidade Federal de São Carlos que me possibilitaram as condições para a realização deste trabalho, especialmente à Prof^ª D^{ra} Maria Waldenez de Oliveira.

Agradeço às amigas que fui fazendo neste longo e duro percurso, tornando-o mais intenso, ameno e alegre: Margarete Brandini Park e Maria Arisnete Câmara de Moraes e as amigas da Universidade Federal de São Carlos: Elenice Maria C. Onofre e Claudia Reyes.

Agradeço ao Aurélio de Macedo Santos pela presença, pela força, pela revisão deste trabalho e pela amizade.

Agradeço à Fundação Carlos Chagas/ Fundação Ford pelo auxílio financeiro e por este trabalho ter feito parte do II Programa de Incentivo e de Formação em Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero.

Agradeço ao CNPq pelo auxílio financeiro.

Agradeço ao Vinicio por dar um sentido muito além das coisas e das palavras para eu fazer este trabalho.

Agradeço ao Rê e ao Dudu pela presença ininterrupta e barulhenta, espelhando a vida naquilo que ela tem de mais valiosa: a alegria.

Agradeço aos meus pais pela presença.

*"Não existem, nas vozes que
escutamos, ecos de vozes que
emudeceram?"
(Walter Benjamin)*

RESUMO

Histórias e contos de mulheres é um trabalho que narra as histórias contadas pelas meninas e mulheres das classes populares sobre suas vidas e suas histórias. Ao narrá-las, discute-se as razões pelas quais contam-se histórias, e de que maneira se configuram os territórios e tempos femininos por meio delas.

Nem sempre aqueles que contaram as histórias se apropriaram delas, e portanto não tendo sido escritas permaneceram na oralidade, à espera de. À espera de serem contadas? De virar contos? De transfigurar a vida quando contadas? Passarem à margem de qualquer discurso e desaparecer?

As histórias que foram contadas às mulheres (às vezes por elas e para elas), como os contos de fadas, muitas vezes se perpetuaram. É também objeto deste trabalho investigar o processo de apropriação das histórias populares orais, dos séculos XII ao XV, por Perrault, discutindo as imagens de mulheres consagradas e celebradas em seus contos de fadas, que são construídas e inscritas num determinado contexto, propondo e criando valores.

A história das mulheres, portanto, é perpassada por histórias que se contam: de lamentos, de trabalho feminino, de socialização e de disciplinarização. Assim, analisa-se a possibilidade da (re)construção de uma história cultural e social a partir de uma abordagem na qual a história cultural, a história das e de mulheres, as múltiplas práticas discursivas e a história das formas materiais estariam mescladas, enquanto linhas, nas histórias e nos contos.

SUMMARY

"Women histories and Tales" is a work that narrates the stories told by girls and women of the popular classes about their lives and their histories. By narrating them, the reasons why they are told are discussed and in which way feminine territories and times are delimited through them.

Usually, those who tell the stories do not own them and, therefore, since they are not written, they remain oral, just waiting for. Waiting for being told? For becoming tales? For transfiguring life when told? For passing aside of any speech and disappear?

The stories told to women (sometimes by them and to them), like fairy tales, many times perpetuate themselves. Thus, it is also the purpose of this work to investigate the appropriation process of the oral popular stories from the centuries XII to XV, by Perrault, discussing the images of women who were consecrated and celebrated in his fairy tales, who are built and inscribed in a certain context, proposing and creating values.

The women history, therefore, is accompanied by stories told: of moaning, of women working, of socialization and discipline. Therefore, it is analyzed the possibility of (re) building a social and cultural history from a point of view, in which, the cultural history, the history of women and from women, the multiple speech practices and the history of material forms would be mixed, while directions, with the stories and tales.

SUMÁRIO

1 - Introdução	1
2 - A sala da creche	8
3 - Da sala da creche aos salões franceses - contos de Perrault: imagens de mulheres, imagem de menina.....	17
4 - Contos e histórias	34
<i>Fátima</i>	37
<i>Sueli</i>	44
5 - As meninas	50
<i>Fragmentos femininos ou as meninas pobres</i>	50
6 - Meninas ricas.....	59
7 - Percorrendo algumas linhas: o lugar e o tempo das meninas/mulheres	67
A. O tempo do trabalho	67
<i>Profissão da mãe</i>	67
<i>Profissões das meninas</i>	72
<i>Ainda sobre o trabalho doméstico</i>	73
B. O lugar da infância	76
<i>Conversas entre infâncias</i>	76
C. Pai	80
D. O lugar e o tempo de estudar	85
<i>Histórias lidas e contadas</i>	85
<i>A oralidade por escrito - o fora - dentro</i>	93
8 - Um pequeno relato sobre as conversas com as meninas e as mulheres	100
<i>Uma história sensível de leituras</i>	100
9 - Considerações finais	102
10 - Bibliografia	104
Apêndice	115
Fotos	120

Histórias e contos de mulheres

1 - Introdução

Este trabalho pretende narrar histórias contadas por meninas e mulheres sobre suas vidas e suas histórias. São vidas e existências que foram se (re)contando em poucas linhas e que, aparentemente, se repetiram.

Histórias de meninas e de mulheres pobres. Mulheres migrantes que tiveram pouco ou nenhum acesso à escolaridade e filhas de mulheres migrantes que freqüentam a escola. Enfim, um mundo feminino que se entrelaça e que muitas vezes se encontra e se embarça no doméstico. Histórias de continuidades e rupturas. Vidas que se contam brevemente, em tons de cantigas e lamentos, e que, novamente, parecem uma única e mesma canção, se repetem - nas suas diferenças, no tom, na voz, nas singularidades da rostidade.

“Como nos contos pagãos, não interessa o conteúdo da história, mas o fato de ser contado. Por isso contar não é enunciar e afirmar... Contar no neutro, diz Blanchot, ‘seria atrair a linguagem para uma possibilidade de dizer que diria sem dizer o ser’: mas isso já não seria cantar?”¹

Vidas que falam de infâncias, das escolas, dos sonhos, dos silêncios, das tristezas-alegrias, das histórias, geografias, das famílias, dos trabalhos e das leituras. Não se sabe, nestas vidas, onde termina a menina e começa a mulher. Os contornos estão mesclados entre elas, para se entender a menina é necessário que se compreenda a mulher, e penetrar na mescla, por entre o amálgama, parecem todas uma mesma história de vidas singulares - desde pequena, uma mesma menina/mulher.

¹ Parente, A. - “O discurso indireto livre no cinema” in *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC de São Paulo, SP, 1996, p. 136.

meio de uma multiplicação dos sentidos”. Desviando-se dessa via, a análise de uma “formação discursiva” deve ir à procura dessa “lei de pobreza”⁴.

No entanto, se as falas não são verdades ou mentiras, elas expressam práticas: econômicas, sociais, educativas, políticas, de organização do poder, de desejos, de agenciamentos, femininas e domésticas. Práticas e não sujeitos falantes, campos anônimos, de práticas que configuram e são configuradas pelos sujeitos.

Falam de suas vidas sem grandeza, mas essas minúsculas histórias - de positivities e não - podem, ao serem reconstruídas por meio da escuta, da escrita e da produção de efeitos e reverberações, iluminar, produzir alguma intensidade e efeito em relação à prática e histórias de mulheres: suas infâncias, seus trabalhos, suas leituras etc.

A dificuldade está em “apreender os problemas em seu movimento - quanto mais fugazes, mais importantes -, saber ajustar e afiar um problema, deixar-se penetrar por uma verdadeira disciplina de ferreiro para achar a boa liga entre as mais extremas doçuras e durezas”⁵. Como fazer isso?

As mulheres pesquisadas encontram-se nas fronteiras e nos limites. Entre o livro e o não-lido, entre a escrita e o não-escrito, entre a exclusão e a pertinência, entre o rural e o urbano. Lugar de vertigem. Lugar do entre. E neste lugar há um esforço de minar ou de ir além das polaridades: verdade/mentira, urbano/rural, analfabeto/alfabetizado, desqualificado/qualificado, menina/mulher. Portanto, suas vidas devem ser (re)contadas por entre, no meio.

As mulheres possuem uma visão singular e fazem uma “leitura sensível” do mundo. O que não significa que não interiorizem e reconheçam as desigualdades que lhes são impostas socialmente, especialmente as que não sabem ler e escrever.

⁴ Orlandi, Luiz B. L. - “Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze” in Tronca, Italo A. (org.) - *Foucault vivo*. Campinas, Pontes, 1987, p. 23.

⁵ Châtelet, Gilles - “Para Gilles Deleuze, pensador do gatilho” in *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC de São Paulo, SP, 1996, p. 41.

As meninas que substituem as mães nos afazeres domésticos, iniciam no “dentro” a aprendizagem do trabalho, que também é um fora; pelo trabalho arruinam a noção de privado e público, já que iniciam no “dentro” as regras do trabalho, que, formalmente, se dão no fora.

Meninas que respondem e percebem claramente este movimento de aprisionamento a que estão submetidas, cotidianamente. Realizam este trabalho do jeito delas, não apenas como obediência e submissão, mas burlando-o, rindo dele, “crianceramente”⁶, realizando-o. Assim constituem espaços e tempos. Desses espaços e tempos femininos surgem as vozes e os territórios. Um jeito feminino de se movimentar. No entanto, essas meninas se movimentam a múltiplas linguagens, táticas e agenciamentos, apropriando-se desses processos de acesso e de exclusão, criando e inventando vozes que contam essas histórias, configurando, por vezes, outros espaços-tempos.

Essas mulheres e meninas pobres, feminino-pobre (que pertence às chamadas minorias, que nada têm a ver com quantidade), são estados - de territorialidades - minoritários, e, enquanto tais, podem vir a ser considerados germes, “cristais de devir” (Deleuze, 1995), que só valem como detonadores de movimentos incontrolláveis que fogem e escapam à média e à maioria.

Trata-se, na realidade, “de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência detida por alguns”⁷. Este seria o projeto genealógico sugerido por Foucault, que propõe uma “insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa”. Empurrar os conceitos, forçá-los,

⁶ “Crianceria é devir, não delimitada por algum pacto social, nem algo que desapareça pelo fato de se encontrar ‘adulto’. Devir que não se captura por nenhum estado de adulto, devir que se capacita sempre por expressões longe de equilíbrio. Digamos, procura incessante de novos mapeamentos, encontro real-imaginário.

Crianceria se constitui de multiplicidades em processos, diferença enquanto o que experimenta a vida”. Katz, Chaim Samuel - “Crianceria o que é a criança?” in *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC de São Paulo. São Paulo, 1996, p. 93.

⁷ Foucault, Michel - *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 4ª ed., 1984, p. 171.

Como tais mulheres, há milhões de existências que não deixam rastro, e que não são contadas. Vidas destinadas a passar à margem de qualquer discurso, à espera de... (À espera de serem contadas?) A iniquidade é a força destas vidas que se caracterizam pela escassez. Tudo é pouco, escasso, contido e se opõe à prolixidade. São vidas à espera de...

Segundo Foucault: “Durante muito tempo, na sociedade ocidental, a vida de todos os dias não podia ter acesso ao discurso, a não ser que fosse atravessada e transfigurada pelo fabuloso; era necessário que sáisse de si mesma mediante o heroísmo, as proezas, as aventuras, a providência e a graça ou, eventualmente, pelo crime; era preciso que estivesse marcada de um toque de impossibilidade. Unicamente então essa vida se convertia em algo dizível...”²

Singularizadas, personagens e vozes de nenhuma grandeza instituída ou valorada. Nenhum grande feito. Vozes que se organizam em uma inexistência de documentos³. O esforço será buscar as minúsculas partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto mais difíceis forem de detectar.

Não se trata de tomar as falas das meninas e das mulheres como verdades ou mentiras, senso comum ou bom senso, ou mesmo enaltecer um suposto saber popular, mas sim entender as falas enquanto enunciados que supõem singularidades. Buscar a força de cada fala, produzir efeitos buscando compreender que cada fragmento do discurso arrasta um fragmento do real do qual faz parte, é o que se pretende neste trabalho.

Concordamos com Foucault, na realidade poucas coisas são ditas - o que ele chama de “efeito de raridade” -, e a interpretação procura compensar esta raridade “por

² Foucault, Michel - *La Vida De Los Hombres Infames. Ensayos sobre desviación y dominación*. Las Ediciones de La Piqueta

³ A oralidade se caracteriza pela inexistência de documentos. Diante da dificuldade e incapacidade técnica de apreender leis estáveis na oralidade ou nas falas regionais estas acabam sendo desprezadas como possibilidade de fonte e instrumento de reconstituição histórica. (Deleuze/Guattari, 1995)

usando a genealogia como tática, para ativar saberes minúsculos e, talvez, “libertos” de uma certa sujeição de discursividade. Não para (re)unificá-los, novamente, num discurso unitário, mas para deixá-los, no meio - das relações de forças -, como diferenças.⁸

Por isso, é preciso explicitar que não existem categorias homogêneas e invariantes de análise para a pobreza, ou mesmo para o feminino, há diferenças nos femininos, nas “pobretudes”, o que deve ser esquadrihado, não na perspectiva da identidade, mas da diferença.⁹ Ou seja, o esforço deve ser no sentido de pensar as meninas e as mulheres com outros referenciais, que não os das linhas de pobreza.

A partir das histórias das meninas e das mulheres, traço os territórios que vão constituindo patamares femininos a partir das relações que elas estabelecem com os diversos espaços que transitam e constituem; e tempos, entre eles o do trabalho, o da infância; e, também, com as histórias que são contadas, com as leituras, as escritas e nas suas diversas práticas sociais.

Entender a mulher por meio de suas lembranças de quando eram crianças, e as meninas nas suas infâncias, significa compreender um entrelaçado de saberes: a escola, as famílias, o trabalho, procurando ultrapassar as polaridades entre: cidade (lugar da menina) e campo (lugar de origem da maioria das mães migrantes entrevistadas), público e privado (rua e casa; trabalho e não-trabalho etc.), passado e presente. E, também, as histórias que se

⁸ “O pensamento não tem sentido algum se fica no nível da representação das formas e não mergulha no plano caótico das forças, se não favorece através desse mergulho a extração de novos conceitos, perceptos, novos afectos. Quero dizer que o pensamento não tem sentido se não se torna inconsciente. O pensamento como arrombamento das formas vigentes e dominantes a partir das forças impalpáveis. O pensamento como catástrofe”. Pelbart, Peter Pál - “Caóides teóricos” in *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, coordenação Daniela Ropa e Marci Dória Passo. Vol. 3. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p. 66.

⁹ “A diferença nada tem a ver com a co-existência apaziguada entre as diversas identidades, já que é próprio da Diferença desmanchar as identidades. Não foi justamente este o esforço de um certo pensamento nas últimas décadas, o de liberar a Diferença de qualquer atrelamento à identidade?” Idem, *ibidem*, p. 66.

“As diferenças às quais me refiro não têm um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação - as supostas características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguiriam de todos os outros. Ao contrário refiro-me às diferenças no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade. O inatural, o intempestivo. Diferenças que fazem diferença”. Rolnik, Suely - “O mal-estar na diferença” in *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, coordenação Daniela Ropa e Marci Dória Passos, Vol. 3, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p. 97.

contam e são contadas, as histórias que se cruzam e se perpetuam e que contribuem para a constituição dos territórios femininos.

As histórias que foram contadas às mulheres (às vezes por elas e para elas), como os contos de fadas, muitas vezes se perpetuaram. Vários contos de fadas de Perrault tiveram origem nos salões franceses onde a sociedade patriarcal aparecia contada, retratada nos jogos de histórias de mulheres que mostravam, no pai/rei, a força do poder e da sua exclusão enquanto voz de mulher nesse espaço. Histórias que se repetiram, portadoras de uma “energia social” (Moysés, 1996), desde o século XVIII, e criaram valores. São histórias orais, sobretudo contadas por mulheres, que se transformaram em contos e assim perpetuaram-se. A história das mulheres, portanto, é perpassada por histórias que as mulheres sempre usaram como arte, de contar, para sobre-e-viver e narram, contam e cantam: sobre lamentos, sobre o trabalho feminino (pastoras, colheitas), sobre socialização e disciplinarização. As histórias e os contos orais de tradição popular, reescritos por Perrault, propunham às crianças o ingresso na civilização e nos códigos sociais em vigor, assim como alguns contos como Cinderela e Barba Azul, por exemplo, falavam de trabalho e de um determinado modelo de feminino, que começava a se instaurar.

Nesse sentido, se conta e se têm contado histórias de espaços e tempos. Nem sempre os sujeitos se apropriaram delas e, portanto, não tendo sido escritas permanecem na oralidade, à espera de... Como se esperassem vir a ser contos de fadas. Para ser a subversão desse universo (Zipes, 1986; Moysés, 1995).

Algumas das histórias viram contos outras não, por vezes o que vira conto não se consegue mais transformar, o que não vira conto, por vezes, pode ser transformado. As mulheres utilizam-se das histórias de várias maneiras, mas vale a pena destacar que, também, as mulheres contam as histórias para suas filhas com o objetivo de introduzi-las num universo de valores e costumes consagrados como legítimos e corretos.

Para a realização deste trabalho foram escolhidas 12 meninas na faixa etária entre 9 e 13 anos que freqüentavam o Centro de Juventude¹⁰ do Jaguaré. As entrevistas foram realizadas no local onde desenvolvia minha prática profissional e, dessa maneira, ficou facilitado o acesso às meninas. Algumas conversas foram individuais e outras foram realizadas em grupos de 3 ou 4 meninas. Os depoimentos foram gravados e transcritos e tiveram uma duração média de 1 hora. Em geral, eu fazia as perguntas ou afirmações e elas respondiam, comentavam, e por vezes conversavam entre si.

Foram entrevistadas, também, 18 mulheres entre 27 e 40 anos: 14 mães de crianças da Creche e do Centro de Juventude e 4 trabalhadoras da instituição, sendo que duas delas são educadoras da Creche que lêem e escrevem precariamente, uma é educadora do Centro de Juventude e uma é faxineira; todas têm filhos nessa entidade, portanto, também são mães.

As entrevistas com as mulheres que eram mães da Creche foram realizadas em grupos, pois elas não tinham disponibilidade de tempo, e foram individuais com as trabalhadoras da Creche. Os depoimentos também foram gravados e transcritos.

Este trabalho está dividido em 5 partes. A primeira parte relata a reunião das mulheres com o título: **A sala da creche**. A 2ª parte é sobre as imagens de mulheres e de meninas em Perrault: **Da sala da creche aos salões franceses**. A 3ª parte são os **Contos e as histórias das mulheres**, a 4ª parte, sob o título **As meninas**, é composta por vários segmentos com os seguintes títulos: **Fragmentos femininos ou as meninas pobres; Meninas ricas; Percorrendo algumas linhas ou o lugar e o tempo das meninas-mulheres** e **A oralidade por escrito**. Por fim, a última parte contém um pequeno relato sobre a conversa com as mulheres-meninas com o título **Uma história sensível de leituras** e as **Considerações finais**. Este trabalho contém ainda um apêndice com algumas fotos das meninas-mulheres.

¹⁰ Programa de educação complementar, projeto implantado pela Prefeitura Municipal de São Paulo em 1976.

2 - A sala da creche

Eram 13 mulheres e 2 meninas. Um desses encontros de mulheres e de meninas. As mulheres demonstravam pressa. À tarde. Entre a saída de seus empregos e a saída das crianças da creche; entre a saída das crianças da creche e a preparação do jantar; entre o jantar e a preparação das coisas para o dia seguinte. Encontro de mulheres que vivem sempre nos entre(s). Atarefadas e com pressa; sentaram-se. Era pela primeira vez no dia. Ali começamos a conversar sobre suas infâncias, seus empregos, seus maridos, seus filhos, seus pais, sobre as histórias que já ouviram e que lhes foram contadas, enfim, sobre mulheres. Elas tinham a sensação de perda de tempo, mas, aos poucos, começaram a sentir prazer pela fala, pela conversa, pelos fluxos de palavras, pela sensações. Pelo encontro.

Mulheres que trabalham. Trabalham no doméstico, que mesmo sendo fora é um dentro. Elas estão sempre empregadas, diferentemente dos maridos que perambulam, ora em um emprego, ora em outro, ora em nenhum. Trabalham desde meninas, desde pequenas. Esta é uma das marcas fundamentais das mulheres desta classe social. O trabalho é o que caracteriza suas histórias, enquanto suas mães viviam maternidades incessantes e realizavam um árduo trabalho no campo, estas mulheres trabalham duro, ainda que um certo conforto característico do mundo urbano amenize um pouco as coisas. Suas filhas também trabalham, mas, algumas delas, conquistaram a escolaridade, por meio período estão libertas do trabalho doméstico, e acreditam que estão se preparando para não mais voltar a esta atividade.

Quando começaram a contar suas histórias, a infância e o ser adulto se confundiam. Quando grandes, realizam o que fizeram e aprenderam quando meninas, o trabalho doméstico. Não se sabe se são precoces quando meninas ou infantis quando adultas. Não existe a separação entre o mundo da infância e o do adulto.

Quando se instituiu e se definiu um lugar para a criança, criando-se a infância, a partir do século XVIII, concedeu-se a ela direitos e privilégios, entre eles, foi colocada no centro da família, criando-se espaços e tempos próprios e específicos para as

crianças. Ao mesmo tempo tirou-se dela a possibilidade de transitar, de existir em suas diferenças; as crianças foram encarceradas nas famílias e nas escolas. Transformaram-se no mesmo, menor, infantil e infantilizadas. A história das crianças seria, portanto, a história deste processo de infantilização. Que é vivido pelas classes sociais de baixa renda como falta, inexistência, insuficiência. Ou seja, a invenção da infância é também a produção dos “carentes” e faltosos de infância.

Essas mulheres e meninas possuem e produzem um tempo de infância, diferente, mas não se reconhecem nele, pois a infância está associada à ausência de trabalho e a determinados repertórios de brincadeiras. Estas mulheres/meninas que vivem a inexistência como o lugar institucional da criança, não transitam, vivem a infância acoplada com o trabalho, às vezes, e sobretudo o trabalho doméstico, o dentro, é esta separação que lutam para realizar.

“A minha vida... trabalhei desde criança, eu sou de Alagoas. As minhas filhas também são assim, eu quase que não tenho tempo, trabalho todo o tempo, só chego em casa de noite.”

“A minha infância foi na casa dos outros lavando privada. Tive uma infância ruim que nem sei o que é brincadeira.”

“...A gente vivia preso lá na roça, trabalhando na roça, com 4 anos colhia algodão, fava, nem que fossem 2 que colhia, tinha que ficar lá.”

“Eu sou de Alagoas. Nasci e me criei junto de meu pai..., minha vida era trabalhar na roça, meu primeiro vestido foi com 8 anos, sempre trabalhei...”

“Sou de Botucatu. Trabalhava em casa de família, eu perdi minha mãe muito cedo, eu tinha 10 anos...”

“Eu sou de Alagoas. Com 7 anos eu cuidava dos meus irmãos tudo, minha mãe trabalhava, e eu ficava em casa para dar de comer, lavar tudo.”

“Eu não tive infância. Eu tive filhos tão novinha, tive bonecas de verdade.”

Vivem um tempo de infância quando brincam trabalhando, quando produzem seus brinquedos tirados dos materiais de trabalho, quando se escondem dos pais e inventam brincadeiras e histórias, quando cantarolam nas atividades, quando se despregam de seus afazeres, realizando-os, e fazem e inventam outras coisas. Vivem um tempo de infância quando decidem não mais viver os sofrimentos em seus lugares de origem, e saem de qualquer maneira. Devir-criança.

“Nois não tinha boneca, nois pegava o sabugo de milho, enrolava e ia brincar, brincava com as minhas primas, com as vizinhas.”

“A gente brincava de pic-nic, fazia casinha no mato e cozinhava lá, juntava um grupo, mas aí minha mãe não deixava menino-homem ir,

não sei porque, só ia menina, se ela via que tinha algum menino ela botava logo para correr.”

Nas suas histórias, histórias contadas e ouvidas por tais mulheres, elas sempre associam a ausência de histórias com a falta de tempo. Sabem que ouvir, contar, ler e escrever exige tempo. Um tempo que expressam não tê-lo. Não há historinhas na hora de dormir, dizem elas. Não contam histórias, pois associam isto a ler histórias de livros à noite, mas *falam* histórias. Mas quando contam que não há histórias, falam histórias, então há histórias. Contam suas histórias de dia - do dia -, quando podem. Há uma falta de tempo no tempo do trabalho. Neste tempo não há tempo para histórias, como se o trabalho não fosse uma história, mas no tempo da oralidade - que estão imersas -, há histórias e configuram no presente, os passados e futuros. Narram e contam suas histórias, especialmente às meninas.

“À noite eu não conto histórias, eu chego muito cansada, vou jantar, tomar banho, dar banho na menor...”

“...História mesmo eu nem sei contar...”

“De noite eu quero dormir.”

Falam que as histórias que contam aos seus filhos são suas próprias histórias. Histórias que se aproximam, por vezes, das histórias dos contos de fadas, que não leram, mas que viveram. Por sua dureza e pelas perversidades que viveram quando crianças;

suas histórias possuem um caráter folclórico, disciplinar e moral. Apanharam, foram maltratadas, proibidas de estudar, de brincar, perderam os pais muito cedo ou foram entregues pelos seus pais a outras famílias, algumas pelo fato de serem mulheres - para realizar o trabalho doméstico nas casas em que foram entregues, ou porque, como meninas, são vistas como dóceis, obedientes e aptas a cuidar daqueles que envelhecem, e, também, porque em suas famílias de origem não teriam nenhuma possibilidade de sobrevivência, ou porque as famílias pobres se organizam em redes e não de maneira nuclear.

Dizem que não têm tempo para contar histórias. Mas falam histórias. Quais histórias estão ausentes em suas vidas de tantas histórias?

“Minha mãe, o que ela fazia era correr atrás da gente com um cabo. O que ela sabia fazer era isto, espancar a gente. Era louca, só pode ser.”

“Sofri muito em casa de família, eu era muito humilhada e maltratada.”

Pergunto a uma menina presente no encontro:

- Você lembra de histórias que foram contadas pela tua mãe?

“Sim, que ela apanhava e trabalhava.”

Histórias de suas vidas que, pelos seus conteúdos, pode-se afirmar que cumprem com a função que tinham os contos de fadas quando começaram a ser

contados para as crianças desfavorecidas, ou seja, “criar modelos de comportamento exemplares, em conformidade com os objetivos do processo de civilização”.¹¹

As histórias contadas por tais mulheres têm um forte caráter disciplinar. Contam suas histórias tentando produzir nos seus filhos o desejo de outras coisas. Coisas diferentes das que viveram. Suas histórias são quase que um modelo a ser seguido, às avessas. Contam suas histórias para que sejam transfiguradas.

Dizendo que não sabem contar histórias, mulheres, sobretudo elas, (nos depoimentos das meninas e das mulheres, apenas uma lembrava de uma história contada por um homem), falam histórias, especialmente para as meninas para: protegê-las do que viveram, inseri-las em suas histórias - protegendo-se, fazer as meninas ingressarem num tempo/espço feminino configurando um território já que as mulheres sempre usaram a arte de contar para sobre-e-viver, por hábito, pela satisfação em contar. Por ser uma via de expressão de emoções, falando elas percebem suas conquistas, pois, às vezes, ao contar, se distanciam do contado, por desejos etc.

Em algumas de suas histórias falam sobre aquilo que romperam. Rupturas que realizaram enquanto e como mulheres: sair de casa, trabalhar, constituir um tipo de família, ler e escrever, lutar pela escolaridade de seus filhos, lutar pela sobrevivência de sua família, e falam das proibições que sofreram, também como mulheres: de estudar, de trabalhar fora de casa, de ter prazer etc., em suas histórias se transfiguram. Nas suas vidas, histórias são proibições, ou possuem a função da ruptura (Propp, 1970).

*“...Eu me lembro, minha infância foi assim, nem meu pai conheci,
fui criada pela minha avó...”*

¹¹ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 28.

“Converso com eles, conto a minha vida, conto que nunca tive oportunidade de ter bons estudos, boas camas, minhas camas eram de pau.”

Às vezes, contam histórias de livros como num vai-e-vem entre as histórias de vida e as histórias, por vezes as histórias são contadas para substituir as histórias de vida, para aplacar e produzir a dor, para contar as conquistas, para atribuir sentido à vida, porque é gostoso contá-las. Negando que sabem contar histórias, também reproduzem histórias.

Com seus filhos aprendem as histórias dos contos de fadas que escutam pela primeira vez e se encantam. Falam que parece que conhecem tal história e se encantam com o final feliz.

“Hoje minhas crianças falam histórias para mim que nunca tinha ouvido na minha infância, eles falam para mim.”

A proibição da mulher de estudar, por exemplo, é uma prática antiga na história das mulheres¹², por isso também, mandar seus filhos e suas filhas para a escola é disruptivo em relação às suas histórias de vida. São tais histórias que contam aos seus filhos.

Várias destas mulheres tiveram rápidas passagens pela escola em seu lugar de origem. Algumas acabaram sendo proibidas de estudar. Em geral, esta proibição vinha do pai, que temia o ingresso de suas filhas no universo escolar.

¹² Ver, entre outros.: Philippe Ariès - *História Social da Criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, 2ª ed. e Cristina Bruschini e Bila Sorj (orgs.) - *Novos olhares: relações de gênero no Brasil*. São Paulo, Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.

“O meu pai não deixou mais eu ir na escola porque tinha muita gente e falou que eu ia namorar lá e não deixou mais eu estudar.”

“A minha escola foi uma enxada para plantar, para comer, não posso falar para vocês que eu sei, porque eu não sei, não posso falar isto.”

“Meu pai não deixava a gente estudar, a gente vivia preso lá na roça, trabalhando na roça.”

Uma das mulheres contou que a resistência à escolarização vinha da mãe:

“Eu também estudei por causa do meu pai, pela minha mãe não iríamos a lugar nenhum, ficaríamos na saia dela.”

Esta passagem pela cultura letrada marca estas mulheres, e define a necessidade de estudo para os seus filhos.

“Com a idade de 10 anos comecei a trabalhar em casa de família, me criei analfabeta, não sei ler, hoje eu agradeço a Deus meus filhos estarem aprendendo.”

“A vantagem de São Paulo para as mães são as creches para dar às crianças, elas saem para trabalhar, saem despreocupadas...”

Portanto, desde seus locais de origem, estão imersas no letramento - mesmo pelo impedimento -, o que significa a presença do escrito em suas vidas - apesar de muitas delas não saberem ler nem escrever, do ponto de vista do convencional. Nas suas práticas, como mulheres das classes populares, quando colocam suas filhas para estudar, respondem e rompem com antigas práticas impeditivas de mulher estudar, ler e escrever. Lutam pela escolaridade de seus filhos. Escola para os filhos e poder trabalhar fora de casa são as suas exigências. Muitas delas, quando partiram de seu Estado de origem, não foi apenas por fuga, desespero, miséria. Partiram por afirmação, por querer, por desejos e marcam suas novas vidas, impregnando-a de urbanidade, com positividade e conseguem, de fato, novas coisas para si e para os seus filhos.

Podemos afirmar que a partida de tais mulheres de seus lugares de origem são criações de linhas de fugas, uma linha de fuga que inaugura uma outra vida para as mulheres e meninas desta classe social, o que não tem significado que depois não haja mais endurecimento.

Para Deleuze-Guattari somos compostos por várias linhas, três espécies se destacam: molar, molecular e a de fuga. De todas “essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente na vida. As linhas de fuga - não será isso o mais difícil? Certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais”¹³.

Tais mulheres foram capazes de traçar em suas vidas, sem nenhuma possibilidade, esta linha molecular, e por esta via transitam e produzem acontecimentos.

¹³ Deleuze, Gilles e Guattari, Félix - *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, p. 76.

3 - Da sala da creche aos salões franceses - Contos de Perrault: imagens de mulheres, imagem de menina

Em 1910 Antti Aarne publica o primeiro catálogo sistemático sobre os contos, que é inventariado e classificado segundo normas histórico-geográficas. Em 1928, o folclorista americano Stith Thompson completa e aumenta esse catálogo, e a cada ano inclui novas versões. Em 1961 o livro é reeditado consideravelmente ampliado e pretende ser um catálogo sistemático de todos os contos populares do mundo¹⁴. Repertoriar os contos de fadas não é uma tarefa fácil dada a dificuldade inerente aos contos de se fixar por escrito às tradições orais. Alguns dos contos reportam-se aos séculos XII ao XV e foram sofrendo transcrições nem sempre fiéis à oralidade. Os contos populares constituem-se o substrato de onde surgiram os contos de fadas para as crianças. “A adaptação da tradição popular, ato de apropriação simbólico, foi uma recodificação do texto oral para ficar mais aceitável segundo os critérios de bom gosto discursivo da corte francesa e dos salões burgueses”¹⁵.

Antti Aarne e Stith Thompson postulam igualmente a existência para cada conto-tipo de um arquétipo, ou seja, de uma forma original do conto da qual derivariam todas as versões verificadas e também, sem dúvida nenhuma, outras perdidas no caminho. A esse arquétipo eles determinam uma existência histórica, considerando que cada conto-tipo nasceu num local único, a partir do qual se difundiu. Os autores supõem que os contos se transmitem sem transformações importantes durante longos períodos, de geração em geração, mas, assim que eles emigram para outras áreas geográficas, se modificam para se adaptar ao novo contexto cultural. As raízes históricas do conto são um pulular de pequenas raízes.

¹⁴ Antti Aarne et Stith Thompson, *The Types of the Folktale. A Classification and Bibliography*, Helsinki (F.F.C. nº 184), 1961 e Catherine Velay-Vallantin - *L'Histoire des contes*, Librairie Arthème Fayard, 1992.

¹⁵ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 39.

Muitos estudos na lingüística, entre romancistas e etnógrafos, foram e são elaborados sobre os contos de fadas. Além dos trabalhos dos classificadores, há os folcloristas, sendo que um dos primeiros que abriu caminho para uma renovação desses estudos foi o russo Vladimir Propp, a partir de uma nova proposta de análise estrutural e das significações do conto fantástico russo. Publicou em 1928 o livro: *Morphologie du conte*¹⁶, conhecido no Ocidente em 1958. No entanto, foram os estudos centrados na Psicanálise de Jung, Freud e Bettelheim que difundiram no Ocidente uma certa maneira de abordar e uma outra forma teórica de esquadrihar os contos de fadas, que foram considerados como relíquias que trazem os fantasmas que assolam a humanidade. O estudo do psiquismo serve-se do folclore, como da arte e dos sonhos, para ilustrar suas teorias. A abordagem clínica centrada sobre o diagnóstico e sobre a cura exploram os contos na medida em que eles jogam um papel no desenvolvimento da doença ou da cura, um exemplo bem conhecido é o Homem dos Lobos¹⁷. Dos contos aos fantasmas relacionando os motivos recorrentes, dos contos aos fantasmas que obcecaram a humanidade. Para Bruno Bettelheim¹⁸ os fantasmas mais difundidos na tradição oral parecem ser os mais arcaicos, aqueles que remontam à pequena infância. O conto pensado nessa perspectiva consagra os elementos de magia e perpetua um certo poder existente nos contos.

Mas do ponto de vista da história dos contos de fadas o que há é uma ausência, a história cultural e social dos contos de fadas é a história dessa ausência. Esboços ou cronologias dos contos acabam sendo considerados como história, ou por outro lado, deixa-se a impressão de que os contos são “fora do tempo”, sem tempo ou intemporal, como se fossem universais e de pouca importância se definir onde, quando e por quê foram escritos. (Zipes)

Ficamos como que impregnados por um certo encantamento que eles difundem: produzem e aquietam angústias, são instrumentos terapêuticos. É como se

¹⁶ Vladimir Propp - *Morphologie du conte*, “Points”, Seuil, 1970.

¹⁷ Ginzburg, Carlo - “Freud, o homem dos lobos e os lobisomens” in *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

¹⁸ Bettelheim, Bruno - *Psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. 7ª edição.

houvesse um consenso ou alguma norma social estabelecida para não estudá-los e nem dissecá-los, como se uma investigação pudesse destruir estes poderes mágicos que lhes são atribuídos. É exatamente por este seu caráter terapêutico, universal, miraculoso que eles devem ser investigados. O que se transmite nos contos, por meio destes seus atributos?

Segundo J. Zipes, “os contos de fadas que conhecemos como ‘clássicos’ não são intemporais, universais e soberbos neles mesmos e por eles mesmos. E nem são a melhor terapia do mundo para as crianças. Eles são prescrições históricas, interiorizadas, potentes, explosivas e reconhecemos de boa vontade o imenso poder que eles detêm sobre nossas vidas, ao mesmo tempo que as mistificam”¹⁹. O passado é misterioso e assim deve permanecer.

Jack Zipes será um dos primeiros historiadores a estudar a história do conto, no sentido de propor a subversão desse universo, já que é um universo inscrito, apesar de sua aparente neutralidade, universalidade e imutabilidade, num determinado contexto e propõe valores. Valores que foram aceitos como legítimos, por exemplo, durante o período da Alemanha Nazista.

Este fato mostra “a intensa tensão que existe entre a divulgação do conto, sua circulação, sua reformulação por novas comunidades, e o efeito do retorno dessa história reconsiderada sobre seu lugar inicial de elaboração”²⁰.

Os contos devem ser retomados sob uma nova perspectiva, para a sua subversão. Os contos de fadas consagram e contemplam uma forma arcaica e tradicional de sociedade, como veremos. Um dos aspectos da magia, presente nos contos de fadas, pouco enfatizada, é a forma pela qual os leitores encontraram de liberar os contos de seu próprio discurso, concordando com Chartier “de que a leitura, por definição, é rebelde e vadia”²¹. A liberdade da leitura e dos leitores, às vezes, “se desviam e reformulam” as significações que estão reduzidas num livro.

¹⁹ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 23.

²⁰ Velay-Vallantin, Catherine - *L'histoire des contes*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1992, p.38.

²¹ Chartier, Roger - *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Brasília, Ed. UNB, 1994, p. 8.

“Eu sou de Alagoas. Nasci e me criei junto de meu pai..., minha vida era trabalhar na roça, meu primeiro vestido foi com 8 anos, sempre trabalhei...”

“Sou de Botucatu. Trabalhava em casa de família, eu perdi minha mãe muito cedo, eu tinha 10 anos...”

“Eu sou de Alagoas. Com 7 anos eu cuidava dos meus irmãos tudo, minha mãe trabalhava, e eu ficava em casa para dar de comer, lavar tudo.”

“Eu não tive infância. Eu tive filhos tão novinha, tive bonecas de verdade.”

Vivem um tempo de infância quando brincam trabalhando, quando produzem seus brinquedos tirados dos materiais de trabalho, quando se escondem dos pais e inventam brincadeiras e histórias, quando cantarolam nas atividades, quando se despregam de seus afazeres, realizando-os, e fazem e inventam outras coisas. Vivem um tempo de infância quando decidem não mais viver os sofrimentos em seus lugares de origem, e saem de qualquer maneira. Devir-criança.

“Nois não tinha boneca, nois pegava o sabugo de milho, enrolava e ia brincar, brincava com as minhas primas, com as vizinhas.”

“A gente brincava de pic-nic, fazia casinha no mato e cozinhava lá, juntava um grupo, mas aí minha mãe não deixava menino-homem ir,

não sei porque, só ia menina, se ela via que tinha algum menino ela botava logo para correr.”

Nas suas histórias, histórias contadas e ouvidas por tais mulheres, elas sempre associam a ausência de histórias com a falta de tempo. Sabem que ouvir, contar, ler e escrever exige tempo. Um tempo que expressam não tê-lo. Não há historinhas na hora de dormir, dizem elas. Não contam histórias, pois associam isto a ler histórias de livros à noite, mas *falam* histórias. Mas quando contam que não há histórias, falam histórias, então há histórias. Contam suas histórias de dia - do dia -, quando podem. Há uma falta de tempo no tempo do trabalho. Neste tempo não há tempo para histórias, como se o trabalho não fosse uma história, mas no tempo da oralidade - que estão imersas -, há histórias e configuram no presente, os passados e futuros. Narram e contam suas histórias, especialmente às meninas.

“À noite eu não conto histórias, eu chego muito cansada, vou jantar, tomar banho, dar banho na menor...”

“...História mesmo eu nem sei contar...”

“De noite eu quero dormir.”

Falam que as histórias que contam aos seus filhos são suas próprias histórias. Histórias que se aproximam, por vezes, das histórias dos contos de fadas, que não leram, mas que viveram. Por sua dureza e pelas perversidades que viveram quando crianças;

suas histórias possuem um caráter folclórico, disciplinar e moral. Apanharam, foram maltratadas, proibidas de estudar, de brincar, perderam os pais muito cedo ou foram entregues pelos seus pais a outras famílias, algumas pelo fato de serem mulheres - para realizar o trabalho doméstico nas casas em que foram entregues, ou porque, como meninas, são vistas como dóceis, obedientes e aptas a cuidar daqueles que envelhecem, e, também, porque em suas famílias de origem não teriam nenhuma possibilidade de sobrevivência, ou porque as famílias pobres se organizam em redes e não de maneira nuclear.

Dizem que não têm tempo para contar histórias. Mas falam histórias. Quais histórias estão ausentes em suas vidas de tantas histórias?

“Minha mãe, o que ela fazia era correr atrás da gente com um cabo. O que ela sabia fazer era isto, espancar a gente. Era louca, só pode ser.”

“Sofri muito em casa de família, eu era muito humilhada e maltratada.”

Pergunto a uma menina presente no encontro:

- Você lembra de histórias que foram contadas pela tua mãe?

“Sim, que ela apanhava e trabalhava.”

Histórias de suas vidas que, pelos seus conteúdos, pode-se afirmar que cumprem com a função que tinham os contos de fadas quando começaram a ser

contados para as crianças desfavorecidas, ou seja, “criar modelos de comportamento exemplares, em conformidade com os objetivos do processo de civilização”.¹¹

As histórias contadas por tais mulheres têm um forte caráter disciplinar. Contam suas histórias tentando produzir nos seus filhos o desejo de outras coisas. Coisas diferentes das que viveram. Suas histórias são quase que um modelo a ser seguido, às avessas. Contam suas histórias para que sejam transfiguradas.

Dizendo que não sabem contar histórias, mulheres, sobretudo elas, (nos depoimentos das meninas e das mulheres, apenas uma lembrava de uma história contada por um homem), falam histórias, especialmente para as meninas para: protegê-las do que viveram, inseri-las em suas histórias - protegendo-se, fazer as meninas ingressarem num tempo/espço feminino configurando um território já que as mulheres sempre usaram a arte de contar para sobre-e-viver, por hábito, pela satisfação em contar. Por ser uma via de expressão de emoções, falando elas percebem suas conquistas, pois, às vezes, ao contar, se distanciam do contado, por desejos etc.

Em algumas de suas histórias falam sobre aquilo que romperam. Rupturas que realizaram enquanto e como mulheres: sair de casa, trabalhar, constituir um tipo de família, ler e escrever, lutar pela escolaridade de seus filhos, lutar pela sobrevivência de sua família, e falam das proibições que sofreram, também como mulheres: de estudar, de trabalhar fora de casa, de ter prazer etc., em suas histórias se transfiguram. Nas suas vidas, histórias são proibições, ou possuem a função da ruptura (Propp, 1970).

*“...Eu me lembro, minha infância foi assim, nem meu pai conheci,
fui criada pela minha avó...”*

¹¹ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 28.

“Converso com eles, conto a minha vida, conto que nunca tive oportunidade de ter bons estudos, boas camas, minhas camas eram de pau.”

Às vezes, contam histórias de livros como num vai-e-vem entre as histórias de vida e as histórias, por vezes as histórias são contadas para substituir as histórias de vida, para aplacar e produzir a dor, para contar as conquistas, para atribuir sentido à vida, porque é gostoso contá-las. Negando que sabem contar histórias, também reproduzem histórias.

Com seus filhos aprendem as histórias dos contos de fadas que escutam pela primeira vez e se encantam. Falam que parece que conhecem tal história e se encantam com o final feliz.

“Hoje minhas crianças falam histórias para mim que nunca tinha ouvido na minha infância, eles falam para mim.”

A proibição da mulher de estudar, por exemplo, é uma prática antiga na história das mulheres¹², por isso também, mandar seus filhos e suas filhas para a escola é disruptivo em relação às suas histórias de vida. São tais histórias que contam aos seus filhos.

Várias destas mulheres tiveram rápidas passagens pela escola em seu lugar de origem. Algumas acabaram sendo proibidas de estudar. Em geral, esta proibição vinha do pai, que temia o ingresso de suas filhas no universo escolar.

¹² Ver, entre outros.: Philippe Ariès - *História Social da Criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, 2ª ed. e Cristina Bruschini e Bila Sorj (orgs.) - *Novos olhares: relações de gênero no Brasil*. São Paulo, Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.

“O meu pai não deixou mais eu ir na escola porque tinha muita gente e falou que eu ia namorar lá e não deixou mais eu estudar.”

“A minha escola foi uma enxada para plantar, para comer, não posso falar para vocês que eu sei, porque eu não sei, não posso falar isto.”

“Meu pai não deixava a gente estudar, a gente vivia preso lá na roça, trabalhando na roça.”

Uma das mulheres contou que a resistência à escolarização vinha da mãe:

“Eu também estudei por causa do meu pai, pela minha mãe não iríamos a lugar nenhum, ficaríamos na saia dela.”

Esta passagem pela cultura letrada marca estas mulheres, e define a necessidade de estudo para os seus filhos.

“Com a idade de 10 anos comecei a trabalhar em casa de família, me criei analfabeta, não sei ler, hoje eu agradeço a Deus meus filhos estarem aprendendo.”

“A vantagem de São Paulo para as mães são as creches para dar às crianças, elas saem para trabalhar, saem despreocupadas...”

Portanto, desde seus locais de origem, estão imersas no letramento - mesmo pelo impedimento -, o que significa a presença do escrito em suas vidas - apesar de muitas delas não saberem ler nem escrever, do ponto de vista do convencional. Nas suas práticas, como mulheres das classes populares, quando colocam suas filhas para estudar, respondem e rompem com antigas práticas impeditivas de mulher estudar, ler e escrever. Lutam pela escolaridade de seus filhos. Escola para os filhos e poder trabalhar fora de casa são as suas exigências. Muitas delas, quando partiram de seu Estado de origem, não foi apenas por fuga, desespero, miséria. Partiram por afirmação, por querer, por desejos e marcam suas novas vidas, impregnando-a de urbanidade, com positividade e conseguem, de fato, novas coisas para si e para os seus filhos.

Podemos afirmar que a partida de tais mulheres de seus lugares de origem são criações de linhas de fugas, uma linha de fuga que inaugura uma outra vida para as mulheres e meninas desta classe social, o que não tem significado que depois não haja mais endurecimento.

Para Deleuze-Guattari somos compostos por várias linhas, três espécies se destacam: molar, molecular e a de fuga. De todas “essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente na vida. As linhas de fuga - não será isso o mais difícil? Certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais”¹³.

Tais mulheres foram capazes de traçar em suas vidas, sem nenhuma possibilidade, esta linha molecular, e por esta via transitam e produzem acontecimentos.

¹³ Deleuze, Gilles e Guattari, Félix - *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, p. 76.

3 - Da sala da creche aos salões franceses - Contos de Perrault: imagens de mulheres, imagem de menina

Em 1910 Antti Aarne publica o primeiro catálogo sistemático sobre os contos, que é inventariado e classificado segundo normas histórico-geográficas. Em 1928, o folclorista americano Stith Thompson completa e aumenta esse catálogo, e a cada ano inclui novas versões. Em 1961 o livro é reeditado consideravelmente ampliado e pretende ser um catálogo sistemático de todos os contos populares do mundo¹⁴. Repertoriar os contos de fadas não é uma tarefa fácil dada a dificuldade inerente aos contos de se fixar por escrito às tradições orais. Alguns dos contos reportam-se aos séculos XII ao XV e foram sofrendo transcrições nem sempre fiéis à oralidade. Os contos populares constituem-se o substrato de onde surgiram os contos de fadas para as crianças. “A adaptação da tradição popular, ato de apropriação simbólico, foi uma recodificação do texto oral para ficar mais aceitável segundo os critérios de bom gosto discursivo da corte francesa e dos salões burgueses”¹⁵.

Antti Aarne e Stith Thompson postulam igualmente a existência para cada conto-tipo de um arquétipo, ou seja, de uma forma original do conto da qual derivariam todas as versões verificadas e também, sem dúvida nenhuma, outras perdidas no caminho. A esse arquétipo eles determinam uma existência histórica, considerando que cada conto-tipo nasceu num local único, a partir do qual se difundiu. Os autores supõem que os contos se transmitem sem transformações importantes durante longos períodos, de geração em geração, mas, assim que eles emigram para outras áreas geográficas, se modificam para se adaptar ao novo contexto cultural. As raízes históricas do conto são um pulular de pequenas raízes.

¹⁴ Antti Aarne et Stith Thompson, *The Types of the Folktale. A Classification and Bibliography*, Helsinki (F.F.C. nº 184), 1961 e Catherine Velay-Vallantin - *L'Histoire des contes*, Librairie Arthème Fayard, 1992.

¹⁵ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 39.

Neste capítulo, pretendo mostrar as imagens de mulheres construídas pelos contos de fadas de Perrault e que são históricas, tomando-se em conta fundamentalmente os trabalhos de Catherine Velay-Vallantin e Jack Zipes.

Neste capítulo, pretendo mostrar as imagens de mulheres construídas pelos contos de fadas de Perrault e que são históricas, tomando-se em conta fundamentalmente os trabalhos de Catherine Velay-Vallantin e Jack Zipes.

Era uma vez...

“Você não está vendo que não podemos mais alimentar nossos filhos. Não tenho coragem de vê-los morrer de fome diante dos meus olhos e estou resolvido a levá-los amanhã à floresta e deixá-los lá, perdidos, o que não é difícil de fazer, pois enquanto eles se distraírem catando gravetos nós fugimos sem que eles percebam’. ‘Ai, ai!’, gemeu a lenhadora, ‘você será capaz, você mesmo, de abandonar os seus filhos na floresta?’ Não adiantou o marido mostrar a ela como era grande a sua miséria, ela não podia consentir naquela idéia. Ela era pobre, mas era a mãe dos meninos.

Contudo, depois de refletir como seria doloroso ver os filhos morrerem de fome, ela acabou consentindo, e foi-se deitar chorando.

(...)

(...) Ela subiu ao quarto deles e grande foi o seu espanto ao ver suas sete filhas degoladas e mergulhadas numa poça de sangue. Ela começou por desmaiar (pois é essa a primeira providência que tomam quase todas as mulheres em situações semelhantes).”

(Perrault, O Pequeno Polegar)

“Entretanto, no momento em que cada um tomava o seu lugar à mesa, todos viram entrar no salão uma velha fada, que não tinha sido convidada porque fazia mais de cinquenta anos que ela vivia isolada numa torre e todos julgavam que ela estivesse morta ou encantada. O rei mandou colocar prato e talhares para ela, mas não teve meios de lhe dar um estojo de ouro maciço, como o das outras, porque tinha mandado fazer só sete, para as sete fadas. A fada achou que tinha sido menosprezada, e resmungou entre dentes algumas ameaças (...)

Enquanto isso, as fadas começavam a distribuir os dons para a princesa. A mais nova declarou que ela seria a mais bela criatura do mundo; a seguinte, que ela teria o espírito de anjo; a terceira, que teria uma graça admirável em tudo o que fizesse; a quarta, que saberia dançar maravilhosamente; a quinta, que cantaria como um rouxinol; a sexta, que tocaria com perfeição qualquer tipo de instrumento. Chegou a vez da velha fada, e ela, então balançando a cabeça, declarou mais por despeito do que por caduquice, que a princesa iria morrer ao espetar a mão com um fuso.”

(Perrault, A Bela Adormecida do Bosque)

“Era uma vez um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais orgulhosa e mais arrogante que já existiu até hoje.

Ela tinha duas filhas com o mesmo temperamento seu e que se pareciam com ela em tudo. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa, e de uma bondade exemplar.

Tinha herdado isso de sua mãe, que havia sido a melhor criatura do mundo.

Mal foi celebrado o casamento, a madrasta já começou a mostrar o seu mau humor. Ela não tolerava as boas qualidades da enteada porque faziam com que suas filhas parecessem mais detestáveis.

Por isso, obrigou a moça a fazer os trabalhos mais grosseiros da casa: era ela que lavava a louça e as panelas, que varria o quarto dela e das filhas. A moça dormia num quartinho no alto da casa, que servia de celeiro, e sua cama era um punhado de palha. Suas irmãs, ao contrário, dormiam em quartos assoalhados, com camas das mais modernas e elegantes, e grandes espelhos em que elas podiam mirar-se dos pés à cabeça. A pobre moça suportava tudo com paciência e não ousava queixar-se ao pai, sabendo que ele a repreenderia, pois era inteiramente dominado por sua mulher.

Depois que terminava o seu trabalho, ela se recolhia a um quarto da chaminé, no meio das cinzas do borrarho, o que fez com que passasse a ser chamada na casa da Borracheira.

(...)

Foi então que suas irmãs a reconheceram como sendo a linda princesa que tinham visto no baile. Elas se atiraram a seus pés para pedir perdão por todos os maus-tratos que lhe tinham feito. Cinderela fez as duas se levantarem e disse, abraçando-as, que as perdoava de bom coração e lhes pedia que a amassem sempre.”

(Petrault, Cinderela ou Sapatinho de Cristal)

“Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia e era a coisa mais linda que se podia imaginar...”

Ao atravessar a floresta, ela encontrou o Sr. Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não ousou fazer isto, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo respondeu.

(...)

Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou muito admirada ao ver como a avó estava esquisita em seu traje de dormir.

(...)

‘Vovó, como são grandes os seus dentes!’ ‘É para te comer!’ E assim dizendo, o malvado lobo atirou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

(Perrault, Chapeuzinho Vermelho)

A partir do séc. XVII, com os contos de fadas, Perrault constrói com suas histórias imagens de mulheres, tendo como substrato os contos orais populares²², que são largamente difundidos e contados às crianças que se foram constituindo em público-alvo dessas histórias, e que lhes são contadas até hoje em dia. São imagens simples, claras e unidimensionais do ponto de vista da perspectiva da narrativa que refletem as limitações de uma sociedade com alternativas de vida extremamente limitadas.

Tais imagens variam entre as mulheres más e as boas. Quando más, habita a inveja, o ressentimento, a feiura, a velhice, a perversão e, obviamente, a maldade. São as que estão retratadas nas bruxas e nas madrastas, já que as imagens de mães também são construídas, como contraste. Tais mulheres são castigadas no final, morrem, mas não só isto, morrem exemplarmente, ou ocorre uma inversão nos papéis, em que elas, de alguma maneira, acabam sendo submetidas às maldades que cometeram. Há as mulheres nem boas e nem más, são, por exemplo, mães pobres, que são obedientes e se submetem às ordens do marido, como abandonar os filhos na floresta, no caso do Pequeno Polegar. Esses contos, segundo Zipes, são endereçados aos meninos e aos homens.

A pobreza é sempre uma referência, negativa, que faz parte de um certo clima triste, amargurado, de uma temporalidade sem tempo, em que o trabalho é sempre o mesmo, opressivo e repetitivo. O conto da Cinderela descreve estes trabalhos, nos quais os de casa são exemplos, que Perrault qualifica como sendo os mais grosseiros, em geral os que hoje em dia são realizados pelas empregadas domésticas. Ali o trabalho doméstico é retratado como negatividade, opressão, submetimento, e ficar rica é uma das recompensas oferecidas. Quando há pobreza, há um trabalho incessante e doméstico, que é sempre abandonado pela mulher quando lhe é concedido um final feliz. Como mágica, desaparece o trabalho doméstico e quem os realiza.

²² Por exemplo no conto do Chapeuzinho Vermelho: "Ce conte qui existe de longue date dans la tradition française, n'a cessé d'être conté depuis le Moyen Age. Il fut particulièrement populaire entre le XV^e et le XVII^e siècle, période de développement de toutes les superstitions concernant les loups et de chasse aux sorcières. (...) Le conte du loup et de la petite fille, *sans* le chaperon rouge et *sans* le nom qui en découle, était populaire également dans la région où vivaient Perrault et sa famille." (Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 46)

As qualidades consagradas por Perrault às mulheres exemplares são: bondade, submissão e obediência, paciência, aceitação de uma situação dada, compaixão, generosidade (ser gentil), graça (saber dançar e cantar), alegria. Esses atributos femininos estão “à disposição” de um homem que os reconheça, e se case com aquela que os porte.

Nos contos “clássicos”²³ mais populares, como o Chapeuzinho Vermelho, a menina é vista como ingênua, infantil e ignorante. A menina quando retratada nos contos de fadas ou tem um papel secundário, ou é vista com as características descritas no conto da Chapeuzinho Vermelho: a ingenuidade e a ignorância são as suas qualidades.

Há uma ordem hierárquica na família retratada nos contos “clássicos”: o pai no cume, em seguida a mãe, depois os filhos (meninos) e por fim as meninas. Esse é o retrato da família patriarcal que não foi absolutamente alterado, mas, sim, constantemente reafirmado e enfatizado. Na realidade, os contos sofreram uma “patriarcalização” na modernidade que não lhes pertenciam.

“É assim que, progressivamente, os contos tradicionais orais, originariamente marcados de mitologia matriarcal e que circulavam durante a Idade Média foram transformados de diversas maneiras: a madrinha tornou-se uma bruxa, uma fada demoníaca ou uma madrasta; a jovem princesa determinada e ativa tornou-se um jovem/homem; as linhas maternas do nascimento ou por casamento passam às linhas paternas... Um conjunto de símbolos baseados em ritos matriarcais foram diminuídos, enfraquecidos e banalizados; o modelo de ação que concernia a maturidade, a coesão ou a integridade dos heróis ou heroínas foram gradualmente modificados para se dar mais poder e vantagens à dominação e à riqueza” (Zipes, p. 18).

²³ Zipes chama de contos de fadas “clássicos” os contos de Perrault, dos irmãos Grimm, Andersen, que são, segundo ele, contos (re)conhecidos universalmente, “prescrições históricas, interiorizadas, potentes, explosivas, que nós reconhecemos voluntariamente o imenso poder que eles detêm, na mistificação, sobre nossas vidas”. (Idem, ibidem, p. 23) (tradução livre)

Os contos tradicionais retratam a realidade sem travestir a violência e a brutalidade da vida cotidiana: crianças esfomeadas, violadas, severas punições corporais, exploração abusiva, tais eram as condições de vida que são as raízes dos contos tradicionais e que foram transfigurados.

O que constrói Perrault? O que faz com as histórias contadas oralmente? O que a escrita busca perpetuar?

Reconstruir a história dos contos não é uma tarefa fácil, como já foi dito, pois eles trazem à tona elementos da oralidade, o seu caráter popular e, posteriormente, o tema da infância, elementos que nem sempre tiveram importância nos estudos sócio-históricos. Os contos são originários de oralidades e foram contados popularmente - e esse caráter oral se perpetua nos contos mesmo quando estão escritos.

Nos contos de Perrault, a oralidade se impõe quando ele dá algumas “dicas” em relação ao tom em que deve ser contada a fala do lobo²⁴, por exemplo. No momento da produção dos contos, o lugar da oralidade é determinante. Essas histórias foram apropriadas pela máquina de escritura, o que significou que estratégias editoriais passaram a ter importância. Os contos, no séc. XVII, estão submetidos às regras da conversação, quanto mais são ornamentados mais são aceitos como uma forma de discurso dominante. O caráter de oralidade persiste (os contos são para serem contados), mesmo perdendo sua temporalidade é como se tivessem existido desde sempre. Perrault pretende capturar o público da “Biblioteca Azul”²⁵, e tinha como fonte narrativa Boccaccio. É este seu caráter oral e popular que permite outras versões, que são muitas.

²⁴ No manuscrito de Perrault, no conto do Chapeuzinho, o autor escreve uma anotação didática destinada a explicitar a famosa ameaça do lobo “É para te comer”: “**On prononce ces mots d’une voix forte pour faire peur à l’enfant comme si le loup l’alait manger**”. (C. Vellay- Vallantin, “Les contes de Perrault en France et en Angleterre”, in *Écrire, voir, conter*. Christin, Anne-Marie (org.) Textuel n° 25, Paris 7, 1993, p.88.

²⁵ “A ‘Biblioteca Azul’ são séries editadas em Troyes, ao longo do séc. XVII, que reunia textos bem diferentes entre si, não exclusivamente populares, mas todos uniformizados em edições que pretendiam baratear ao máximo seu custo e alcançar o maior número possível de leitores. Os procedimentos que demarcavam esse objetivo, vale dizer, que pretendiam facilitar o acesso de um leitor que se pretendia

Essas histórias descolam de seus meios de produção e subsistem como uma espécie de “energia social”, (re)produzindo e (re)propondo modelos de condutas e de feminino, ou seja, é uma literatura oral que se mantém de uma época a outra sob formas historicamente diferentes. Estudiosos dos contos de fadas mostraram que este despregamento histórico permitiu, por exemplo, na Alemanha, que eles fossem usados pelos nazistas para legitimar o racismo, o sexismo, o autoritarismo, reabilitando uma herança teutônica (Vellay-Vallantin, 1992). Os contos de fadas “clássicos” foram os mais difundidos e conhecidos das crianças e dos adultos durante a República de Weimar e no período nazista e encontraram um terreno favorável durante o 3º Reich. Os contos foram usados com o intuito de persuadir as crianças a se conformar com os modelos dominantes no processo de socialização. “Mas é virtualmente impossível de se determinar a significação individual que um conto de fada pode ter para tal ou qual criança, e de avaliar a significação global que eles podem ter em uma época dada.”²⁶

G. Grenz, um intérprete da ideologia nacional-socialista, acentua a luta entre dois mundos: o ariano definido como puro, contra o resto do mundo alienado e contaminado. Ao analisar as características do conto da Cinderela, por exemplo, afirma que as características que lhes são imputadas são o conjunto “do melhor da espécie”, a pureza da raça, uma ariana, e o príncipe, um ariano (Zipes, 1986). Apesar dos contos serem utilizados durante o período fascista para dar às crianças o senso da raça e da sua herança nórdica, isto não significa que eles foram assim apreendidos.

O conto não é um objeto imóvel, ele é (re)apropriado de várias maneiras, ele não é repetido ao infinito da mesma forma. O conto Barba Azul, por exemplo, é um conto que no final do séc. XVII é modificado de sua versão oral para a versão escrita, pois estava presente a idéia da cristianização de seu público. No conto da Cinderela há diferentes

comum, operavam o texto de sorte a aumentar o número de capítulos, diminuir o tamanho do parágrafos, abreviar ou cortar certas passagens e, no caso de textos mais antigos, modernizar a ortografia. O curioso é que, muitas vezes, isto se fazia às custas do comprometimento do próprio sentido básico do texto, o que parece indicar que, pelo menos em relação a tais leitores, a articulação dos conteúdos nem sempre tem o primeiro papel no interesse prático da leitura”. (Chartier, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996, p. 11)

²⁶ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 191.

versões orais que emanam de uma tradição matriarcal e que é ridicularizada na versão de Perrault que projeta um modelo de passividade feminino que não estava presente na oralidade²⁷; o que deve ter sido levado em conta para tal modificação foi o auditório a que se destinava. O conto do Chapeuzinho Vermelho tem o seu epílogo modificado, pois um certo público não pode suportar o final dado por Perrault, e cria soluções como a do caçador salvador.

Os contos desempenham uma função de mediação, de intermediário, desde a sua criação, entre a corte e os salões franceses do séc. XVII - espaço de elaboração -, entre a cultura do rei e a popular, entre a memória científica, latina, e a memória coletiva francesa. O conto é, também, uma mediação entre a oralidade e a escrita.

Cada conto é produto de vários autores, das trocas, entre as leituras públicas nos salões privados, das modificações das edições em edições para ser publicadas, as escolhas das imagens, com o objetivo de abranger um público cada vez maior.

Mas é o caráter civilizador, a civilidade, que é a chave para se compreender o papel que os contos de fadas tiveram na França, e sua importância na dinâmica da civilização, segundo Zipes. Um discurso simbólico, sobre o processo de civilização.

Eric Hobsbawm, segundo Velay-Vallantin, diz em relação aos contos de fadas de Perrault que “há uma necessidade de simbolizar a coesão social de certos grupos letrados, e a intenção de inculcar as crenças e os protocolos aos jovens, enfim a construção implícita de uma comunidade nacional”²⁸. Esse processo civilizador “coincide” com um acréscimo de poder socioeconômico da burguesia, em particular na França e na Inglaterra, de tal maneira que as transformações sociais e religiosas e as perspectivas políticas foram representativas, por sua vez, dos interesses aristocráticos e burgueses. Esse processo civilizador significa também, na época da Reforma, uma caça às bruxas. Por isso os contos de fadas estão permeados de bruxas, feiticeiras e matanças. O homem civilizado é o homem da corte acrescido das qualidades burguesas de honestidade, aplicação, responsabilidade e

²⁷ No conto oral, Cinderela deseja sobretudo ser reconhecida e não se casar, o fato de usar roupas “bizarras” é afirmação simbólica de sua força e independência de seu caráter, e não desejo de ter um marido que a tire dessa condição (Zipes, 1986).

²⁸ Velay-Vallantin, Catherine - *L'histoire des contes*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1992, p. 30.

ascetismo. Nos contos de fadas não há padres e nem igrejas e as transformações mágicas não levam a nenhum outro mundo, é o mesmo mundo, porém civilizado e higienizado. O sonho dos personagens das classes inferiores ou das pessoas oprimidas não se realiza pela criação de uma nova ordem social ou de novas relações familiares, mas sim de se obter reconhecimento no interior e no exterior de sua família de origem, pois é a tensão, e não a harmonia, a característica das relações familiares, há conflitos na família, mas não há rejeição.

A noção de civilidade é indispensável para interpretar o conto como um discurso literário com o objetivo “de nutrir de hábitos, práticas e valores permitindo uma entrada mais fácil na civilização regida por códigos sociais aristocráticos, é necessário de se analisar as narrações como apelos às reivindicações nobres e às novas alianças socio-culturais”²⁹.

Quando Perrault escreve seus contos há uma crise na aristocracia, os autores de contos próximos dessa aristocracia propõem um arsenal de propagandas pelos valores cavaleirescos e camponeses: o tema do triunfo guerreiro e da nobreza, aquele em que o rei deve o seu trono, por exemplo, é abundantemente utilizado. Mas paradoxalmente o conto procede a um processo de suavização da violência imposta pela corte à nobreza, dando aos valores cavaleirescos um terreno de expressão, aquele da escrita, menos perigoso para a realeza que toda a oposição real. A aristocracia da corte encontrou nesses autores uma espécie de porta-vozes da sua ambivalência. “Em uma época plena de (re)distribuição de valores e de papéis: de grupos escolhidos saídos das populações urbanas letradas, próximos dos salões literários. A melhor legitimação que Perrault oferece a este ‘empreendimento’ é a transmissão oral: este número infinito de pais, mães, avós, de governantas e de grandes amigos que desde, talvez, mais de mil anos acrescentou um enriquecimento das histórias em agradáveis circunstâncias”³⁰.

²⁹ Velay-Vallantin, Catherine - “Raisons et modalités de la fortune des contes de Perrault en France et en Angleterre: de la production à la traduction (XVII^e-XIX^es.)” in Christin, Anne-Marie - *Écrire, voir, conter*. Paris, Textuel, n^o25, Paris 7, 1993, p. 90.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 91.

Nos contos de Perrault a infância está presente no seio de uma comunidade que não se situa em termos de público específico, no entanto, quanto mais os contos de fadas passaram a ser destinados à infância mais moralizadores se constituíram. Produzir um público infantil significa ao mesmo tempo, socializá-lo, conformá-lo às normas precisas, moralizando-o; na modernidade as linhas literárias, sociais, políticas, médicas e pedagógicas tecem um grupo infantil, como um grupo separado a ser instruído e conformado segundo valores de conduta, que passa a ser alvo e objeto de poder e de saber. A escola será fundamental neste processo.

“Os contos de fadas eram utilizados como um meio de apresentar e de discutir os métodos educacionais e os comportamentos instituídos em modelos calcados sobre as práticas da sociedade da corte e dos meios burgueses, e inspirados nos escritos teóricos sobre os costumes. O ponto final da convergência disto era a civilidade”³¹.

O conto oral de tradição popular se converte, portanto, em um tipo de discurso literário, com o objetivo de nutrir os costumes, práticas e valores de certa época para que as crianças entrem mais facilmente na civilização regida pelos códigos sociais em vigor (Zipes, 1986). Essa interação leva finalmente a um discurso simbólico institucionalizado sobre o processo de civilização, ao qual os contos de fadas servem de base. Os contos de fadas constituem-se numa intervenção na socialização de uma comunidade que os recebe.

Se compararmos os contos populares orais nascidos da tradição das sociedades matriarcais, que colocam em cena o modelo do “casal animal”, com as versões literárias dos contos maravilhosos, por exemplo, da Bela e da Fera, ao final do séc. XVII, fica evidente as transformações das maneiras de representar as configurações sexuais e os modelos culturais que são conformados às transformações significativas ocorridas na dinâmica da civilização. A mulher é quem fará as vestimentas humanas e fará o homem-animal aceitar a casa como uma ocupação doméstica. O modelo cultural simbólico do matriarcado que designa a mulher como a iniciadora da ação e da integração do homem foi constantemente colocado em questão durante os séculos tanto na tradição oral quanto na

³¹ Zipes, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Paris, Payot, 1986, p. 49.

literária. Isto resulta que no fim do século XVII a salvação feminina só pode ser cumprida com a “sacrificação” da mulher ao homem, na casa ou no castelo, em submissão simbólica às regras patriarcais. A partir daí os contos elaboram configurações, produzindo, assim, uma constelação estético-ideológica em que a autoridade do macho exerce seu poder de mando, de ensinamento ou de moderação sobre a mulher, construída como ingênua, volúvel e fraca. Para provar o seu valor a jovem mulher deve revelar, pelas suas ações, as qualidades de modéstia, perspicácia, humildade, esforço e virgindade e deve ter a capacidade de esquecer-se de si. O jovem homem é geralmente mais ativo e deve revelar suas características, tais como a força, a coragem, a sagacidade, a lealdade e por vezes o instinto de matar.

Apesar de os contos de fadas “clássicos” serem evidentemente marcados pelo feudalismo, a perspectiva narrativa dos contos de fadas mescla a concepção de mundo camponês com o humanitarismo democrático da burguesia nascente. Os contos de fadas, em particular, foram usados conscientemente e inconscientemente, durante a ascensão da burguesia, para designar os papéis socialmente aceitos para as crianças. O tratamento dado aos membros da família é freqüentemente diferenciado segundo os critérios de classe, de riqueza ou de poder. Entretanto, o modelo emocional dominante que emerge das diversas descrições familiares coloca ênfase sobre os princípios de restrição moral, de repressão sexual, de abstinência, exercidas pela figura do macho, mas que é finalmente recompensado pelos valores próprios à burguesia, com um sólido casamento ou uma situação social segura.

Os contos de fadas sempre significaram diálogos: entre governantas e crianças privilegiadas, entre pobres e ricos, entre adultos e crianças, um diálogo impregnado de convenções sociais que favorecem determinados interesses e reforçam um tipo de discurso admitido. Os contos de fadas são importantes, pois revelam como os valores e hábitos sociais foram parcialmente influenciados pela literatura e constituem dados importantes na educação de uma criança.

Assim, durante anos e anos ouvimos os contos de fadas em que a mulher depois de um longo percurso de submissão é contemplada finalmente com um príncipe, que lhe é uma graça consentida, e um casamento, para que apenas, dali em diante, possa ser feliz. Parece que dali se vai adiante, mas na realidade aqui há um enganche no passado. São modelos de sociedade que se impõem com uma imagem tradicional da família e a promessa de um lar, com valores, formas de condutas, de felicidades e promessa de futuro, um único, o casamento para as mulheres e a riqueza. Muitas crianças ouvem tal história, algumas meninas esperam ansiosas para que tal futuro também lhes aconteça, outras se encantam com a magia da leitura e da narração, outras se esforçam para parecerem com os modelos propostos.

Mas há um desenvolvimento e uma subversão lenta que vem sendo feito pouco a pouco deste discurso literário, uma nova magia inventada e subvertida. No entanto, sabemos pouco sobre o uso que fazem as crianças e as meninas desse discurso, com certeza muitas já o subvertem. Essa subversão se realiza, também, a partir de abordagens interdisciplinares, que levem em conta a história cultural, a história das mulheres, as múltiplas práticas discursivas e a história das formas materiais indissolivelmente mescladas, enquanto linhas, na semiótica do conto. Sendo necessário (re)escrever outros contos, outros acontecimentos anunciando outros espaços/tempos-de-feminino, realizando subversões neste universo.

4 - Contos e histórias

As histórias da Sueli, da Fátima e das que seguirão são polifônicas, várias histórias que se entrelaçam, histórias de vida que constroem histórias, histórias que constroem as histórias de vida. Histórias de mulheres que maltratavam outras mulheres, que protegiam maltratando e maltratavam para proteger, mulheres produzindo mulheres. A história das mulheres é, também, as histórias que as mulheres foram (re)produzindo. Nenhuma linearidade crescente, nem progressão, a vida vai se compondo e recompondo por várias linhas enfrentando as duras condições sociais que lhes são impostas, propondo outras.

Vivem um tempo de infância e de criança quando adultas (re)inventando brincadeiras ou ninando-se com historinhas ou contos de fadas, como nos conta Sueli. Ou seja, não é que como mulheres se transformam em crianças, mas produzem algo, uma linha. Uma linha em que, ingressando, podem viver tempos de criança, de menina como mulheres. Nela, inventam tempos de criança, por meio das histórias, de brincades, extraem e produzem tempos, no tempo do trabalho. Assim, também, produzem alegrias no fato de serem mulheres - apesar das inúmeras proibições, restrições e da imposição de um modelo restrito do que é ser mulher.

A vida aflora por entre as histórias, que conta a história de ser uma mulher pobre trabalhadora de um lugar em que as pessoas foram abandonadas às suas próprias forças. O lugar que as mulheres contam, de 30 ou no máximo 40 anos atrás, não é imaginário e nem mesmo uma criação literária. Há trabalho infantil desde os 3 ou 4 anos, não há escolas, as mulheres não lêem, obedecem ao marido, não há luz, não há nada, só um trabalho incessante e árduo para sobreviver.

Mas tecem linhas invisíveis de sobrevivência.

As mulheres estão proibidas de ler e de ir à escola, são proibidas de usar determinadas roupas que anunciem alguma sexualidade, impedidas de brincar com meninos, proibidas de ter determinados modos; os adultos maltratam as crianças, os homens, as

mulheres e as mulheres, as meninas. Um local onde as pessoas estão abandonadas, um contraste impiedoso com outras mulheres que estudam, trabalham, vão ao cinema; há lazer, objetos, fatos, palavras e coisas de conquistas das lutas das mulheres.

As histórias de vida, contadas às filhas pelas mães, por vezes aprisionam as meninas no passado da própria mãe, enredando-se meninas e mulheres (uma das funções de porque contam-se histórias). Sueli conta da forte impressão que sua história causou à sua filha, e que para a sua outra filha menor, prefere contar os contos de fadas. Como nos contos, um enganche no passado; mas no conto há a expectativa e a promessa de um rico príncipe, caso se cultive ao máximo determinados atributos femininos. A vida contrasta com os contos. Os contos têm fantasias, dizia Sueli, têm “final feliz”, dirão as meninas. No conto as mulheres pobres e maltratadas terminam ricas, casadas e princesas. Nos contos começa com o trabalho doméstico e depois não há trabalho doméstico. A vida funciona às avessas, que as histórias ajudam a transfigurar. E as meninas? Talvez consigam alguns sinais (com certeza não será um final) de felicidade, talvez não tão empobrecidos como os finais dos contos, mas que certamente não serão reconhecidos. Os contos de fadas quando contados, às vezes, suavizam a vida, trazem promessas, esperanças, mas também nestes contos há regras e leis rígidas a serem seguidas pelas mulheres, que são mistificadas pela “magia” do conto. Ou seja, os contos e as histórias de vida têm funções semelhantes: socializar, civilizar, fazer as crianças pertencerem a determinados códigos.

As meninas, mais que os meninos, sofrem uma “domesticação” e socialização que as histórias ajudam a construir.

Seu filho, diz Sueli: *“Ele não precisa das histórias!”*

Mulheres que contam histórias de suas vidas que falam de rupturas e de repetições, narram e escolhem determinados acontecimentos que viram histórias e assim constituem os territórios femininos. Contam fatos que fazem parte de um repertório de repetições, e que ao fazê-lo transformam em histórias, transfiguram-se.

Na história das mulheres pobres há um trabalho feminino que perdura em sua dureza, mas não é o mesmo. A pobreza persiste, mas não é a mesma. Não saber ler e

escrever também não é o mesmo. Mulheres que fizeram vários usos de sua sexualidade apesar dos padrões rigorosos existentes. As concepções de honra e casamento foram impostas rigorosamente às mulheres pobres a partir do final do séc. XIX, para que o modelo nuclear burguês se instaurasse³².

Em vários depoimentos as mulheres falam do temor de suas mães de que elas fossem putas e das inúmeras restrições que sofriam para seguir um determinado padrão. Clarice, em seu depoimento, diz que sua mãe “*não deixava eu ver jogo de futebol, para não ver as coisas balançarem*”.

Romperam com as famílias e produziram outras, diferentes - mesmo quando fazem o discurso da família nuclear, centrada no homem, construíram famílias com outros referenciais que não a figura do pai, branco, provedor etc.

Há ausência de um período para se viver a infância, mas há tempos-de-infância. Alargaram e produziram para seus filhos tempos e espaços que são rupturas: tempos para a infância, tempos para a escolaridade, e estão em meio a esta luta, já que as escolas funcionam como máquinas de exclusão de determinadas crianças. Mulheres que foram massacradas pelo fato de serem mulheres, e reafirmam o feminino, mulheres que produziram histórias na ausência delas, muitas delas não sabem ler e escrever, mas diferentemente do não-saber de suas mães, ou seja, não existe esta categoria única: analfabetas. Mulheres que viveram em seus corpos a prática de bater/espancar crianças e tal prática persiste, porém mais amenizada. Tais mulheres, pela e por meio de suas pobreza, criam linhas e possibilidades de escapes para além dos referenciais de pobreza.

³² Ver entre outros: Ariès, Philippe - *História social da criança e da família*. São Paulo, Zahar, 1981; Foucault, Michel - *Microfísica do poder*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1984. Fonseca, Cláudia - “Ser mulher, mãe e pobre” in *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). São Paulo, Contexto, 1997.

Fátima

Fátima, uma vida simples, fala pouco, algumas marcas estão no rosto, um rosto manchado, em vários tons. Muitas dessas mulheres têm os rostos em relevos - marcas de quem já tomou muito sol e agora não mais, marcas de doenças e de histórias, a pele é um mapa -, as palavras são raras, às vezes um sim ou não, frases curtas e uma conversa lenta, contida, as palavras não caminham e endurecem durante o trajeto, uma vida assim contada com muito custo, em tropeços, sem vontade, contada silenciosamente, e com aridez. Uma história sem palavras. Em nenhum momento o tom de voz se eleva, conta as histórias como se fosse necessário puxar algum som de dentro da voz, parecendo estar distante, como se fosse outro. É faxineira da creche, tem 2 filhos, lê e escreve precariamente segundo o seu próprio depoimento, estudou até a 3ª série num percurso escolar de idas e vindas, terminava a 3ª série e voltava de novo para a 2ª série, pois mudava de cidade. Assim foi narrando a sua vida, num círculo vicioso, como foi a sua escolaridade até os 18 anos, numa temporalidade circular e repetida. Contou que uma tia chegou na cidade onde morava com seus pais e pediu para a mãe de Fátima que a desse para ela, a mãe assim o fez.

- Por que você foi morar com a sua tia?

“Porque ela foi lá em casa pedir para minha mãe dar e ela deu.”

Assim conta sua história, a mãe a deu porque a tia pediu. E assim de fato é, se olharmos as famílias e as crianças não na perspectiva do modelo nuclear burguês, mas como uma rede ampla de parentesco e de solidariedade.

Fátima sai do interior do Piauí para morar em Teresina com a tia. Acostuma-se na cidade, que tem um certo conforto, luz, geladeira etc.; diferentemente da cidade em que vivia com a mãe, que não tinha luz e por vezes nem comida.

“Porque minha mãe era pobre, pois tinha as vezes que a gente não tinha o que comer. Não tinha nada... Aí meu pai dava um jeito, saía e voltava com arroz, feijão.”

Muitas vezes, nervosa, sua mãe lhe batia. Nunca mais voltou para o seu lugar de origem para morar, mesmo depois de grande.

- Você tinha saudades da sua mãe?

“Eu não tinha muitas saudades não.”

Em muitos depoimentos, as mulheres falam das migrações como desejos de outras coisas e não como fuga de um lugar inóspito, como já foi dito no capítulo 2. Então, com 9 anos foi trabalhar para a tia que a deixava estudar após as tarefas que realizava: limpar a casa e ajudar na costura. Quando morava com a mãe tinha 2 mudinhas de roupas e sonhava em trabalhar para poder comprar mais roupas - sua roupa não podia ser regata, pois a mãe não deixava.

“Minha mãe mandou uma vez uma mulher fazer roupa, a mulher fez de alcinha, minha mãe queimou a roupa.”

Na casa em que morava com os pais não havia nenhum jornal, nenhum livro, seu pai e sua mãe não estudaram, não conheceu os avós e não sabe de nenhuma história. Nenhuma história. Só dois fatos lhe foram contados. Seu pai contou que o pai dele tinha as coisas e deixou de herança para ele e seu tio, o qual acabou com tudo. E a mãe conta uma única história, de que perdeu a mãe com 6 anos e o pai com 12 e ficou com uns tios e se casou, pois os tios a exploravam muito. Fátima não soube dizer qual era a exploração, apenas sorriu. Às vezes, Fátima sorria nos momentos mais estranhos, histórias duras e tristes e ela sorria, e tal sorriso amenizava o terror, ficava engraçado, o rosto ia para um lado e a voz para o outro. A tristeza não é um rosto triste. Um estranho e por vezes alegre desencontro. É assim que se inicia a vida de Fátima, um pai que perdeu tudo e uma mãe que luta contra a exploração. Nenhuma outra história. Não há histórias na infância. Sabe que teve um período que era a infância porque viveu algumas brincadeiras “só de meninas e que menino-homem³³ não entrava”. Uma vida sem histórias, e sem espessura - e assim se constitui, nesse entrelaçado vazio - contada de tal maneira que o presente, o passado e o futuro estão enredados (não se sabe quando termina um e começa o outro, apesar de suas conquistas), enredamentos também entre passados, são blocos de passados, nenhuma nitidez, são uma mesma coisa, uma vida sem temporalidade³⁴, um acontecimento trará a presença de um tempo com o seu regime social.

Uma história que compacta o tempo, e conta sobre tempos sociais, tornando a vida sem-nitidez-de-tempo, tijolos de vida. Não há também as festas como marcadores temporais.

³³ Fala menino-homem, fala como se fosse sua mãe, falando com ela, e ela falando com ela mesma, há um tempo de infância, mas não há infância. Fátima fala em diálogo.

³⁴ A idéia de Pierre Lévy sobre o tempo é muito simples: “Ele diz que haveria como que três grandes períodos na história da humanidade. O primeiro seria o período oral: passam-se as histórias de geração em geração por relatos que se repetem, e essa repetição de relatos produz uma espécie de tempo circular, por causa desse caráter repetitivo. Com o surgimento da escrita - que aí são letras que se sucedem - haveria como que um esticamento do tempo, ou seja, o tempo com a escrita vira uma linha reta. O terceiro momento ele identifica como sendo o das tecnologias da informação e da inteligência, que não é nem um círculo nem uma linha reta. Por exemplo, em um computador os dados todos coexistem virtualmente; então, essa coexistência virtual não é nem uma repetição, nem uma sucessão: é uma coexistência virtual. Que temporalidades se extraem dessa coexistência virtual? (Pelbart, Peter Pál - “O tempo não-reconciliado” in *Temporalidade e Psicanálise*. Katz, Chaim Samuel (org.) Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p. 56.

“Eu tive em casa nos festejos, era Natal.”

- Como era Natal na sua casa, você lembra?

“Natal era como qualquer dia comum.”

- Não tinha Natal, Páscoa, aniversário?

“Não, não tinha festa.”

Uma outra prima arruma um emprego para Fátima em São Paulo. A mulher para quem ela iria trabalhar manda o dinheiro da passagem de ônibus para São Paulo. Acostuma-se em São Paulo por meio da ampla rede de solidariedade criada pelos migrantes nordestinos.

- Você lembra do que você achava de São Paulo?

“No começo era ruim, mas depois eu acostumei. A gente não conhecia ninguém, aí começamos a conhecer e tinha bastante parente da gente também, domingo nós ia para a Praça da Sé e os parentes estavam todos lá. Nem sabia que tinha tantos parentes, conheci lá que eram da cidade da gente, minha prima sabia, aí eles vinham em casa também.”

No Chuva de Baião, que era um salão da Corifeu, conhece um homem que era do Ceará, namora por 9 meses e vai morar junto, sem casar. Tem 1 filho com este homem, separa-se e continua vivendo junto, pois nenhum dos dois queria perder o barraco.

“Foi ele quem arrumou uma outra mulher. E também me ameaçava se eu saísse com o nosso filho, ele iria atrás de mim, me matava e pegava o menino.”

Quando descobre que seu marido tinha outra mulher, arruma as coisas dele e manda-o embora, ele não vai, mas passam a viver em camas separadas.

“Ele ficou durante 1 ano. Ai ele ficou doente e depois de 12 dias ele morreu. Ele era forte, mas bebia e fumava muito.”

- Do que morreu?

“Fui fazer o teste, porque me disseram que ele tinha morrido disto. Porque no laudo dele consta câncer e água no pulmão.”

- A outra mulher veio conversar com você?

“Não. Quando eu soube, fui fazer o teste sozinha, quando soube, não senti nada, ergui a cabeça e ir para frente, fazer o quê?”

- Toda vez que você faz dá positivo?

“Eu só fiz duas e dá positivo.”

- O William (nome do filho) sentiu a morte do pai?

“Não, ele era muito pequeno, não lembra muito não.”

- Ele pergunta do pai?

“Não.”

Fátima vai contando sua história no mesmo tom, ameno, que contou todo o resto. Toda sua fala está na superfície. Passa a contar a sua relação com o filho. Diz que brinca com ele e lhe conta histórias.

“Às vezes eu pego o livrinho e conto.”

Vive ainda no mesmo barraco com irmão, primo e esperam um outro irmão que vai chegar. Conseguiu comprar, a prazo, fogão e geladeira. Conheceu o pai da Erika (sua filha mais nova) no açougue.

- Você namorou ou só deu uma transada?

(Risos) *“Depois o negócio escapou e eu peguei a nenê.”*

- Escapou da camisinha?

“Isto. Ele morreu também da mesma coisa que o outro.”

- Como você lida com essas mortes?

“Dele eu nem participei, cada um ficava em sua casa”.

- Você não gostava dele?

“Não.”

- E o pai do William?

“Sim.”

- O William sabe dessas histórias?

“Não. Ninguém sabe.”

- Você já contou os contos de fadas para os seus filhos?

“Não sei contar.”

- História de sua vida você conta?

“Só falo que no meu tempo eu não tinha o que eles têm hoje. Eles perguntam por quê? Eu digo que naquele tempo eu não tinha quase nada e minha mãe não era rica, e eu ainda não tenho quase nada.”

(Fala com ternura, como se estivesse falando a história aos seus filhos.)

- Você pensa na sobrevivência deles?

“Penso o dia em que eu morrer e eles ficar. Já vai fazer 4 anos que eu estou com o vírus e não tenho nada, às vezes eu chego a pensar que eu não tenho. Um dia eu sonhei que eu tenho, só que meu sonho é tudo ao contrário.”

- Você toma alguma coisa?

“Não, só como bem”...

A Fátima, dizem, é analfabeta, de vida simples, nada a contar. Sua história é um conto que fala dos tempos.

Sueli

Sueli é monitora do Centro de Juventude do Jaguaré, trabalha com adolescentes de 12 a 14 anos e realiza um trabalho com multirrepentes, estudou até a 7ª série e foi se formando durante o processo de trabalho. Tem muita habilidade com as palavras e com o seu trabalho e demonstrou um grande interesse em falar e contar a sua história.

Nasceu em Osasco e tem 40 anos. Os avós tinham chácaras nessa região, o avô era comerciante e a avó era dona de casa que nunca saía de casa, só saía acompanhada, caso precisasse de algo na ausência das pessoas, ficaria sem. A explicação dada a esta permanência era a de que não estava acostumada com a civilização, tinha medo de tudo e acreditava em tudo, acreditava em Saci-Pererê e na Mula-sem-Cabeça. Histórias que sua avó conheceu ainda jovem, quando morava no meio da mata.

“Minha avó contava e morreu jurando que era verdade e minha mãe garante isso também, disse que meu tio Raul saiu com um cavalo quando ele voltou todo mundo acordou, daí saíram para fora estava, o cavalo todo dado nó, disse que era o Saci quem deu.

- O cavalo dado nó, no rabo? (risos)

“É, na crina e no rabo do cavalo. E tem a parte séria, o meu tio ficou 3 dias desmaiado, levaram ele para o hospital e ele ficou surdo um bom tempo.”

- E o seu tio, o que fala?

“Que foi o Saci, que era um negro com cachimbo, só não se lembra se tinha uma perna só, ele desmaiou. Agora eu não sei, eles contam com muita seriedade.”

Sueli teve dois avós paternos, um deles era *bugre*, só que esse ela não conheceu, conheceu outro, o italiano, ele tinha vários caminhões e a avó era operária da fábrica Bordon³⁵. Os avós paternos e maternos até que tinham dinheiro, mas perderam tudo. A avó era analfabeta, a mãe não, estudou até o 1º grau e alfabetizou o pai da Sueli, que trabalhava com caminhões até ficar doente. A mãe sempre trabalhou e era empregada doméstica.

“Quando eu era bem pequenininha, eu não sei bem minha idade nessa época, mas eu lembro que ficava no berço. Lembro porque foi muito marcante, sabe por quê? Minha mãe não me queria, então desde que eu me conheço como gente, ela sempre falou que queria me ver morta né, ela não queria menina, só menino, eu lembro que meu pai gostava muito de mim, até hoje, daí ele chegava, eu lembro que todo mundo dormia e eu ficava esperando ele chegar do serviço, nessa época ele trabalhava numa fábrica de graxa, ele chegava, eu sentia o cheiro do meu pai de longe por causa do macacão sujo, daí eu ficava de pé no berço e cantava uma música para ele, eu cantava e ganhava duas bolachas, todos os dias, eu não dormia. Era uma música mais ou menos assim:

*‘Desencosta da Chiquinha que eu casei com ela, a Chiquinha é minha’.
Ai eu ganhava duas bolachas e dormia.*

“Depois eu fui crescendo, tinha mais ou menos 3 anos, por aí, e lembro que meus irmãos podiam fazer tudo, né, e eu observava minha mãe beijando meus irmãos, e ela não me beijava (Sueli narrava tal história com ênfase, mas sem tristeza), principalmente à noite. Nós dormíamos todos no mesmo quarto, ela beijava Albertinho, meu irmão, me pulava, beijava o Mauro, o

³⁵ Há diferenças em relação ao trabalho feminino entre as mulheres que viveram no campo, e as da cidade, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, grande parte do proletariado é constituído por mulheres e crianças mas foram progressivamente expulsas e substituídas pela mão de obra masculina. **“Assim em 1872 as mulheres constituíam 76% da força de trabalho nas fábricas, em 1950, passaram a representar apenas 23%”**. Rago, Margareth - Trabalho feminino e sexualidade in *História das mulheres no Brasil*, Del Priore, Mary (org.) São Paulo, Contexto, 1997.

caçula. Eu pedia para ela me beijar, ela dizia que não, pois eu era menina. Menina, para minha mãe, só na porrada, não tem que nascer, na cabeça da minha mãe, menina não precisava nascer. Então, na hora do café, ela colocava nossas canecas assim, acho que de tanto medo eu já derrubava café na roupa, eu tremia tanto de medo dela que pronto, já ficava sem café, primeiro uma surra e depois sem café.

“Ela batia muito, ela me espancava, várias vezes os vizinhos vieram arrombar a porta e entraram na casa para me socorrer, ela me espancava, aí eu caía, que eu era pequenininha, então, ela pisava na minha garganta e me sufocava. Minha mãe nunca negou que sua raiva vinha do fato de eu ser menina. Um dia eu olhei no armário e vi dois pratos de alumínio e duas canecas de plástico, pedi para minha mãe, pois eu queria usá-los, ela falou, ‘não mexe’! Perguntei de quem eram. Ela então me falou que era dos meus irmãos que morreram, e que eu é que deveria estar morta no lugar deles.”

- Você não conversou com sua mãe sobre isto?

“Ela me falou que não queria que eu tivesse o mesmo destino que ela, o mesmo sofrimento. Ela foi espancada a vida toda pela mãe dela, ela tem marcas horríveis pelo corpo, até machadada já levou da mãe, o irmão dela era protegido e mamou até os 7 anos na mãe dela. Minha mãe me fazia isto para descontar em mim ou para me proteger, eu não sei.”

- E seu pai?

“Meu pai, eu lembro que meu pai era muito trabalhador, numa época, depois começou a beber demais, então sofreu um acidente e se machucou, estava embriagado. Às vezes nós estávamos dormindo e ele chegava embriagado, acordava todos nós, um tinha que coçar a cabeça dele, o outro, os pés. Nós éramos muito pequenos, ele não deixava ninguém dormir enquanto ele não dormia, ele judiava, mas aí de nós três, não só de mim.

“Minha infância não tinha brincadeira nenhuma! Eu tinha que limpar as sujeiras que meus irmãos faziam, tinha que limpar a casa. Eu lembro que eu subia numa cadeira para limpar o fogão e lavar a louça, e como eu não conseguia lavar bem, passava quase que o dia todo lavando. Minha mãe trabalhava fora.”

- E você ficou trabalhando dentro de casa?

“É, isso até os 7 anos.”

- E a infância de sua mãe?

“Ela trabalhava com o meu avô, se fosse época de colheita de milho, vender milho, se fosse colheita de café, vender café.”

- Como você define sua infância?

“Eu não tive infância. Não tive, porque brincava apenas na hora do recreio na escola, que era de 10 minutos para brincar de roda, isso depois dos 7 anos, né? Porque mesmo assim tinha que sair da escola correndo e ir direto para as casas que minha mãe estava trabalhando e trabalhar com ela.”

Sua mãe era doméstica e trabalhava muito, dizia que sua mãe sempre reclamava dizendo que não queria ter se casado com o homem que se casou e que foi obrigada, porque ela era apaixonada por um músico. Conta também que a mãe de seu pai não gostava de sua mãe por ser branca, ela queria que fosse preta e a maltratava. Sueli não se importava com a profissão de doméstica de sua mãe, mas com o passar dos tempos começou a sentir vergonha do trabalho da mãe.

“Vergonha, eu não queria viver suja de cera, eu não queria ficar suja, é, eu não queria dar banho nos outros.”

Dizia que o que mais a incomodava no fato de ser doméstica é que não podia estudar direito, os seus pais diziam que mulher não precisava estudar.

“Mulher é casa e acabou.”

Diz que estudou até a 7ª série, pois o material era de graça, quando teve que comprá-lo não teve mais condições e afirma que nunca repetiu de ano. Conta de um tempo que passou e que continuou a trabalhar, foi inspetora de alunos, entrou na Creche do Jaguaré, teve 3 filhos, 2 meninas e um menino, diz que a mãe nessa época morava com ela e quis tratar diferente sua filha Andressa, mas ela não permitiu, de jeito nenhum.

“Eu acho que me apeguei demais a ela, eu queria poupá-la de qualquer sofrimento, como se eu fosse conseguir, né? Eu desejava uma menina.”

Sueli diz que para sua filha maior contava suas histórias de vida, mas se arrependeu, pois sentiu que a marcou demais, para a menor prefere contar os contos de fadas!

“É só um conto de fada, porque a realidade é bem diferente.”

Sobre os livros, conta que havia na casa de seu avó paterno, mas que ela não tinha acesso, ler era proibido para as meninas, e que jamais viu a mãe ler. Dizia que tinha que trabalhar e não podia parar. Sua mãe aos 7 anos era só bolha. Conta de sua alegria ao ganhar o seu primeiro livro: *O caminho suave*, a cartilha que ganhou da diretora da escola. Diz que antes de casar comprou para si os contos de fadas, que os lia várias vezes e se sentia a Branca de Neve ou a Gata Borralheira.

“Sabe, eu esperava o príncipe, tudo o que não pude ler, brincar, brincar de faz-de-conta, eu fiz depois por minha conta, porque não tinha ninguém mais para me proibir.”

“Olha, eu preciso contar mais uma coisa: quando era véspera de Natal, minha mãe, eu não sei porque ela fazia isto conosco, não entendo, era maldade, ela falava assim.: ‘Olha, é véspera de Natal’. E via os vizinhos todos colocando sapatinho na janela, escrevendo cartinha, e ela falava para

a gente fazer também, todo mundo quando chegava no dia seguinte, tinha um brinquedo, uma roupa nova, e eu e meus irmãos sem nada. Papai Noel não havia chegado, e isso durante anos e anos.”

- Ela falava o que para vocês?

“Ela falava que ele havia pulado a casa, mas sempre ele pulava e aí a gente andava pra caramba, pois tinha um homem que distribuía um saquinho de bala, com uma bonequinha daquelas que ficam com os bracinhos grudados, que nem dá para colocar vestidinho, sabe? Ficava nessa fila horas e horas. Eu odiava, odiava Papai Noel e aqueles brinquedos.”

5 - As meninas

Fragmentos femininos ou as meninas pobres

Nestes fragmentos, narram-se episódios de histórias de *acontecidos* de mulheres, marcadamente femininos. Nesse patamar configuram-se territórios femininos criados a partir de fragmentos, ou seja, despregamentos de partículas de mulher. Fragmentos de histórias de meninas-mulheres que falam do feminino. Vivem coisas em seus corpos pelo fato de serem meninas/mulheres, e em alguns casos por serem pobres, mas transformam isto em outras coisas, em feminino, em devires, em devir-mulher³⁶.

Fragmentos de escritos, e de oralidades, portanto de histórias: de uma que mandou carta, de outra que se define como analfabeta que *escreveu* sobre um acontecido-feminino, mulheres que já haviam dado os seus depoimentos oralmente e de outras que resolveram escrever e relatar fatos por escrito, e uma delas guardava um fato que gostaria que estivesse relatado, uma história à espera de. Este segmento se abre, enquanto fragmento de substâncias vivas, pérolas de vida, cristais que contam vidas de mulheres que se transformam em femininas, histórias de mulheres e de meninas, num vai-e-vem entre ser menina e mulher que desfigura tal polaridade, permanecendo um feminino como movimento de ser menina-mulher, como devir. A característica de todas estas histórias é, que como

³⁶ ... "todos os devires são moleculares; o animal, a flor ou a pedra que nos tornamos são coletividades moleculares, hecceidades, e não formas, objetos ou sujeitos molares que conhecemos fora de nós, e que reconhecemos à força de experiência, de ciência e de hábito. Ora se isso é verdade, é preciso das coisas humanas também: há um devir-mulher, um devir-criança, que não parecem com a mulher ou com a criança como entidades molares bem distintas (ainda que a mulher ou a criança possam ter posições privilegiadas possíveis, mas somente possíveis, em função de tais devires). O que chamamos de entidade molar aqui, por exemplo, é a mulher enquanto tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e de funções, e marcada como sujeito...

"Queremos apenas dizer que esses aspectos inseparáveis do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular. Não queremos dizer que tal criação seja o apanágio do homem, mas, ao contrário, que a mulher como entidade molar tem que devir-mulher, para que o homem também se torne mulher ou possa tornar-se....

"É preciso, portanto, conceber uma política feminina molecular que insinua-se nos afrontamentos molares e passa por baixo, ou através." (Deleuze e Guattari - *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4, Tradução Suely Rolnik. São Paulo, Ed.34, 1997, p. 68)

contos, são destituídas de ressentimento. A dor produz ramificações na alegria, na força, na subjetividade, na graça, na suavidade, a dor como ferramenta(s) de luta e de produção de outras coisas. Estas histórias produzem um tempo feminino que se caracteriza por positividade, suavidade, invisibilidades.

Como feminino, o tempo se mistura, as histórias vão-e-vêm e produzem presentes, passados e futuros simultaneamente, indiscernivelmente, produzindo impulsos de vida; fica impossível falar de que a lembrança é apenas passado, o feminino fala de outros tempos-espacos. No feminino, subsiste a linha-menina, a criança e algumas mulheres extraem das suas experiências partículas de vidas (carregadas de velocidade, intensidade, de fluxos etc.) e fazem determinadas realidades “fugirem”, produzindo novas linhas de vida.

Desterritorializam e buscam saídas sem ter nenhum dinheiro, nenhum capital, sem ter possibilidades, pelo movimento e desejo de produzir outras coisas.

“...em 75 eu tinha 15 anos e meu sonho era ir para São Paulo os 16 veio minha menstruação pela primeira vez fiquei confusa porque não entendi o que estava acontecendo comigo procurei minha mãe e pedi explicação o que estava acontecendo e por incrível que parece minha mãe não me falou a verdade disse que era uma veia que tinha furado só com o passado tempo comecei a entender pois as minhas irmãs mais velhas quando perguntava pra elas mandava eu criar vergonha então eu fui criada como um animal.

“Quando eu tinha 18 anos apareceu um Home que por sinal já era casado e já tinha muita experiência na vida e me fez uma proposta falou que se eu transasi com ele me levava com ele para São Paulo a dorei a ideia pois se era o meu sonho então transei com ele no mato chorei muito senti muito nojo mais enfim meu sonho se realizou, mais foi tudo uma ilusão esse home foi embora e não me levou. Com o passar dos dias percebi que a minha menstruação não veio passou 2 meses e nada então pergunte para minha irmã ela mandou eu perguntar para a minha mãe o que estava acontecendo comigo e minha mãe falou que era normal e me mandou que eu tomas

um chá quente senti que estava engordando e me senti muito estranha vomitava minha mãe falava foi a comida que feis mal as roupas já não me serviam mais por eu estar gorda fui a te numa mulher que fazia roupas pedir que ela fazer algumas reformas para mim quando ela me viu ela me acho muito gorda e me pergunto o que estava a acontecendo com voce e eu me abri com ela contei toda a estória do certo Home que me chamou para transar e ela me deu a triste notícia de que eu estava grávida triste porque naquele tempo quem ficasse grávida sem se casada era espusa de casa pelos pais era considerada uma puta pelos moradores, então eu fui ao médico e tudo foi confirmado eu estava com 4 meses de grávida, ao chegar em casa eu menti pro meu pai falei que tinha ido au médico e ele falou que eu estava com um caroço debaixo do braço e que eu pesisava ir prá São Paulo para me tratar do tal caroço e mostre um papel escrito e eu não sabia escreve mas escrevi meu pai concordo so viaje 3 meses depois nesa altura eu já estava com 7 meses, vim para São Paulo para casa do meu irmão eli me levo au médico falou que era gravidez então o meu irmão disse que quando eu ganhace a criança era para mim dar para outra familia criar no inicio eu concordei mais quando eu ganhei a criança falei que eu não tinha corajem de da lo iria criar sozinha, meu irmão não concordou e eu briguei muito falei que iria criar ele sozinha sim e que niguem ia me impedir foi nesse dia que eu me senti mulher e mãe no mesmo tempo ele falou que nos dois iria more de fomi, respondi poso a te pasar fome more não, arume um trabalho de domestica em casa de familia e levava o Marco com migo quando eu recebi o pagamento eu e uma prima alugamos um cuarto num curtiço que chamava Morro Continental, o dinheiro que eu e minha prima ganhava sodava pra pagar o aluguel nós 3 chegamos a passar fome e frio, com 6 meses de vida atraves de uma vizinha consegui vaga na crche benfeitora i asim começou a melhorar, quando meu filho completou um ano de vida consegui um trabalho na mesma creche foi muito bom parami prisipalmente para eli pra mi foi como se eu tivese encontrado uma nova familia e rezava pedia senpre a Deus para que não mi faltase força e saúde para eu vencer esta batalha, depois de 2 anos apareceu o Lauro me fazendo uma proposta de casamento e que aceitava o meu filho falei gostei da ideia primeiro quero te conhecer melhor e daí 8 meses que se conhecemos casamos e meu filho

pasou a ser noso filho hoje nos temos 4 filhos maravilhosos sendo uma adotada mas não faz a menor diferença o importante é que batalhei e que hoje o Marco começa a trabalhar com 13 anos hoje ele trabalha na CESP como ofiseboi hoje ele esta com 17 anos já se alistou parece mintira que já se passou tanto tempo fico muito orgulhosa por meus filhos principalmente por ele que faz com que eu.”
(Depoimento enviado por escrito)

“... enquanto isso, meu marido viajava pois ele era entregador de carne, viajava toda a semana pelo Brasil todo, e só nos víamos nos finais de semana. Era fantástico, a saudade aumentava e o amor também. De-repente me senti estranha e descobri que estava grávida novamente. A gravidez foi descoberta aos 4 meses e meio e a criança nasceu de 6 meses e meio, uma pequena boneca que recebeu o nome de Ita Com o nascimento dela fortaleceu ainda mais a nossa relação, mas foi tudo um engano, porque nossa outra filha Ana se tornou uma moça e começou a namorar e o meu marido a mudar seu comportamento. Passou a espancá-la. A primeira vez, eu achei que não pudesse suportar tanta agressividade de um pai que sempre se mostrou amigo dos filhos. A segunda vez foi pior, além de espancá-la, ele tentou matá-la, e com isso o meu amor ficou distante. ... A violência foi aumentando. Das 3 vezes ela nunca permitiu que o denunciássemos, para proteger os irmãos e a mim. ... Nos separamos de quarto, tentei, durante meses, manter o meu casamento pelo amor que infelizmente, eu ainda sentia por ele, mas foi em vão. e pela primeira vez tentou me agredir fisicamente e verbalmente com palavras obscenas. Não consegui me agredir, pois foi impedido pela criança que ele não viu crescer e que, como homem, o enfrentou. ... Cheguei a conclusão de que

naquele dia havia terminado os 23 anos de amor. Nesse dia ele disse que o amor dele morava no Sul e não se chamava Suelia, o nome dela era Luíza. (...)

Me sinto livre novamente, mesmo tendo que enfrentar a parte financeira que foi dividida entre nós ... Voltei a me amar e me valorizar, me sentir segura e me sentir mulher". (Depoimento enviado por escrito)

...

"Quando eu tinha 7 anos o meu pai se separou da minha mãe e aí ela bebia muito e tinha que escolher entre ele e a bebida, ela achou melhor se separar, separou dele e ficou com nós que éramos em 5, 3 meninas e 2 meninos, só que aí ela saiu com nós e não sabia para onde ir, tinha uma mulher casando, aí minha mãe perguntou quem queria a criança, aí uma mulher escolheu, quero a mais velha, que era eu., aí deu eu para ela, aí eu fiquei com este povo mais ou menos uns dois ou três anos, só que eu sofria, tinha 7, 8, 9 anos, sai de lá tinha 9 anos, meados dos 8 anos aconteceu uma coisa muito grave que saiu do eu, quando eu era criança, eu senti muito e isso guardo dentro de mim até hoje, só umas 2 pessoas eu contei a minha madrinha e o meu marido que descobriu e quis saber o que aconteceu.

"A mulher onde eu morava teve um problema e chamaram ela e eu fiquei sozinha com o homem, quando eu acordei ele estava na minha cama, o marido dela, eu não sabia entender, porque lá no norte a gente não entende estas coisas, ele foi já passando a mão no bumbum, tirando as calcinhas e já enfiando foi desesperado que até hoje me dói muito, eu falava que não queria, mas não teve jeito, ele fez, e não foi só isto, foi fazendo mais vezes, depois daquele lá foi outras vezes, ela voltou

para casa e ele falou se você contar, eu mato você e ela. Era fazenda, ele matava a mulher que gostava de mim que me tratava como filha que ela não tinha nenê, como contar? Fiquei naquilo, aí um dia ela saiu de novo e eu fiquei, ele me levou na roça e lá no meio da mandioca, e meu pai, e ninguém sabia nem meu pai e nem a minha mãe e não sei como meu pai descobriu onde eu estava e colocou no juiz..., assustava e doía eu não sabia o que era aquilo se era pela frente ou por detrás, eu não sabia o que era, e meu pai descobriu e conseguiu tomar (M. vai contando duas, três, histórias ao mesmo tempo), o cara não queria me entregar pois já tinha me registrado como filha dele, não quis entregar aí meu pai lutou e tomou, só que aí, eu não acostumei mais morar com o meu pai porque era diferente o jeito dele criar, a minha madrinha fiquei até 15, 16 anos aí fui passear e encontrei um homem que ficou sendo o pai dos meus filhos, porque eu queria ter uma casa para mim, para não ter que viver na casa de um, de outro....

“Esta história me marca porque eu não sabia bem o que era aquilo, foi uma coisa que me marcou muito, eu achava que era muito feio, eu achava que era feio, eu nunca tinha visto aquilo, de-repente aconteceu, o que me marcou mais foi quando eu fui viver com o pai dos meus filhos aí ele falou coisas de mim, a gente foi namorar, aconteceu, aí ele falou assim: você não é mais moça, eu não quis esconder e falei que não, ele percebeu, porque eu não sangrei, as primeiras vezes saía sangue e doía demais, doía mesmo, aí contei para ele, que falou que não sabe se acredita ou não, o tempo é que vai dizer em quem acreditar, aí veio o 1º filho, o 2º, o 3º, aí começou a por minhoca na cabeça que eu era de um de outro, aí casou comigo, já tinha quatro filhos, só quis casar depois dos filhos, nós brigávamos, batíamos boca, nunca de porrada, nunca chegou, de bater boca, sim, um dia se a gente se separasse eu queria separar com as crianças grandes para eles entender porque. Casamos por causa do PIS, falaram se cassasse dava para tirar o PIS, casamos mais pelo PIS do que pelos filhos, até hoje eu me arrependo, pois se eu não tivesse casado eu era uma mulher livre.

“Este segundo homem que eu estou tem problema, ele vai para o médico, aí fica um tempo bom, tem 6 meses que operei só fizemos uma vezinha só, e olhe lá, sem sal, e isto faz falta e muito, ele sabe que me faz falta, quando eu começo a falar sobre isto, e começamos a discutir sobre isto, ele fala você logo me deixa porque eu não sei o que acontece, aí eu digo que não é motivo de deixar, mas eu não sei até quando isto vai continuar, eu tenho dó e gosto dele, os meninos gostam dele ele gosta dos meninos, é difícil achar um padrasto desse jeito, o médico fala que é psicológico e até ultra-som ele fez, a primeira vez que nós saímos e fomos para a cama e eu olhei pensei que era defeito, ‘só isto?’, perguntei, ele perguntou, ‘você pensou que era maior?’ Ah deixa, é que eu estava acostumada com o meu marido, de lá para cá deu problema....

Até hoje eu culpo minha mãe de ter ido na praça e dado eu e minha irmã, ela deu a gente para alguém que estava casando e que ela nem sabia quem era, e minha irmã também, e daí para cá eu nunca vi mais nunca minha mãe, a última vez que eu a vi foi com 7 anos, soube que ela está em Porto Seguro, mas não quero vê-la porque eu culpo ela, soube que meu irmão bebia também e que teve uma morte muito feia, meu irmão bebia como minha mãe, e mataram ele e a mulher dele, a última vez que eu fui a Bahia fiquei sabendo.

Este último marido não sabe desta história porque eu tenho vergonha, porque no norte a mulher que não era mais virgem é puta, igual o meu ex-marido falava ele não acredita e nem descredita, o pai dele me conheceu, ele sabia o que era uma mulher da vida, mas ele não acredita. Não quero também que as meninas saibam, imagine, nunca contei para as minhas filhas, sua mãe foi estuprada! O que eu ouvi contar depois é que não foi só comigo não, foi com outras meninas também, dizem que ele foi matado por causa destas histórias, mas eu não sei, eu não vi ele mais, só sei que me marcou muito até hoje, fico com medo que aconteça o mesmo com as meninas, se elas não chegam da escola fico pensando se não aconteceu alguma coisa, aqui é violento, faço o máximo para dar algo produtivo para elas, o estudo, uma roupa que eu não pude ter, algo melhorzinho, elas tem. Tem a Roberta tem 17 anos e não trabalha, fica em casa cuidando da casa, tem o Alex que é cheio de

problema que eu fico pensando, qual é o fim dele amanhã, mas eu não tenho coragem de jogar ele na rua, quando ele vai para o pai eu fico preocupada, prefiro ele perto de mim do que ele lá, mando para lá mas depois fico pensando, o Beto, está bem esta estudando. O Carlos foi para lá nem ficou uma semana e já voltou, eu não sei o que acontece quando ele vai para lá, volta parecendo um mendigo de tão sujo, imundo. O Alex, não sei se tem problema de cabeça, chamo ele para ir ao médico, ele não quer, droga acho que não é pois ele fica em casa direto, videogame, ele fica nervoso, ignorante quando a gente fala para ele ir trabalhar, não sei se foi os acidentes que ele teve, atropelamento.... se mexeu com a cabeça dele, estudar ele também não quer. A preocupação que tenho com as meninas tenho com os meninos, jamais eu quero que elas sejam putas de dar para um e para outro e jamais eu quero que os meninos sejam bandidos, prefiro que morra do que ser bandido, eu acho horrível, a filho de fulano é bandido, acho chato, prefiro ver morto do que acontecer algo assim, que nem os filhos de uma mulher lá onde eu moro, novinho morreu, mataram ele o outro tá preso, mas acho que o Alex, não mexe com isto não.... Tenho histórias de quando eu tinha 7 anos que eu me lembro, já o Beto diz que não se lembra de nada quando tinha 7 anos....

Eu não gosto de contar estas histórias para as minhas amigas, porque um dia a Sandra que trabalha na creche comigo, brigou comigo e disse que eu estava histérica e que era por falta de homem, "porque o marido dela não levanta", não sei o que, e isto foi na frente de todo mundo, eu não sabia onde enfiar a cara, tem que saber com quem conversar, principalmente aqui dentro da creche, você pensa que tem amiga mas não tem.

O que aconteceu comigo... eu lembro assim que eu estava deitada e era bem tarde e usava luz do candeeiro, aquele negócio com querosene, a mulher tinha saído e senti aquele tufo ali, o que você está fazendo aqui?, a Francisca não tá ai. É que eu vou dormir com você, e já começou fazer coisa que não devia, eu lembro que quando eu fui pela primeira vez no ginecologista, ele falou assim: 'M... você dá por detrás?' 'Porque doutor?' 'Porque é rasgado.' 'Nunca dei por detrás, como mulher nunca dei.' 'Porque você já deu quando era criança?' 'Não, esquece o

que eu falei'. Mas eu não esqueço tenho vergonha de passar com este médico até hoje, ele falou que eu tinha dado, eu fiquei pensando porque ele falou isto. Eu não sabia se ele fazia pela frente ou por detrás, só sabia o dia que ele me enfiou pela frente o dia que ele me pegou na roça, na roça, no mato, então senti que era na frente porque saiu sangue e ele me limpou com folha de mandioca. Doía, queimava, parecia que era uma coisa só o buraco de fazer cocô e a perereca, eu fui costurada de fora a fora, depois que eu estava aqui com a gravidez dos meninos, o médico falou que estava toda aberta e que precisava me costurar. Não tinha como fugir, fugir para onde se tudo era mato, não sabia nem para onde ir, eu empurrava, não dava. Não sei se a mulher dele ficou sabendo, eu nunca falei nada, vim para casa cresci, virei mulher, tenho filhos. Eu pensei nunca vou me jogar na vida, porque qualquer coisinha lá para a Bahia se você for namorar com um rapaz e dormir fora, você não é mais moça, quando eu comecei a namorar com o pai dos meus filhos, dormi com ele pois falaram que eu ia ser falada de qualquer jeito, nós estamos namorando e queremos ficar junto, e acabamos fazendo na casa do pai dele, no outro dia ele conversou com o pai dele, e contou para o pai dele que eu não era mais moça, mas o pai dele não contou para ninguém e ele quis saber quem foi o primeiro, eu contei para ele, ele falou assim eu não vou te deixar por causa disto, quando agente for para São Paulo, mas eu não vou jogar na sua cara, mais foi o contrário. Amar eu não amava não, não sei como se diz o amor, eu queria ter uma casa, para não ter que ficar na casa dos outros pelo menos ali é seu, você grita é sua casa, como ele propôs que se não desse certo cada um ia ter sua vida eu a minha e ele a dele, eu acabei aceitando, vivemos 1 ano lá e 13 anos aqui, tivemos 4 filhos." (Depoimento gravado e reescrito)

6 - Meninas Ricas

Pobre: 1. que não tem o necessário à vida, 2. cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social, 3. que revela pobreza, 4. pouco produtivo, 5. mal dotado, pouco favorecido, 6. digno de lástima, que inspira compaixão, 7. pessoa pobre, 8. mendigo, pedinte. (dicionário Aurélio)

A primeira dificuldade na escuta e na análise das falas das meninas foi a de perceber a necessidade de “desatá-las” da categoria pobre, para entendê-las. Enquanto as escutava como meninas pobres pouco pude compreender. Pobres, tais meninas não o são, já que tal categoria é marcada, sobretudo, pela negatividade. Nas meninas, dessa classe social, as “pobrezas” estão mais diluídas. Para elas as conquistas das redes de solidariedade estão mais evidenciadas. São as que configuram novas estratégias de vida presente e anunciam e vivem diferentes futuros.

Quando se fala da e de pobreza, não é só a falta de dinheiro, ou a carência material, que está sendo evidenciado. A categoria pobre tem servido sobretudo para a desqualificação: pobre = marginal e necessidade de contenção; pobre = carência, portanto precisa de cuidado e proteção; pobre = fracasso escolar; pobre = senso comum, ausência de consciência etc.

Ao se tentar erigir a pobreza dos pobres, não significa obviamente um elogio à exploração, nem mesmo às virtudes da pobreza, mas sim um esforço de impedir a

desqualificação das diferenças e das alteridades existentes. Impõem-se territórios nos quais forçosamente acabamos por caminhar e por nos constituir. Impõe-se um só território no qual todas as meninas devem percorrê-lo (“*você nem parece menina*”!), fala frequente, por exemplo, de professoras, *dirigida às meninas*), e os pobres, transformam em carentes, ou marginais, e é nesta condição que se criam as políticas sociais, territórios extremamente exíguos.

Existe, ainda, o risco de reduzir as mudanças sociais à dinâmica da modernização, e não às lutas, movimentos e invenções que são travadas há anos, pelas mulheres, meninas, meninos e homens desta classe social em seu cotidiano, processo que, assim concebido, pressupõe elites modernizantes, iluminadas, as que sabem e em nome deste saber agem no suposto benefício dos que não sabem, reforçando os mecanismos excludentes na sociedade brasileira. Nos surpreendemos quando não vemos a pobreza do pobre.

É preciso despregar a pobreza de tais meninas, e também dos pobres. Ao fazê-lo, restam as meninas e suas vidas, com suas riquezas e misérias, suas lutas, possibilidades e limites, suas criações e repetições etc.

A pobreza nem sempre foi compreendida da mesma maneira, apesar dos esforços em confiná-la em uma única categoria (marcada pela negatividade) com um eixo de classificação, registro e significado. Reconhece-se a diferença: são pobres, e com esta identidade exclui-se, subtraem-se suas forças, desqualifica-se. O pressuposto da falta sempre esteve associado à categoria pobre. Ser pobre sempre significou mais do que não ter dinheiro, e a pobreza acabou impregnando “os pobres” que foram vistos e passaram a se ver como pobres, como menos, como falta.

Na imagem das Ciências Sociais os pobres ou são desqualificados (como massa amorfa, alienados) ou são glorificados, como portadores de inúmeras virtudes. Em algumas obras de literatura brasileira a pobreza foi exaltada e romanceada, o migrante nordestino era ao mesmo tempo aquele que foi expulso de seu território, vítima de perversidades capitalistas e também das condições naturais, e quem denuncia, em seu

próprio corpo que anda, que sai, o sistema. Nesse caso é portador de todas as virtudes, em seus movimentos fala da falta e também critica a sociedade.

Os pobres já estiveram associados aos vadios³⁷, aos favelados, aos marginais, à classe trabalhadora e a ausência da consciência de classe, pois não conseguiam se constituir como classe social. Quando se identificou pobres e trabalhadores, nessa perspectiva, os pobres foram pensados como possíveis agentes da transformação. Os pobres na vertente marxista, destituídos de meios materiais, vendedores da força de trabalho, foram olhados apenas na condição de classe dominada, corporificando a carência material foram destituídos de outros recursos. Quando os pobres não se reconheciam nessa categoria de classe, portanto com potencial revolucionário, isso se transformava na marca da sua alienação ou de sua “falsa consciência”.

Os sociólogos dos anos 60 mostravam uma correlação estatística forte entre fracasso escolar e origem social. Esta correlação será o centro do debate social nos fins dos anos 70. Aliança entre sociólogos da “reprodução” e pedagogos do “handicap cultural”, a escola funcionando como um operador que transforma as diferenças sociais iniciais em diferenças sociais ulteriores acaba produzindo um efeito de legitimação das diferenças. Esta visão serviu para acoplar fracasso escolar à pobreza. É sempre sob este aforisma que caminhamos, ou para cá ou para lá, pobreza e fracasso escolar pertencem a uma mesma equação, que deve ser desmantelada, para que possamos nos aproximar dos sentidos dos fracassos escolares, despregando-os da pobreza.

“Vadios, favelados, marginais, população de baixa renda e morador de periferia são as muitas designações dos pobres, de acordo com as transformações ocorridas

³⁷ “O pobre é identificado com o ‘vadio’ e esta categoria remete justamente ao mundo do não-trabalho: quem não trabalhasse em fábrica ou oficinas de artesãos ou nos serviços públicos, enfim, no mercado de trabalho formal, era ‘vadio’. O pobre ou ‘vadio’ era precisamente aquele que não havia se integrado ao assalariamento, à ordem industrial que começava a se instituir.” (Sarti, Cynthia Andersen - *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Autores Associados, 1996, p. 22)

no processo produtivo e na dinâmica da urbanização e da expansão do mercado de trabalho urbano do país.³⁸

As ciências sociais vêm desde a década de 70 definindo os pobres, pela negatividade, por aquilo que falta. É preciso pensar os pobres em suas positivities concretas, na dimensão de suas vidas como é e não como um deveria ser, e o não-pertencimento ao invés de ser um lugar de exclusão, ser um lugar, que marca diversidades, afirmações culturais, políticas, relações de forças, diferenças.

Os pobres têm sido pensados como se suas ações fossem ou deveriam ser, apenas construídas pelo interesse em satisfazer suas necessidades materiais, uma vez que são definidos por essa carência, entendida como básica. Aqui novamente voltamos aos contos de fadas com suas exíguas possibilidades de vida: casamento e riqueza. Além de se tomar o trabalho como o tema mais legítimo. A família é pensada a partir das estratégias de sobrevivência material, ou como uma unidade de consumo na qual o que prevalece, também, é a falta.

Há uma espécie de círculo vicioso na imagem dos pobres nas Ciências Sociais, ou foram glorificados, como portadores de todas as virtudes e assim potencialmente revolucionários, ou foram desqualificados, como alienados ou massa de manobra.

Que variações são possíveis construir a partir das meninas pobres? O que expressam em relação à pobreza? Como as meninas contam suas histórias? O que constroem? No que se diferenciam e se assemelham às histórias das mulheres pobres? Que novos caminhos as meninas têm traçado? Que esforços realizam para se desplugarem da pobreza em que (est)são colocadas?

³⁸ Idem, *ibidem*, p.22.

O esforço neste capítulo será o de tomarmos os rostos das meninas como um mapa, tentando percorrê-lo, ouvindo suas vozes e os sons que expressam, na tentativa de cartografar as intensidades, movimentando-se por entre os sulcos com suas rasgaduras e obstruções, as marcas, as ausências, os futuros que anunciam e os passados que se presentificam. “O rosto é uma política”. (Deleuze & Guattari, 1996)

Tais rostos produzem múltiplos mapas, infinitas cartografias com ínfimos pontos microscópicos impossíveis de serem delineados. Andei ao lado das meninas em suas histórias, que ao contá-las as modificavam e já eram outras. Demonstravam clarezas e positivities em relação às suas condições de vida marcadas fortemente pela pobreza econômica, pela exclusão a que são levadas. Meninas de vida dura. Sofrem muito algumas delas, falam com muita dor e tristeza daquilo que não têm, mas são felizes naquilo que cada vez mais conquistam, e nesse caso são conquistas, pois é como se empurrassem “o sistema” um pouquinho mais para lá, fazendo-o, por vezes, “fugir”. Constroem bolsões de espaço-tempo e se instalam, configurando estratégias de vida, de sobrevivência e de futuro.

O que contam, o que narram, do que riem e choram as meninas? Que histórias contam e quais as que silenciam? Quais imagens constroem? O que repetem? Como os diversos territórios que elas percorrem marcam seus rostos? E como os seus rostos se transformam em territórios móveis criando campos de possibilidades, de espaços e de escapes de seus territórios, em geral, marcados pela exigüidade.

As histórias das meninas, por vezes, se complementavam, apesar das singularidades, eram narrações polifônicas. Com os seus depoimentos construí uma pequena cartografia com os seguintes tópicos, nos quais foram agrupados a partir de suas respostas: o que acha da profissão da mãe, qual a profissão que quer ter, relações com a mãe e o pai, histórias que foram lidas ou contadas, o que acha do trabalho doméstico, diferenças entre a sua infância e dos seus pais, relações com as escolas. Além disso, procurei ouvir os tons das falas, naquilo que calam, silenciam, riem ou exprimem por outros sons e outras formas.

Mas é preciso ter claro que não há mapeamentos suficientes para perfazer as cartografias das meninas e das infâncias; muitos seriam necessários; escolhi alguns traços e (per)seguí alguns trajetos.

Foram entrevistadas 12 meninas na faixa etária entre 9 e 14 anos que frequentavam o Centro de Juventude do Jaguaré. Dentre as meninas, três são negras. Essa faixa etária é uma fronteira entre as infâncias e os tempos de adultos, entre as lembranças de menina e da infância e o esquecimento, entre o brincar e o trabalho, entre o trabalho assalariado e o não-assalariado. O lugar das meninas é privilegiado, pois a partir dele conseguem falar sobre as práticas de suas mães, de seus pais, já que conseguiram construir novos olhares e configurações a partir das redes de solidariedade criadas pelos seus pais, avós, tios, primos etc. e produziram fatos diferentes dos vivenciados, por exemplo, por suas mães, entre eles ler e escrever, ir à escola, vestir-se de outros jeitos.

Duas meninas desistiram de estudar e as restantes estão entre a 3ª e a 4ª série das escolas públicas de São Paulo e apenas duas delas ainda não haviam repetido de ano.

A maioria (8) das mães das meninas pesquisadas têm como profissão: faxineira ou empregada doméstica, duas são auxiliares de serviço e trabalham em hospital ou farmácia, 1 é cabeleireira e a outra trabalha em sua própria casa. Uma das exigências para o ingresso no Centro de Juventude é o de possuir uma renda familiar de até 3 salários mínimos.

Com relação aos pais, duas delas não o conheceram, dois pais morreram, quatro vêem o pai eventualmente, pois os pais estão separados, e três vivem com os pais. Três não souberam dizer a profissão do pai, dois pais são bandidos, um pai trabalha como mecânico, um pai é arrumador de TV, um pai não trabalha e uma não soube, ou não quis, informar nada a respeito do seu pai.

Metade das meninas morava em casas alugadas e as restantes em favelas (de blocos ou madeira). Há na periferia uma classificação das moradias, e morar nas casas, às vezes, não significa uma melhora social, já que são poucos cômodos, casas exíguas e muitos moradores. A favela nem sempre é a “pior” moradia, pois o aluguel das casas é maior do que o da favela, além desta moradia, por vezes, pertencer ao morador, o que melhora em muito as condições de vida dessa população. Duas delas moravam com até 3 pessoas na casa e as outras possuíam famílias numerosas, de 4 a 10 pessoas (compostas por pessoas pertencentes às redes de parentescos: tios, avós, primos, filhos de irmãos etc.), três delas dormiam com a mãe (prática comum entre algumas das meninas).

É importante enfatizar que muitas dessas famílias se constituem como uma rede de parentesco, maior e mais ampla que a família nuclear, tal como é conhecida e produzida pelos discursos médico-científico-higienista e pelas tecnologias políticas que investem sobre os corpos, a partir do séc. XVIII. Tais famílias devem ser compreendidas como redes e não como nucleares. Dessa maneira é possível compreendermos algumas práticas culturais presentes nas histórias de algumas dessas famílias, como “dar” o filho para um parente, receber outros etc. Não apenas redes de parentescos, mas, sobretudo, redes de solidariedade que são contadas principalmente pelas mulheres³⁹, sem a qual em muitos casos não teriam condições de sobrevivência.

Alguns estudos sobre a família, entre os quais Ariès (1960), Donzelot (1977), Costa (1979), Badinter (1987) e Foucault (1984) acerca do nascimento da medicina social, vêm mostrando a força dos discursos médico-científico, médico-higienista, pedagógico e, mais recentemente, do discurso psicanalista na normalização⁴⁰ da família, num ideal centrado

³⁹ A partir dos depoimentos das mulheres e das meninas notamos que a quebra dessa rede de solidariedade é por vezes realizada pelo homem que não traz dinheiro para casa ou pelo filho, diz uma menina:

“Minha mãe mandou meu irmão embora de casa porque ele não ajudava a minha mãe, ficava brigando comigo toda hora, aí minha mãe disse que não queria mais ele lá, por causa se fosse para ficar tinha que ajudar, porque ela sozinha não ia dar, aí ele pegou e foi embora e minha mãe ficou comigo só”.

⁴⁰ “(...) Um fenômeno importante de normalização da prática e do saber médico. Procura-se deixar às universidades e sobretudo à própria corporação dos médicos o encargo de decidir em que consistirá a formação médica e como serão atribuídos os diplomas. Aparece a idéia da normalização do ensino médico, sobretudo, de um controle, pelo Estado, dos programas de ensino e da atribuição dos diplomas. A medicina e o médico são, portanto, o primeiro objeto da normalização. Antes de aplicar a noção de normal ao doente, se começa por aplicá-la ao médico. O médico foi o primeiro indivíduo normalizado na Alemanha.

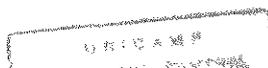
na criança e na consagração de “um tipo de maternagem”. Discursos que se unificam, como científicos, e que visam a normatização e normalização de um tipo de família como padrão único e universal.

A partir do século XVIII não se tratava apenas de produzir um maior número de crianças, mas, principalmente, de ensinar as formas corretas de geri-las. A família se transformou em agente da medicalização e higienização para a construção de indivíduos, em espaços determinados: leitos, utensílios, lugares etc. Esse processo teve como finalidade não apenas preservar, manter e conservar a força de trabalho, mas de integrá-la de determinada maneira no modo de produção capitalista.

A medicina social, no século XIX, adquire uma forma eficaz de controle social das tensões e dos problemas oriundos da aglomeração urbana, do aumento das populações pobres e passa a constituir uma medicina voltada para o corpo do pobre. As famílias pobres têm sido olhadas a partir dos paradigmas da família nuclear, e por isso são estigmatizadas e desqualificadas, são consideradas desorganizadas, ausentes, faltantes, com referência apenas na figura materna, e que, por vezes, produtora de marginais (discurso que aparece na mídia) e de fracassados (discurso que aparece na escola). A partir desta visão esboçam-se políticas e práticas sociais e educativas, que tendem todas ao fracasso.

As famílias dessas meninas devem ser olhadas como redes e como ramificações, nas quais as “figuras” de referência são móveis, múltiplas e, por vezes, ausentes.

“...Houve a normalização dos médicos na Alemanha, mas na França, por exemplo, a normalização das atividades, ao nível do Estado, dirigiu-se, a princípio, à indústria militar. (...) Depois de ter normalizado os canhões, a França normalizou seus professores. (...) A França normalizou seus canhões e seus professores, a Alemanha normalizou seus médicos...” (Foucault, Michel - *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 4ª ed., 1984, p. 83)



7 - Percorrendo algumas linhas: o lugar e o tempo das meninas/mulheres

A. O tempo do trabalho

Profissão da mãe

Algumas das meninas que a mãe trabalha como doméstica dizem gostar da profissão da mãe, enfatizam que não é uma profissão para elas e sim para suas mães. No entanto, outras dizem não gostar pela “dureza” do trabalho. Entre as meninas que têm a mãe doméstica obtivemos alguns dos seguintes depoimentos:

“Acho bom o trabalho da minha mãe, o pagamento é bom, certinho e como a patroa da minha mãe é superlegal com ela, quando a patroa ganha a cesta de trabalho dela, divide com a minha mãe.”

“Eu acho bom porque ela não pode ter outra. Ela não tem muito estudo.”

- Se tivesse estudo, teria outra profissão?

“Sim.” (mãe faxineira)

“Acho que minha mãe nasceu para ser faxineira, ela que quis escolher, ninguém pediu pra ela escolher, ela é que quis escolher. Acho que desde pequena ela queria ser faxineira.”

“Gosto porque é uma profissão boa. Ela já tentou arrumar outro serviço e não conseguiu porque ela não sabe ler. Ai minha mãe

pediu para minha tia arrumar uma profissão para ela, aí minha tia arrumou a profissão de faxineira, eu acho legal.”

“Acho legal, a patroa dela dá roupas, sapato, brinquedos para minha mãe e para nós também.”

“Eu gosto, mas não acho que deve ser bom porque no frio deve ser ruim mexer na água gelada, colocar o gelo no chão, mas eu gosto dessa profissão, não para mim.”

“Uma parte é boa outra é ruim. Primeiro eu vou contar a parte boa. A boa é que quando ela era criança ela falou que a mãe dela não colocou ela na escola, então ela não sabe lê, então a única profissão que ela pode trabalhar foi de faxineira. E a parte ruim é que ela tem alergia a coisa de limpeza e tem que trabalhar.”

“Eu não gosto da profissão da minha mãe, eu não gosto que ela trabalhe disto, queria que ela trabalhasse com um negócio melhor. Nessa profissão ela fica velha, ela trabalha muito, ela trabalha a semana inteira mas tem dia que ela não trabalha.”

- Você acha que em outra profissão sua mãe trabalharia menos?

“Não, mas ela teria mais dinheiro para se cuidar. Ela compra um creme, mas é ruim, eu queria que ela se cuidasse mais.”

- Ela está parecendo velha?

“Não, mas é porque se ela continuar trabalhando nisso ela vai envelhecer rápido, ela só tem 28 anos.”

“Minha mãe que gosta dessa profissão, eu não gosto, mas quando ela fala no assunto de trabalhar tenho que falar que eu gosto.”

As meninas têm clareza de que a profissão de doméstica ou de faxineira está associada à ausência de estudo e à possibilidade da mulher/mãe trabalhar fora e sustentar a família. As que gostam dessa profissão para suas mães sabem que na condição de não saber ler é uma das poucas profissões possíveis; além disso, acham importante o trabalho remunerado da mulher, nenhuma queria sua mãe em casa, sem trabalhar, entendem a necessidade e a importância da mãe trabalhar. Acabam gostando desta profissão, pois, além da remuneração, a relação pessoal estabelecida entre “a patroa” e a mãe acaba trazendo benefícios em espécies: roupas, brinquedos, divisão da cesta básica, enfim, coisas.

O trabalho doméstico é um trabalho que estabelece, sobretudo, relações entre mulheres: ambas saem para trabalhar (em alguns casos, pois há mulheres que não trabalham fora de casa), no entanto, uma permanece no dentro mesmo quando está no fora. Uma relação que produz especificidades: intimidade, ressentimento etc., entre as mulheres trabalhadoras, diferente do trabalho “de fora”.

A partir do séc. XIX, com as invenções do amor materno, do amor romântico, a casa passou a ser proclamada como o lugar próprio da mulher, assim a mulher passa a ser educada pelas várias forças: literárias, médicas, pedagógicas etc., para ocupar o lugar de guardiã deste espaço, que se dará o nome de lar. A mulher pobre acaba ocupando este espaço doméstico, que lhe é atribuído, que passa a ser mau remunerado, empurrando “o dentro” para “fora”. O trabalho doméstico remunerado foi sendo aos poucos branqueado, com a imigração e a migração das mulheres brancas de outras regiões do Brasil, pois esta atividade pertencia às mulheres negras e mulatas que realizavam os trabalhos de lavadeira,

cozinheira após a abolição dos escravos⁴¹. Era uma atividade desqualificada, recebia péssima remuneração e tratamento, o branqueamento⁴² desta atividade significou uma melhora na condição deste trabalho.

As filhas que têm a mãe como faxineira, diferente da empregada doméstica, gostam menos do trabalho e verbalizam, com clareza o envelhecimento precoce de suas mães. Explicitam a associação entre analfabetismo, trabalho braçal, conseqüentemente envelhecimento físico e baixa remuneração. Para a mulher, o trabalho remunerado, mesmo sendo doméstico e braçal, é uma das conquistas e uma diferença em relação às suas mães, que não trabalhavam fora de suas próprias casas (considerando que trabalhavam nas roças de suas casas). O trabalho que no começo era um dentro e começa a sair para o fora, sempre esteve associado à condição feminina nessa classe social. Persiste a idéia de que estudar mais significa um trabalho de menor exploração. Não se questiona a necessidade do trabalho feminino, é uma conquista indiscutível, um fato que está dado para as meninas, mas de baixa remuneração, em que as meninas sentem que se estão preparando para trabalhar, na perspectiva do melhor trabalho que puderem, que não seja o doméstico, como veremos.

A escola, entre outras funções, é um tempo de espera e preparo para esse trabalho melhor, são as expectativas das meninas e das mulheres. Que persiste mesmo quando fracassam em sua escolaridade.

Das meninas que as mães não são domésticas obtivemos os seguintes depoimentos:

⁴¹ *História das Mulheres no Brasil*. Priore, Mary Del (org.), Bassanezi, Carla (coordenação de textos). São Paulo, Contexto, 1997.

⁴² Com a desintegração da abolição há dois processos que se conjunam para explicar a ampliação dos trabalhos domésticos, de um lado a imigração e da migração rural com a ampliação do mercado de trabalho. Em São Paulo, a política de expansão da cafeicultura "estimulou e promoveu intensamente a imigração, em proporções bem superiores às possibilidades de emprego no campo... Em momentos de queda do preço do café, de geadas ou pragas, acumulava uma população de despossuídos na cidade; ao final de cada safra ou do contrato dos colonos, novas levas chegavam à capital, onde uma diversidade de ocupações absorvia toda uma massa de trabalhadores que excedia largamente as necessidades do mercado, aviltando os salários, criando formas múltiplas de atividades temporárias e domiciliares, subemprego e emprego flutuante, eventuais e incertos.

"Nessa conjuntura de alta rotatividade da mão-de-obra, os serviços domésticos absorviam grandes contingentes de trabalhadores..." Matos, Maria Izilda Santos de - "Porta adentro criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930" in *Novos olhares: Mulheres e relações de gênero no Brasil*. Bruschini, Cristina e Sorj, Bila (orgs.). São Paulo, Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.

“Minha mãe é auxiliar de serviço, é muito corrido e trocam muito de cargo. Antes minha mãe trabalhava na copa, depois ela foi trabalhar na farmácia, da farmácia para o laboratório, depois voltou de novo. Minha mãe gosta porque está acostumada. Minha mãe tem 23 anos lá.”

“Minha mãe é auxiliar, não gosto porque ela trabalhava de noite. Ela ia de noite para o trabalho e voltava às 6:00 horas e tinha que dormir de manhã.”

“Eu acho boa a profissão da minha mãe porque ela dizia pra mãe dela desde pequeninha que ela cuidava de crianças, mas só que ela não gostava. Ai nesse ano ela foi mandada embora, pois a patroa dela não podia mais pagar faxineira, ela saiu e o sonho dela era trabalhar de cabeleireira e ela conseguiu.”

As mães que não são domésticas trabalham em atividades de baixo rendimento e qualificação e são trabalhadoras assalariadas não-especializadas. As meninas dizem não gostar do trabalho da mãe, pois talvez, aí, apareça com mais nitidez a dimensão da desqualificação e exploração do trabalho, já que as relações são menos pessoais e a profissional é “usada” no lugar em que há necessidade. Algumas dessas mães têm mais escolaridade que as mães que trabalham como domésticas, mas não tem significado melhores condições de vida, ou menor exploração e maior remuneração. Por vezes, o fato de ser doméstica ameniza um pouco as duras relações de trabalho. A menina que tem a mãe cabeleireira diz que gosta dessa profissão tanto para si como para sua mãe.

A. O tempo do trabalho

Profissões das meninas

As profissões que as meninas desejariam para si são diversas: médica, veterinária, professora e modelo. As profissões de modelo, atriz e cantora habitam o imaginário dessas meninas, e a TV desempenha, com força, a função de difusão de modelos de feminino, de conduta e de beleza, os quais as meninas buscam imitar e se aproximar. Elas têm, em geral, a mãe como referência, para se espelhar, às avessas, e optam por profissões que gostam independentemente das possibilidades concretas (condições materiais e da qualidade da escola em que estudam) que têm para exercê-las.

“Quero uma profissão que seja boa, eu não quero trabalhar assim como minha mãe, eu quero assim um escritório, alguma coisa que dê na vida.”

“Quero ser professora de criança. Porque eu gosto de criança, deve ser divertido conhecer um pouco deles, o que eles gostam depois eles pegam carinho pela gente e deve ser legal.”

“Eu gostaria de ser cantora igual a Angélica, ou ser modelo.”

“Eu quero ser veterinária, adoro animais.”

“Queria ser médica.”

A. O tempo do trabalho

Ainda sobre o trabalho doméstico

As meninas trabalham em suas casas enquanto suas mães saem para trabalhar, ou seja, elas também realizam o trabalho doméstico, sem nenhuma remuneração e são elas as que dão condições para a mãe trabalhar fora de casa. Quando as meninas têm uma irmã mais velha, ou ficam livres dessa atribuição doméstica, ou fazem uma divisão entre si; os irmãos quando são menores eventualmente ajudam e os irmãos maiores saem para trabalhar fora de casa. Gostam de fazer esse trabalho porque sabem que estão ajudando suas mães, mas não gostam da atividade em si. Algumas, quando têm irmãos, sentem-se exploradas porque dizem que fazem mais do que os outros. A situação fica pior quando a mãe tem filhos de maridos diferentes, a condição da menina na relação com o trabalho doméstico se complica, pois outros elementos interferem: a relação com o padrasto, com os outros irmãos.

“Ajudo a limpar a casa. Só tenho irmão. Ajudo a minha mãe a lavar a louça, arrumar a casa.”

“Eu lavo a louça, varro a casa e arrumo as plantas, ajudo a lavar a louça do jantar e a fazer janta, o resto divido com as minhas irmãs, os meus irmãos não.”

“A minha irmã faz uma parte e eu a outra, eu estendo a cama, lavo louça, ela varre, limpa a sala e a cozinha.”

“Eu faço tudo. Só eu fico em casa, minha mãe arruma o quarto dela, eu arrumo a cozinha, a minha prima cuida do quarto dela, aí eu arrumo o

nosso quarto, meu, dos meus irmãos, a cozinha, lavo a louça, comida, faço tudo. Minha mãe coloca a roupa na máquina e eu estendo.”

“Eu limpo o fogão, lavo a louça, varro a casa, arrumo minha cama, lavo a minha roupa da escola.”

Falas sobre o que acham desse trabalho:

“Acho legal ajudar a minha mãe, porque ela está passando por uma fase difícil porque meu pai saiu de casa e não traz dinheiro. Minha mãe trabalha e meu irmão também.”

“Eu acho bom, mas às vezes eu não gosto porque eu faço mais do que as minhas irmãs, e a minha irmã dá uma de boba, diz que não sabe fazer as coisas.”

“Eu acho bom porque a minha mãe sai para sustentar nós e nós temos que cooperar com ela.”

“Acho muito chato, porque minha mãe fica falando assim: ‘Graziela, vai fazer suas obrigações’, e eu falo, ‘deixa eu brincar mais um pouco’, aí ela fala ‘pode ir fazer, só vai brincar depois de suas obrigações’.”

Esse trabalho as meninas realizam sem muita satisfação, mas aos poucos vai se transformando em uma obrigação e ganha uma naturalidade, como se tal função pertencesse de fato a tais meninas. As meninas realizam e entendem a necessidade desse trabalho para as suas mães, por vezes burlam, riem dele e realizam-no criancicamente.

“Eu não gosto de lavar a louça não, é um negócio cheio de gordura, os panos a gente esfrega e depois está tudo babento de novo, credo, dá nervoso.”

B. O lugar da infância

Conversas entre infâncias

A melhor síntese sobre as diferenças na infância entre as meninas e as mulheres foi dada por uma menina, quando lhes perguntava sobre tal diferença, depois de ouvirem as histórias de uma e de outra:

“Que a infância da nossa mãe foi muito triste e a nossa não, tem vez que é, mas não é sempre.”

Há diferenças entre as infâncias, podemos afirmar que em certa medida há o nascimento de um tempo distendido para a infância para esta classe social com as meninas (nascidas em meio urbano), ainda que com características bem diversas das que são difundidas pelas máquinas e equipamentos de construção de sentidos e valores sobre o que vem a ser e o que deva ser infância.

Entre as diferenças das infâncias das mulheres pobres e das meninas se destacam: a intensidade e o sentido da tristeza; o lugar de origem das mães (no campo, a maioria do Nordeste); as mães de suas mães que nunca trabalharam fora de suas casas; suas mães que jamais ficaram em creches; as constituições das famílias: a dos seus avós, em sua maioria, eram constituídas por um homem, uma mulher e por inúmeros filhos nascidos e mortos, o que implica dizer que suas avós viveram inúmeras maternidades e gestações, nas famílias com suas mães os homens nem sempre estão presentes e há uma redução na quantidade de filhos; a intensidade no trabalho, as avós trabalhavam no campo ou em suas casas sem o conforto e comodidades típicas do meio urbano; as mães apanhavam muito de seus pais, essa prática ainda que presente, está um pouco mais amenizada; as suas mães não tinham brinquedos, relógios, TV, geladeira, inúmeros produtos de consumo e eletrodomésticos; as mulheres não estudavam, não havia escolas próximas, água, luz, esgoto - até hoje em muitas regiões não há, o Estado é ausente; as mães trabalhavam na roça desde pequenas, chegando em casa apenas à noite, as meninas, em geral trabalham em suas próprias casas. As mães trabalham duro em São Paulo em funções desqualificadas desde que aqui chegaram; há diferenças na casa de origem da mãe e na atual; há diferenças na forma

pela qual as mulheres são tratadas e consideradas, com as meninas as diferenças persistem, no entanto, também, de maneira mais amenizada; a pobreza na casa das suas avós era mais acentuada do que a delas. As meninas definem a infância de suas mães em relação à delas como falta, como menos. Pelo viés das possibilidades de aquisição material definem a infância de suas mães, então há carências. Infância para suas mães significava, apenas, ser pequena, a infância para as meninas se distende. Há uma lenta separação que vem sendo realizada pelas mulheres e meninas entre infância e trabalho. Por outro lado, contam pouco sobre o fato das mães saírem de seus lugares de origem à procura de coisas melhores, e essa saída iniciar o processo de construção das redes de parentescos e de novas vidas e conquistas. Tais mulheres inventaram vários jeitos de constituir trabalho, família, infância etc.

As infâncias de suas mães são definidas como inexistentes, ou, de maneira afirmativamente, como no período em que se foi pequeno, suas mães tinham vidas duras, marcadas por dificuldades, exigüidades e misérias.

As conquistas das famílias, das mulheres e das meninas dessa classe social são inúmeras, (re)inauguram formas de vidas marcadas por outras dimensões que não a falta, a miséria, o sofrimento, empurram com “força” o sistema um pouco mais para lá, fazendo-o “fugir”, conquistando em suas lutas uma outra qualidade de vida.

“Minha mãe teve uma infância mais boa do que a minha, nos velhos tempos era mais bom porque minha mãe tinha o pai dela, a mãe, os avós, tudo, o problema era que ela apanhava muito...”

“Percebo as diferenças porque naquele tempo de criança de minha mãe não tinha bonecas, não tem nada novo que tem agora, não tinha, por exemplo, um relógio desse daí, que minha mãe não estudava e tinha inveja de quem estudava. Minha mãe diz que não foi na escola porque a mãe dela

não colocou e fala que antes não tinha nada que tem hoje, tinha alguma coisa, mas não era tão boa como agora.”

“Quando ela era pequena, ela morava na Bahia, não tinha escola perto, quando ela chegava da escola não fazia lição porque a mãe dela mandava trabalhar.”

“É, na infância da minha mãe tudo era difícil, não tinha TV a cores, telefone, nada que tem hoje mundialmente, então eu acho chato, porque quando ela era pequena ela ajudava muito minha avó, ela não tinha sossego. Porque ela tinha um irmão, mas tudo que ele fazia minha avó culpava e batia muito na minha mãe, minha mãe é um pouco revoltada.”

“Quando minha mãe era pequena ela não tinha boneca para brincar, não tinha amiga porque as amigas dela eram muito malvadas com ela. Minha mãe chamava elas para irem na casa dela e as amigas diziam que preferiam ir na casa do sapo, pois minha mãe tinha uma casa muito pequena.”

“Minha mãe fala que os pais dela eram chatos e que brincavam com as bonecas de pano, e agora a gente tem mais oportunidades.”

“Minha mãe contou que quando ela era pequena a mãe dela batia muito nela e quando ela ia pentear o cabelo se ela não ficasse quieta, se mexesse a cabeça, ela logo ia puxando e apanhava.”

“Minha mãe me conta que quando ela era pequena ela trabalhava na roça de manhã até as 5:00 horas.”

“A nossa infância é melhor do que foi a nossa mãe, a gente tem o que a gente quer e elas não. As meninas não podem sair, tem que namorar depois dos 16 anos e os meninos podem namorar quando quiserem.”

Há semelhanças, nos sonhos, nos desejos de uma vida melhor, lutam conjuntamente para sair dos lugares de exclusão, as meninas e as mulheres se agenciam criando condições de um lado, para as mulheres trabalharem e, de outro, para as meninas estudarem, estão juntas produzindo possibilidades de vidas e inaugurando outros territórios femininos.

- Vocês se ouviram, o que acharam da infância de suas mães? Quais as diferenças?

“Que a infância da nossa mãe foi muito triste e a nossa não, tem vez que é, mas não é sempre.”

C. Pai

“Meu pai está separado da minha mãe já faz muito tempo.”

“Eu não gosto do meu pai, desculpa, mas eu não gosto”.

“Eu desisti da escola no ano passado por problemas familiares, é que eu tive um problema emocional quando o meu pai saiu de casa, ele foi embora e eu fiquei doente.”

“Meu pai morreu de tiro, faz 5 anos, eu lembro do meu pai ele era legal, mas sempre brigava, batia na minha mãe, eu lembro, quando eu estava na cama ele chegava e brigava, porque ele tinha virado bandido.”

“O que mais sinto falta é do meu pai.”

“Eu nunca vi meu pai, ele morreu quando eu era criancinha com 2 aninhos e minha mãe não tem mais retrato dele.”

“Você conhece o Francisco Petrônio, então o filho dele aprontou com a minha mãe e falou se ela contasse algo para o pai dele ele ia matar minha mãe, a minha mãe foi embora pra longe deles.”

“A relação com meu pai é mais ou menos, tem vezes que o meu pai bate na minha mãe, quando ele está bêbado, nós não podemos fazer nada pois senão ele bate na gente também.”

“Eu tenho um padrasto que só bate em mim com cinto, conto para minha mãe, mas ela não fala nada.”

“Meu pai só liga para o meu irmão porque o meu irmão trabalha e ele dá dinheiro para minha mãe comprar coisas para dentro de casa.”

“Meu pai é pedreiro.”

Quando as meninas contam as histórias que se referem a seus pais, há um turbilhão de intensidades, expressam ódios, saudades, falta, desejo que fossem diferentes, choram, choram várias vezes, ficam sérias, dão risadas, os rostos se inundam de trejeitos. O que expressam? Quais os sentidos? Falar do pai é um momento tenso e amargurado, por vezes confundem-se com suas mães, em outras se confundem, mas como filhas, às vezes falam limpidamente e claramente, mas o que querem dizer? Gostariam de ser queridas por eles, de contar com suas presenças, outras, são felizes com as suas ausências, apesar da dificuldade de expressar.

Os pais aparecem em suas falas de várias maneiras: como ausente, como inexistente, como perverso, como provedor, fugidio, injusto, é, em todas as situações, uma referência.

As meninas e mulheres vivem um tipo de família, mas não legitimam tal diferença, e vivem na expectativa de um dia ter uma família nos moldes da família nuclear, centrada no homem/pai como o provedor, são tais expectativas que se frustram. Apesar de viverem uma forma de família em que muitas vezes são felizes, não podem, não querem reconhecer e afirmar tais diferenças.

Alguns homens, nessa classe social, não podem, não querem e nem conseguem suprir a expectativa do provedor e da autoridade. A mulher, apesar de nem sempre querer ele nessa situação, o proclama. Algumas das meninas, apesar de gostarem da ausência do pai, pois na maioria das vezes a presença tem significado sofrimento, reclamam, pelas vozes, em rostos, sem nenhuma intensidade, a falta do pai. Fazem o que se espera, por isso uma das meninas pede desculpas antes de dizer que não gosta do pai.

“As pesquisas demonstram como a pobreza afeta primordialmente o papel de provedor do homem da família. (...) A vulnerabilidade da família pobre, quando centrada no pai/provedor, ajuda a explicar a frequência de rupturas conjugais, diante de tantas expectativas não cumpridas para o homem, que se sente fracassado, e para a mulher, que vê rolar por água abaixo suas chances de ter alguma coisa através do projeto de casamento. A literatura sobre famílias pobres no Brasil confirma a possibilidade de se estabelecer uma relação entre as condições socioeconômicas e a estabilidade familiar, no sentido de os ciclos de vida familiar se desenvolverem sem rupturas. Há uma relação entre pobreza e chefia feminina, isso significa dizer que as famílias desfeitas são mais pobres, e num círculo vicioso, as famílias mais pobres desfazem-se mais facilmente.”⁴³

As meninas narram histórias dos seus pais: homens, também de vida dura, com poucas possibilidades de trabalhos, alguns excluídos do mercado de trabalho, em geral, empregados em atividades de baixa remuneração e qualificação, alguns deles batem nas mulheres, por vezes nas crianças, bebem, matam, buscam várias e todas as formas para conseguir dinheiro, constituem outras famílias, em algumas ficam e em outras não, muitas vezes morrem cedo, mas mesmo assim permanecem como referência.

⁴³ Sarti, Cynthia A. - *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, Autores Associados, 1996, p. 45.*

As meninas contam de homens que engravidaram suas mães e foram embora e que as meninas os desconhecem; as meninas contam de homens que se constituíram em seus pais e permanecem ou faltam; as meninas falam de muitos pais. As meninas quando falam de seus pais expressam as ambivalências entre a ausência e a presença que falta, da presença e da indiferença. O pai não é um sujeito, são imagens que as meninas constroem e que são incessantemente construídas pelos equipamentos institucionais, o rosto do pai é presente, reverbera, mesmo na ausência ou em sua presença “mambembe”. É um rosto que está em várias instâncias, também, nas escolas. Há várias ambigüidades na figura do pai que as meninas expressam, uma força e uma vulnerabilidade quando a família está nele centrada, pois não conseguem cumprir com a expectativa: trabalhador-autoridade-provedor.

As mulheres expressam o desejo de se verem em uma condição em que são providas pelo homem. Vivem a ambigüidade entre ter um homem em casa e assim não se verem sozinhas como solteiras, “mal-amadas”, ou desqualificadas, tendo um homem a qualquer custo; e não tê-lo. “Ser trabalhador” e não beber é o que gostariam dos homens, pois imaginam que deste modo estariam seguras, realizando o desejo do casamento salvador de sua condição de pobre. Tais expectativas são frustradas e a mulher desempenha uma função nesse mecanismo que busca reiterar e reproduzir papéis e funções impossíveis de serem realizados ou cumpridos, e que são difundidos como corretos, verdadeiros e produtores de felicidades. Quando as mulheres contam umas às outras as suas relações com os homens acabam rindo de suas histórias:

“Acho que não vale a pena ter um companheiro em casa que não ajuda e não serve para nada.”

“Chega em casa e põe defeito na gente.”

“O homem chega em casa bêbado, enchendo o saco da gente, dando porrada.”

“Ter homem só para dizer que tem, melhor não ter.”

“Só moro junto, mas não temos mais nada a ver, só estou com ele, pois temos muitos filhos e não posso sair daqui, ele não bebe, mas me maltrata muito.”

A relação entre o pai e o filho que algumas meninas observam e narram parece ser, em alguns casos, de cumplicidade, principalmente quando eles conseguem trazer dinheiro para casa. Em outros, o pai procura formar o filho na atividade em que ele está envolvido, como mecânico, pedreiro ou mesmo em suas atividades clandestinas ou de bandido, as meninas mantêm uma relação de apêndice com o pai.

As meninas se solidarizam e sofrem junto com suas mães, observando a relação que as mães mantêm com os seus pais, mas, ao mesmo tempo, permanecem com uma relação de lealdade com os pais em muitas situações.

“Meu pai vinha me visitar, agora eu tenho dois irmãos, um está trabalhando lá não sei onde e o outro está preso. Meu irmão menor coitado, antes era FEBEM, agora já é cadeia. Minha mãe vai visitá-lo às vezes, porque ele está longe, lá em Presidente Bernardes. Meu irmão nunca fugiu de casa é o caso que as más companhias né? Depois ele começou a entrar nas drogas lá, foi meu irmão mais velho que levou ele para as drogas lá, incentivou ele, meu pai também quando vinha visitar, ele dizia assim que filho dele não podia ser pego com qualquer mixaria não, eu não gosto do meu pai, desculpa, mas eu não gosto do meu pai. Não é só o caso dele levar os meus irmãos para esse caminho, ao invés dele ajudar a minha mãe, não. (Chora.)

- O que faz o seu pai?

“Eu não sei.”

D. O lugar e o tempo de estudar

Histórias lidas e contadas

Ler e escrever para as mulheres dessa classe social é uma prática cultural que foi sendo construída, conquistada e configurada por várias gerações. Esta era uma prática que se caracterizava pela proibição imposta às mulheres. Proibição que se impunha em vários sentidos: não havia importância da mulher ler/escrever para aquilo que se esperava e se construía enquanto atributos femininos; necessitava-se das mulheres e das meninas no trabalho no campo; temia-se o ingresso da mulher nesse universo, pouco conhecido, também pelos homens. Proibia-se a leitura/escrita, pois isto poderia significar ir à escola e implicaria em encontros indesejáveis.

“Meu pai não deixou mais ir na escola porque tinha muita gente e falou que eu ia namorar lá e não deixou mais eu estudar.”

A idéia de que o acesso ao livro e a escrita produz uma certa independência perigosa, foi analisada por Chartier no artigo intitulado *“Do livro à leitura”*⁴⁴, no qual discute a diferença na alfabetização feminina da leitura e da escrita. Argumenta que a leitura para a mulher era necessária quando se definia o tipo do livro que deveria ser lido, como por exemplo *“As máximas do casamento ou os deveres da mulher casada”*, preparavam-se as moças por meio das leituras. *“Mas foi contra a vontade de seu tutor que Agnès conquistou a escrita, instrumento de uma perigosa independência, meio da correspondência amorosa - aqui com o jovem Horácio: ‘Eis, malandra, para que te serve a escrita;/ Contra o meu desejo a arte te foi revelada’.”*⁴⁵

⁴⁴ Chartier, R. (org.) - *Práticas da leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 81.

À prática da leitura, muito mais que a escrita, estava circunscrita a um universo mágico, desconhecido e se lhe atribuía um certo poder e a prática da escrita a conquista de uma certa independência.

As mulheres que moravam no campo, em sua maioria, não liam, não estudavam, estavam tomadas pela maternidade e pelo trabalho. Pelo depoimento das mulheres entrevistadas, os homens tinham um relativo hábito de leitura, em geral, liam a Bíblia, os almanaques e jornais, sendo que muitas mulheres não sabiam dizer o que tinha para ser lido. Pela descrição feita por uma delas, que dizia que o seu pai sabia das doenças por um livro, faz supor que tal material impresso se refere aos almanaques⁴⁶:

“Meu pai estudou e muito, porque lá tinha um monte de livros e ele estava sempre estudando. Minha mãe eu não sei, mas meu pai acredito que estudou. Livro de Bíblia sagrada, de medicina, tem um monte de livro, ele era católico, mas tudo quanto era tipo de doença ele ia pegar o livro para saber o remédio, ele tratava as pessoas, não é bem tratar, ele comprava os remédios sabendo que estava indicado nos livros.”

“Na casa do meu avô paterno tinha muito livro.”

- Que tipo, você lembra?

⁴⁶ Há semelhanças entre as falas das mulheres pesquisadas e os depoimentos colhidos por Margareth B. Park em seu trabalho sobre a reconstituição da história dos almanaques. Conta o sr. Vicente, nascido em 1916, em Agudos, no Estado de São Paulo: “Sina, o armanaque era que nem a gente tê médico em casa. Sabe como é. Os meninos tem sempre dor de barriga, as gripe, chiadeira, aí é só ir e olhá o que é bom. É dá e pronto”. (Park, Margareth B - “Leituras de almanaques: o cordãozinho e o Jeca” in *Educação e Sociedade*, revista quadrimestral de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), nº 54, Campinas, Papirus, 1996)

“A livros antigos, eu lembro que eles eram amarelos, e as folhas tão antigas e todas amareladas.”

- Você lia? Você lembra da sua mãe lendo?

“Minha mãe não, mas a gente tinha que ler escondido. Porque senão apanhava, eles não permitiam, tinha que trabalhar, não podia parar para nada. Olha, eu com sete anos a minha mão era só bolha de sangue, porque meu pai comprou um caminhão e puxava areia e os ajudantes do meu pai era eu e meu irmão.”

O deslocamento cultural realizado pelas mulheres produz imediatamente a necessidade de aprender a ler e escrever: os espaços urbanos estão impregnados de escrita, essas práticas não têm mais referências negativas e nem mais um caráter proibitivo, impõe-se agora, a necessidade da leitura feminina, a distância e o desejo de saber notícias impõe, a necessidade da escrita, ir à escola é visto como a possibilidade de aprendizagem e de ascensão social, a mulher afirma-se colocando os seus filhos na escola, e ler e escrever, desde seu lugar de origem, era uma prática presente.

As práticas da leitura e da escrita estavam colocadas para tais mulheres, antes mesmo de seu deslocamento: pelo seu caráter proibitivo, pelas marcas culturais que estas práticas impõem, pois assim que as mulheres se deslocam culturalmente, a primeira providência que tomam é procurar uma escola para os seus filhos e aprender a ler e escrever. Fazer esse deslocamento cultural implicava, também, em produzir e inventar um tempo em que pudessem aprender.

“O que mais me incomodava em ser doméstica é que não podia estudar.”

- Mas você estudava?

“Estudava, mas não era aquele estudo que tinha que ser bonitinho e tal, porque era assim, você vai estudar até a 4^a série porque mulher não precisa estudar, mulher é casa e acabou. Não tem essa de mulher continuar estudando, para os meus pais não tinha não.”

“Antes de eu casar eu comprei uma coleção de livros para mim. Eu lia várias vezes, e me sentia a gata borralheira, a branca de neve. Sabe, esperava o príncipe, brincava de faz- de-conta, tudo que era proibido eu fiz depois por minha conta, porque daí não tinha ninguém para me proibir.”

Nas falas das meninas e também das mulheres há uma associação entre ter tempo para ler, escrever e contar histórias. Marcam, claramente, a necessidade de um tempo para tais práticas. Um bolsão de tempo que fique distante do cansaço, das preocupações e do trabalho. Estas mulheres iniciam a conquista e a invenção deste tempo, inexistente até então para as mulheres desta classe social. Necessitam de um tempo para fazer outras coisas que não estejam ligadas ao trabalho: ver TV, ler, olhar revistas etc. As meninas têm este tempo, conquistado, porque meio período estão na escola, aprendendo, relacionando-se, brincando etc. Apesar das exclusões escolares que sofrem ano-a-ano.

- O que mais sua mãe tem te contado de histórias?

“Ultimamente ela não tem contado mais nada. Porque ela fica preocupada com o meu irmão do meio.”

- Tua mãe te contava histórias quando você era pequena?

“Faz tanto tempo que minha mãe me contou histórias que até me esqueci.”

Aprender a ler e escrever é uma marca de separação entre os mundos femininos, é a produção de um tempo no qual se organiza a relação trabalho e lazer, trabalho e estudo, e no qual se redimensiona a noção do trabalho, é uma aprendizagem que propicia uma outra forma de inserção e anuncia com a possibilidade de ascensão social, proporciona vivenciar e experimentar outras coisas, principalmente para o mundo das mulheres cuja aprendizagem estava proibida, especialmente às mulheres pobres.

Nos depoimentos das meninas elas afirmam gostar de ouvir e ler histórias. Histórias que lêem em livros, em revistinhas, em revistas, que escutam na escola, em casa, em outros espaços de aprendizagem e histórias que escutam na televisão. A TV é um meio de comunicação importante para as meninas, é por meio dele que muitas delas conheceram as histórias, como os contos de fadas, por exemplo, quando tais histórias foram exibidas em seriados pela TV Cultura de São Paulo.

Quais são as histórias que vocês não esqueceram?

“Os contos de fadas.”

- Quem contou essas histórias?

“Ouvi no canal 2.”

As meninas afirmam gostar das histórias de livros e das histórias de vida contadas pelos diversos adultos. Apenas uma delas lembrou de uma história contada pelo pai, são as

mulheres as contadoras das histórias. Quando perguntei ou conversávamos sobre as histórias que conheciam e gostavam havia um vai-e-vem entre as histórias escritas e as contadas, entre as histórias de vida e as que são escritas, um vai-e-vem permanente entre a oralidade e a escritura.

“Tem muitas histórias que eu gostei, gosto dos contos de fadas, a professora da 3^a série contava e eu gostava muito das histórias, ela também contava histórias de quando ela era pequenininha e que também ela era travessa, eu gostava das histórias quando ela contava. Gosto muito de fazer teatro, as peças, as danças, são histórias para mim.”

“Minha mãe contou uma história que ela aprontava muito, ela saía para bailes e minha avó não gostava, um dia minha avó pegou e bateu nela aí o meu avô foi lá e bateu na minha avó, acho legal o pai ser assim liberal com a filha, assim, mas não pode exagerar num ponto.”

“Pode ser uma história triste? Um dia ela contou assim que meu pai morreu.”

Os contos de fadas são as histórias mais lembradas pelas meninas em seus depoimentos: um encontro entre a oralidade, as imagens da TV e a escritura. Gostam dos contos pela maneira com que são contados, pelos sons que os adultos emitem ao contar, pela maneira que são oralizados, pela facilidade com que entendem as histórias, pelo final que é feliz, pela relação que estabelecem com quem está contando, por ser uma história que foi contada pela mãe e que esta ouviu da sua mãe e assim por diante, histórias que sempre

foram contadas, pois são histórias que contam sobre as mulheres, e apresentam modelos de feminino, de esperança, de futuro etc.

“A primeira vez que a minha professora contou o Chapeuzinho Vermelho eu estava no primeiro ano, aí eu comecei gostando, gostando, aí eu disse professora vamos estudar, cheguei em casa eu disse para minha mãe como é que era, para minha irmã e para minha avó que tinha um livro bem pequenininho e tinha uma história sobre a formiguinha e o caçador.”

Vocês lembram de alguma história que tenham lido e gostado?

“Chapeuzinho Vermelho.”

“Eu gosto da Cinderela porque no final ela se casa com o príncipe.”

“Eu gosto da Gata Borralheira porque ela começa assim meio triste e depois ela fica alegre, bem legal. Minha mãe me contava quando eu era pequena.”

- E como sua mãe conhecia?

“Ela dizia que a mãe dela também contava para ela.”

“O que eu mais gosto de ler é revistinha.”

“Minha mãe me deu uma coleção de livros, mas eu já li os livros tudo. Tem o ursinho Puf, A Dama e o Vagabundo.”

Muitas histórias deixam de ser contadas às meninas quando aprendem a ler e a escrever, quando a leitura passa a ser silenciosa⁴⁷, quando a palavra deixa de ser pronunciada em voz alta, quando as referências aos poucos se modificam: das falas aos textos. Algumas se encantam com a leitura. Algumas das meninas entrevistadas inauguram com a prática da leitura uma privatização e uma nova intimidade até agora desconhecida por algumas das mulheres dessa classe social, e certamente estabelecem novos modelos de comportamento e de conduta cultural. A inteligência passa a ter valor, ler e escrever uma marca cultural admirada e para ser conquistada e contraposta ao trabalho braçal e doméstico.

“Minha avó contava os contos de fadas dum jeito muito esquisito assim o primeiro que ela contou para mim foi o Chapeuzinho Vermelho só que ela fazia dum jeito a voz, aí quando fui para a escola já comecei aprendendo a ler. Agora já sei ler e leio para mim mesma. Sua avó sabia ler? Sabia e ela pegava os livros na biblioteca.”

“Eu adoro ler livro, a gente se sente como se estivesse dentro da história, como se estivesse acontecendo com a gente, filme de terror eu também gosto.”

⁴⁷ “Philippe Ariès considerava o ingresso das sociedades ocidentais na cultura da escrita uma das principais evoluções na era moderna. Os progressos da alfabetização - entendida como a aquisição do saber ler e escrever por parte do maior número de pessoas -, a circulação mais densa da palavra escrita - à mão ou impressa-, a difusão da leitura silenciosa, que estabelece uma relação solitária e íntima entre o leitor e o livro, constituíam para ele transformações decisivas que de maneira inédita traçavam a fronteira entre os gestos culturais do foro íntimo e os da vida coletiva. (...) Ler em voz alta, para os outros ou para si mesmo, ler em grupos, ler por obrigação de trabalho ou por prazer são atos que não desaparecem com a revolução da leitura no silêncio e na intimidade.” (Chartier, Roger - “As práticas da escrita” in Ariès, Philippe & Chartier, Roger (org.) - *História da vida privada 3. Da renascença ao século das luzes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991)

D - O lugar e o tempo de estudar

A oralidade por escrito - o fora-dentro

“O mais profundo é a pele”

Paul Valéry

ele olha as cores, elas se misturam, a nitidez é a ausência de tons, as coisas são sons e tons, ele sente os cheiros, às vezes ri com os afagos, beijos e apertos, mas às vezes não, tudo se mistura, não existe começo ou fim, o tempo é desordenado, ele dorme quando cansa e finaliza, as coisas são forças e sensações. não existe o sentido e mesmo assim não há o terror. Ele é inteiramente fala. Há sustos: um ruído mais forte; vive a todo momento o inesperado. Há choro: fome, cansaço, dor, movimento do rosto. Há risos, que as vezes é alegria. ...interessante o mundo sem sentido. Ele é cuidado por uma “analfabeta”, é um analfabeto, ela o entende, ele é um bebê. Vivem à superfície.

Duas mulheres que trabalham com bebês em uma creche pública do Município de São Paulo contam a sua relação com a leitura e a escrita, apesar de suas dificuldades de falar por escrito.

Segundo Deleuze, a direção da criança é ascendente rumo à superfície, em contraste com a direção descendente do louco rumo à profundidade. Na loucura, a superfície é tragada e este colapso acarreta a falência do sentido. Os sentidos são produzidos, a superfície é o lugar da produção dos sentidos. “... A superfície de sentido entendida como trama de singularidades, diz Deleuze, basta-se a si mesma, e é justamente pelo fato de consistir numa superfície que ela não afunda no sem-fundo⁴⁸.”

As educadoras “analfabetas” são aquelas que trabalham nas creches, em geral cuidando das crianças pequenas ou dos bebês, numa relação entre os que aparentemente nada sabem. Lugar de encontro entre o literal da infância - sem saber - com a analfabeta. Encontro na superfície, ou em direção a ela. Algumas destas mulheres marcam com positividade sua relação com as crianças pequenas e os bebês. Qual é esta positividade?

Nos depoimentos destas educadoras elas falam sobre escrever e ler, das invisibilidades destas práticas, da força e da estética do escrever, já que a leitura e a escrita estão presentes com intensidade em um equipamento educativo como é o caso de uma creche e também em suas vidas, enquanto ausência. Elas se apropriam da leitura e da escrita, não só pelo contato com o material impresso, mas porque saber ler e escrever, nesse tipo de instituição, marca uma luta interna entre as mulheres de uma mesma situação social.

“...Ah, para a gente educar uma criança não é só estudo, tem gente que tem estudo, mas não sabe lutar com uma criança, não sabe trocar, não sabe fazer nada... Tem que ter paciência, ter carinho com eles...”

⁴⁸ Pelbart, Peter Pál - *Da clausura do fora ao fora da clausura. Loucura e desrazão*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p.146.

Essas educadoras mantêm relações fecundas com os bebês, e sabem que uma das razões pelas quais cuidam deles é o fato de serem analfabetas. Fazem o que poucas querem fazer nas creches públicas, mexer no cocô, naquilo que sobra, nos restos. No entanto, se apegam aos bebês, sem nenhuma mediação entre elas e os pequenos: sem escrita, sem fala convencional, há falas nos corpos, nos sons, nos gestos, nos tons e nas forças-caminham com as crianças rumo à superfície: das profundezas do corpo materno à superfície. Elas se vinculam, se apaixonam pelos bebês e se confundem com eles e com os afetos; os bebês precisam disto, elas os ajudam sem saber a partir de saberes.

“Gosto de trabalhar aqui..., já vai fazer 7 anos, eu gosto, me apego demais, ontem eu estava muito caída porque é último dia, meu grupo já vai sair, fiquei do lado do armário e chorei pra caramba... Com as crianças pequenas a gente acaba se apegando muito com eles. Eu sofro com a separação das crianças...”

Precisariam estudar, sabem disto, o que talvez não as tornassem mais ou menos aptas a cuidar dos nenês; no entanto, poderiam trabalhar com crianças maiores e é o que gostariam, segundo a fala de uma delas:

“Sem estudo é muito ruim porque a gente quer fazer alguma coisa e não pode, eu tenho vontade de ir para uma turma maior e não pode, os pequeninhos é só trocar a fralda, limpar, dá para ir tocando, o problema é só com o relatório.” (descrição, por escrito, do trabalho realizado no semestre).

Tais mulheres sabem que chegaram ao patamar mais alto da ascensão social, pois, afora isso, só lhes resta o trabalho doméstico (em outras casas) e é também por essa razão que mantêm uma relação intensa com o trabalho e com as crianças. “A história definiu os papéis a que estão submetidos os analfabetos na sociedade contemporânea: eles representam, na sua grande totalidade, apenas a força de trabalho braçal. No sistema de valores da sociedade letrada, a contribuição do analfabeto se limita ao que ele produz com a sua força física de trabalho⁴⁹.” No entanto, o que resulta do trabalho de analfabetas em uma instituição educativa é mais do que um produto físico, já que os seus trabalhos se relacionam diretamente com forças: de sensações e afe(c)tos e letramento: busca, produção e invenção de sentidos e relação com não-sentidos.

Diz uma delas:

*“...Gosto de trabalhar aqui; se for para outro lugar e trabalhar em quê?
Só se for em casa de família”.*

Essas mulheres que trabalham numa instituição educativa têm a clareza de que o exercício da palavra, entre outras coisas, está ligado à questão do poder, o que produz o desejo delas estudarem.

“Hoje não queria me formar para nada não, queria o estudo para fazer tudo que tenho vontade de fazer, escrever, ler, não precisava ficar pedindo para os outros, agora na minha idade (35 anos), não tenho vontade de ser professora, advogada, não, queria o estudo para não precisar pedir favor para ninguém.” (Marisa)

⁴⁹ Ratto, Ivani - “Ação política: Fator de constituição do letramento do analfabeto adulto” in Kleiman, Angela B. (org.) - *Os significados do letramento*. Campinas, Mercado de Letras, 1995.

“Vamos supor mesmo que eu queira agora o lugar da orientadora pedagógica, eu não ia chegar no lugar dela, então quero que os meus filhos estudem, para poder chegar.” (Socorro)

A fronteira em que vivem tais mulheres, entre escrever e não, entre ler e não, propicia a elas uma visão singular e uma clareza em relação a alguns aspectos da linguagem que passam despercebidos para educadoras que têm a prática da leitura e da escrita.

Vivem uma dimensão da linguagem na relação com os bebês que é um aleatório de sonoridades, ruídos incessantes e repetições. “Os primeiros balbucios são uma mistura de acaso e jogos. As crianças pequenas recuperam na linguagem, não exatamente os sentidos, mas os gestos, as tonalidades, os fluxos de sons. Já que criam uma língua a cada fala, gostam da vocalização e vivem um encantamento pelo som, todo o corpo (é) fala. A criança em seus primeiros balbucios mobiliza todo o corpo numa gesticulação global: a linguagem é então vivida como puro dispêndio gestual, jubilação muscular, polifônica e rítmica. O sentido advém secundariamente, como diferenciação interna dessa atividade e como recalque progressivo de seus componentes somáticos e libidinais.”⁵⁰

As educadoras analfabetas brincam e impregnam de sentidos os sons, o que nem sempre conseguem fazer algumas das mulheres trabalhadoras desta creche.

“... Sinto que eles (bebês) estão bem, estão espertos e a gente se entende muito bem, eu e eles, e os pais também se mostram bem com a gente.”
(Socorro)

Tais mulheres vivem como uma grande, por vezes, definitiva falta, o fato de não saberem ler e escrever. Não conseguem perceber (além de não serem reconhecidas em

⁵⁰ Pelbart, Peter Pál - *Da clausura do fora ao fora da clausura. Loucura e desrazão*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p.149.

suas potências) que vivenciam e experimentam este conhecimento: quando lêem e contam as histórias para as crianças, quando demonstram clareza sobre a necessidade de ler e de escrever, quando dão significado às falas dos bebês, pelo esforço que fazem cotidianamente para ler (também as falas das crianças pequenas), pela clareza com que expressam a relação entre linguagem e poder, pois gesticulam ao falar, pois vivem não-sentidos com os bebês e impregnam sentidos porque a escrita é fecundada de fala. Por isso são letradas, e se sentem analfabetas.

Por meio de seus depoimentos, notamos que estas trabalhadoras falam na creche sobre a leitura e a escrita, percebendo a força, recuperando o encantamento e o poder da leitura e da escrita.

“... Eu queria ser professora, eu acho bonito quem escreve, é importante, porque você não sabendo ler e nem escrever nada, nem o nome, é mesmo que ser cego, anda na rua e pode dizer que é um cego, os outros que estão te levando.” (Socorro)

“... Olha, tenho uma das minhas filhas que fala que quer ser professora, se Deus ajudar que ela vai nesta, é uma boa, mas professora ganha muito pouco, é praticamente igual a nós, mas acho uma boa.” (Marisa)

Tais mulheres não escrevem, pois vivem um impedimento, dizem que já não podem mais, algumas já não querem, dizem da preguiça que sentem, do forte cansaço que sentem depois de um dia inteiro de trabalho, falam da dificuldade em começar de novo e talvez fracassar novamente, dizem da distância que teriam de percorrer para ir à escola, porque resistem a estas práticas, pois assim se diferenciam, ou porque se prolongam em suas filhas e por esta via impregnam-se de leituras e escritas.

“Não voltei a estudar porque a escola aí é muito longe, a mais perto fica na Vila Dalva e começa muito tarde e o Aloisio (marido) não deixa eu ir só, porque começa às 7:30 e termina às 11:00 horas lá na Vila Dalva e é muito perigoso e ele tem medo.”

“Aqui eu voltei há 2 anos atrás mas ficava muito cansativo para mim, eu saía da creche, chegava em casa, saía correndo, chegava às 11 horas e depois a escola mudou de lugar e ficou mais difícil, meus filhos, eu acho importante estudar....”

8 - Um pequeno relato sobre as conversas com as meninas e as mulheres

UMA HISTÓRIA SENSÍVEL DE LEITURAS

Na conversa com as mulheres trabalhadoras, com as educadoras e com as meninas, as falas eram muito mais que palavras: há os tons, as tristezas, as alegrias, as intensidades, as expressões, os gestos, os risos, os choros (as que choram para não falar, num choro protetor), os vários silêncios, os afetos, as conversas paralelas, a tentativa de, pela fala, se ajudarem, um monte de coisas que não passam pelo compreender, nem pela significação. A impossibilidade das palavras falarem disso nos torna analfabetas.

As histórias que as mulheres contavam, *falavam*, eram narradas com tanta naturalidade e tinham, por vezes, um impacto tão forte que eu passava a respirar mais rápido, não queria perder nada do sentido da história, dos gestos que elas realizavam ao contar e dos tons e das sonoridades das vozes. As mulheres ali, em minha frente, tranquilas e narrando suas histórias, como se estivessem, de fato, à espera, à espera de que suas histórias pudessem, de fato, virar contos, para ser a subversão deste universo.

Designar as mulheres como analfabetas ou pobres é estratégia para aplacar suas forças e seus saberes. Designar as mulheres como pobres é uma estratégia para se defender de seus corpos, jeitos etc. O esforço desse texto foi de, a partir de singularidades, extrair sentidos, para além dos sentidos, algo mais em suas vidas e na linguagem .

As falas das mulheres, ao contarem o que lhes falta, falam de suas forças, conquistas e desejos. Mulheres de vida dura, que conseguiram para si o trabalho fora de casa, a escola ou a creche para seus filhos, se prolongam nas crianças e por meio delas buscam sair da exclusão em que estão colocadas.

Meninas de vida dura, trabalham desde cedo, agenciam-se com suas mães e tentam outras coisas. Movimentam-se apesar de parecer que estão sempre no mesmo lugar.

Nossa modernidade as exclui, são as que ficam com o resto e com o que sobrou, mas elas nos devolvem esses restos em forma de outras coisas que não percebemos

“em função dos procedimentos de saber (em especial dos procedimentos lingüísticos), dos mecanismos de poder, dos processos de subjetivação ou individuação de que dispomos.”⁵¹

Com elas tenho aprendido um pouco a necessidade de embutir o nosso alfabetismo em seus analfabetismos para permear nosso saber com um pouco de ruína, acaso e desconhecimento (Pelbart, 1993).

⁵¹ Deleuze, Gilles - *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, p. 145.

9 - Considerações Finais

Este trabalho pretendeu contar histórias de mulheres e de meninas das classes populares. Histórias de uma geração de mulheres pobres que contam e narram suas vidas. Substâncias de vidas impressas nas histórias contadas. Histórias que fazem aflorar toda uma prática-política social.

As mulheres têm experiências econômicas, políticas, corporais marcadas por forças que as submeteram, exploraram, excluíram-nas e as abandonaram. Suas experiências históricas contam sobre os acontecimentos num país. Uma sociedade que produz determinados rostos. O que tais mulheres conseguiram, são claramente conquistas, lutas cotidianas e são muitas.

Mulheres que pertencem a uma “linhagem” de mulheres sedentárias que saíram desta condição e em seus deslocamentos produziram mudanças culturais-políticas e sociais que serão usufruídas, também, pelos seus filhos. Provocam “fugas” e transformações no modo de produção capitalista. Assim como as meninas, partindo do deslocamento provocado por suas mães inauguram novos deslocamentos, mesmo não saindo do lugar, como por exemplo a aquisição da leitura e da escrita. A maioria das meninas entrevistadas são repetentes, mas, mesmo assim, aprenderam a ler e a escrever, o que significa dizer que não há uma relação direta entre a escola, o fracasso escolar e a leitura e a escrita. A produção do fracasso e da repetência escolar, que são processos de exclusão das crianças das escolas, são processos perversos que devem ser combatidos cotidianamente, o que já fazem as meninas, por meio das repetições. A escola é uma das conquistas das mulheres pobres. Elas lutam para ter seus filhos na escola. Com a aquisição da leitura e da escrita, as meninas, inauguram novas formas de intimidade, privatização, subjetivação diferentes de suas mães.

As mulheres não contaram apenas reminiscências, são histórias para além da “Mnemosyne”. São narrativas que ao serem tecidas fazem história, são práticas: práticas sociais, práticas de oralidade, e não estão escritas. Pertencem à oralidade, e possuem uma

riqueza infinita. À espera de... Como escrevê-las?, foi a questão presente durante todo o trabalho. As histórias das meninas-mulheres foram escritas de várias maneiras, em alguns momentos os depoimentos se repetem, pois estão aqui e ali, não para serem interpretados, mas experimentados, as teorias, como as histórias, caminham por ramificações, foram sendo usadas.

O capítulo sobre as imagens de mulheres construídas por Perrault teve por objetivo discutir uma forma literária própria da oralidade, que são os contos. Perrault (re)escreveu as histórias orais sob a forma de contos, ele penetrou no mecanismo de produção e de transmissão de histórias. Produziu relatos inscritos na história francesa, a serviço de uma visão de mundo. Produz uma interação entre realidade histórica e a ficção, veicula uma cultura “mundana”, oral e a (re)escreve. Escrever ou reproduzir os contos de fadas clássicos é reproduzir um conjunto de idéias e valores que reforçam uma maneira tradicional de ver, crer e se comportar, endereçados principalmente às crianças e às mulheres. Histórias da tradição e herança popular foram transformadas, por Perrault, num discurso de conformidade às regras e aos códigos sociais que legitimam uma visão de mundo, arcaica. A subversão nesse universo é o que se coloca.

Este trabalho tentou percorrer várias linhas, impossíveis de serem agrupadas e unificadas, as linhas foram constituindo as coisas e os acontecimentos, que tentei cartografar. As mulheres traçaram linhas que serão (re)traçadas pelas meninas e elas inscreverão outras. O que tal trabalho tentou evidenciar é que há muitas linhas da pobreza. O esforço das mulheres em fugir destas linhas e suas conquistas é o que se tentou mostrar. Mulheres fortes. A cartografia tentou marcar caminhos e movimentos para além das referências da pobreza. O que não quer dizer que não há pobreza, ou um elogio às virtudes de ser pobre, ou mesmo uma consagração à brutal exploração e abandono produzido pelas relações capitalísticas (re)produzidas neste país.

As meninas-mulheres pobres falaram por si e contaram suas contribuições às histórias das mulheres.

10 - Bibliografia

AARNE, Antti et THOMPSON, Stith - *The Types of the folktales. Classification and bibliography*, Seconde révision, Helsinki, 1961.

ABRAMOWICZ, Anete - *A menina repetente*. Campinas, Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Anuário brasileiro de psicanálise. Coordenação Daniela Ropa e Marci Dória Passos. Número 3. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

ARIÈS, Philippe - *História social da criança e da família*, 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges(orgs) - *História da vida privada, 3. Da renascença ao século das luzes*. Organizada Philippe Ariès e Roger Chartier; Tradução Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1991

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinon) - *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.

- *A Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BENCHEIKH, Jamel Eddine; BREMOND, Claude e MIQUEL, André - *Mille et un contes de la nuit*. Paris, Éditions Gallimard, 1991.

BETTELHEIM, Bruno - *Psicanálise dos contos de fadas*. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Ed. paz e Terra, 1980 (7ª ed.).

BLANCHOT, Maurice - *O Espaço literário*. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

BOSI, Ecléa - *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo, Ed. T.A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues(org.) - *As faces da memória*. Campinas, Centro de Memória da UNICAMP, Seminário 2.

BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina de Oliveira (orgs.) - *Entre a virtude e o pecado*.

Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.) - *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo, Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.

Cadernos de Subjetividade. PELBART, Peter Pál e ROLNIK, Suely (orgs.) - Núcleo de Pesquisas da Subjetividade do programa de Pós-Graduação da Psicologia Clínica da PUC de São Paulo. São Paulo, 1996.

CERTEAU, Michel - *A escrita da história*. Tradução por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.

_____ - *Artes de fazer. A invenção do cotidiano*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard; BAUTIER, Élisabeth e ROCHEX, Jean-Yves - *École et savoir dans les banlieues... et ailleurs*. Paris, Armand Colin Éditeur, 1992.

CHARTIER, Roger - *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre o século XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____ - “As práticas da escrita” in *História da vida privada 3*. Chartier, Roger (org.); tradução Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

_____ - *Práticas da leitura*. Chartier, Roger (org.). Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

CHRISTIN, Anne-Marie - *Écrire, voir, conter*. Paris, Textuel n° 25, Paris 7, 1993.

COSTA, Jurandir Freire - *Ordem médica e norma familiar*. 2ª ed, Rio de Janeiro, Graal, 1983.

DEL PRIORI, M. (org.) - *A história da criança no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1991.

DELEUZE, Gilles: *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

_____ - *Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

_____ - “Désir et plaisir” in *Foucault Aujourd’hui - Magazine Littéraire*, n. 325; p.59-65. Paris, out. 1994.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix - *O que é Filosofia?* Tradução Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

- *Capitalisme et Schizophrénie. Mille Plateaux*. Paris, Minuit, 1980.

- *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

- *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo, Ed. 34, 1995.

- *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo, Ed. 34, 1996.

- *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo. Ed. 34, 1997.

- *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle - *História das mulheres*. Vols. 1, 2, 3, 4 e 5. Porto, Edições Afrontamento, São Paulo, Ebradil, 1990/91.

Educação e Realidade v.20 n.2. Gênero e Educação. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jul/dez 1995.

Educação e Sociedade. Revista de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes). Nº 54. Campinas, Papyrus, Ano XVII, abril 1996

FOUCAULT, Michel - *La vida de los hombres infames. Ensayos sobre desviación y dominación*. Mimeo. Las Ediciones de La Piqueta.

_____ - *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

_____ - *La pensée du dehors. Critique*, nº 229, junho, 1966.

_____ - *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense, 1987

_____ - *A ordem do discurso*. São Paulo, Ática, 1988.

_____ - *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.

_____ - *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.

_____ - *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 4ª ed, 1984.

GINZBURG, Carlo - *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Cia da Letras, 1989.

GOMES, Jerusa Vieira - *Socialização: um estudo com famílias de migrantes em bairro periférico de São Paulo*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1987.

GRIAULE, Geneviève Calame e ANDREESCO, Ioana - *Le pouvoir de la femme*. Cahiers de Littérature Orales n°34. Paris, Publications Langues'O, 1993.

GUATTARI, Félix - *As 3 ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 3ª edição. Campinas, Papirus, 1991.

JEAN, Georges - *Le pouvoir des contes*. Paris, Carterman, 1990.

KATZ, Chaim Samuel (org.) - *Temporalidade e psicanálise*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

KLEIMAN, Angela B. (org.)- *Os significados do letramento*. Campinas, Mercado de Letras, 1995.

KRAMER, Sonia - *Alfabetização leitura e escrita. Formação de professores em curso*. Rio de Janeiro, Papéis e cópias da escola de professores, 1995.

KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel (orgs.)- *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, Papirus, 1996 (Prática Pedagógica).

MARTINS, José de Souza (org.) - *O massacre dos inocentes. A criança sem infância no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1991.

MOYSÉS, Sarita M. Affonso- *Leitura e apropriação de textos por escravos e libertos no Brasil do século XIX*. Mimeo.

_____ - *Entre-tempos. Alfabetização e escravidão*. Campinas, 1992.
(Tese, Livre-Docente apresentada na Faculdade de Educação da Unicamp).

ORLANDI, Eni Pulcinelli - *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. 2ª edição. Campinas, Pontes, 1987.

_____ - *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.

OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy - *Cultura escrita e oralidade*. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo, Ed. Ática, 1995.

PELBART, Peter Pál- *A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro. Imago.1993.

_____ - *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

PERRAULT, Charles - *Contos de Perrault*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada, 1989.

PERROT, Michelle - *Os excluídos da história. Operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

PRIORE, Mary Del (org.) e Bassanezi, Carla (coordenação de textos) - *Histórias das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997.

PROPP, Vladimir - *Morphologie du conte*. "Points", Seuil, 1970.

QUINTANEIRO, Tania - *Retratos da mulher. O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. Família em tempos de transição. Ed. Centro de Estudos de Crescimento e Desenvolvimento do Ser humano da Faculdade de Saúde Pública da USP. Ano IV no 1, jan/jun, 1994

Revista Brasileira de Educação - ANPED, BH, nº 0, 1995.

ROLNIK, Suely - *Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

SARTI, Cyntia Andersen. - *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo, Editora Autores Associados, 1996.

SCHULZ, Bruno - *Sanatório*. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1994 (Coleção Lazuli).

SMOLKA, Ana Luiza B. - *A criança na fase inicial da escrita - a alfabetização como processo discursivo*. Campinas, Cortez/Editora da UNICAMP, 1988.

SMOLKA, Ana Luiza B. e GÓES, Maria Cecília R. de (orgs.) - *A linguagem e o outro no espaço escolar. Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas, Papirus, 1993 (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

SOUZA, Solange Jobim - *Infância e linguagem Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, Papirus, 1994. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

TRONCA, Italo A.(org.) - *Foucault vivo*. Campinas, Pontes, 1987.

VALLANTIN, Catherine Velay - *L'histoire des contes*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1992.

WOOLF, Virginia - *Mrs Dalloway*. Tradução de Mario Quintana. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. (Coleção Grandes Romances)

ZIPES, Jack - *Les contes de fées et l'art de la subversion*. Traduit de l'américain par François- Ruy-Vidal. Paris, Payot, 1986.

... "É isso também desfazer o rosto ou, como dizia Miller, não mais olhar os olhos nem nos olhos, mas atravessá-los a nado, fechar seus próprios olhos, e fazer de seu corpo um raio de luz que se move a uma velocidade cada vez maior? Para isso são necessários sem dúvida, todos os recursos da arte, e da mais elevada arte. É necessário toda uma linha de escrita, uma linha de picturalidade, toda uma linha de musicalidade..."
(Deleuze/Guattari)

I - Apêndice

Neste apêndice há um esforço de iniciar um trabalho no qual as imagens e as palavras se interpenetram, ainda por se fazer...

Rostidades

“Ali havia realejos, verdadeiros milagres da técnica, em cujo interior escondiam-se flautas, gargantas e charamelas, gaitas docemente tremulantes com os ninhos dos rouxinóis chorando: um tesouro inestimável para os inválidos, uma fonte de lucro para os aleijados e duma maneira geral, um objeto indispensável em cada casa onde se cultiva a música. E podiam-se ver esses realejos, armados de belas pinturas, carregados nas costas dos velhinhos pequenos e pardos, cujos rostos, corroídos pela vida, pareciam cobertos de teias de aranha e completamente indistinguíveis, rostos com olhos lacrimejantes, imóveis que se escoaram lentamente, rostos estéreis, sem vida, tão descoloridos e inocentes como a casca das árvores, rachada por todos os maus tempos, e agora cheirando só a chuva e a céu como ela.

Há muito tinham esquecido como se chamavam e quem eram, e assim, perdidos em si mesmos, arrastavam os pés com passos pequenos e iguais, com as pernas dobradas nos joelhos, em suas botas enormes e pesadas, seguindo uma linha bem reta e monótona, entre os sinuosos e intrincados caminhos dos transeuntes.”

(Sculz⁵² faz um belo mapa sobre um tempo de velhos)

⁵² Sculz, Bruno - *Sanatório*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

(...) Peter Walsh devia estar ali, e a velha Miss Cummings; Joseph Breikopf certamente estava, pois vinha todos os verões, o pobre velho, e ficava semanas e semanas, sob o pretexto de ler alemão com ela, mas o que fazia era tocar piano e cantar Brahms, sem voz nenhuma.”

(Woolf⁵³ fala de vozes que não emitem sons.)

“Eu não olho mais nos olhos da mulher que tenho em meus braços, mas os atravesso nadando, cabeça, braços e pernas por inteiro, e vejo que por detrás das órbitas desses olhos se estende um mundo inexplorado, mundo de coisas futuras, e desse mundo toda lógica está ausente. (...) Quebrei o muro (...), meus olhos não me servem mais para nada, pois só me remetem à imagem do conhecido. Meu corpo inteiro deve se tornar raio perpétuo de luz, movendo-se a uma velocidade sempre maior, sem descanso, sem volta, sem fraqueza. (...) Selo então meus ouvidos, meus olhos, meus lábios.

(Miller fala de olhos que nada vêem pois só vêem imagens do conhecido, in Deleuze & Guattari.)⁵⁴

⁵³ Woolf, Virginia - *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mario Quintana. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

⁵⁴ Miller, Henry - *Tropique du Capricorne*, ed. du Chêne, p.177-170.

“O rosto é inumano no homem, desde o início; ele é por natureza close, com suas superfícies brancas inanimadas, seus buracos negros brilhantes, seu vazio e seu tédio. Rosto-*bunker*. A tal ponto que, se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino, não por um retorno à animalidade, nem mesmo pelo retorno à cabeça, mas por devires-animais muito espirituais e muito especiais, por estranhos devires que

Rostos que não expressam nada, vozes que não têm som algum, olhos que não vêem nada, rostos que anunciam tempos e regimes sociais, é disso que se trata (desta dificuldade) quando se pretende cartografar rostos e falas.

É do rosto que a voz sai. Portanto é preciso caminhar por entre a morfologia do rosto entre suas linhas, traçados - daqueles que estão presentes e dos que se anunciam -, para verificar os seus trejeitos e as configurações construindo diagramas, de enunciados, gestos, risos, tristezas etc. O rosto é uma superfície de inúmeros traços, linhas e densidades. O rosto remete a uma paisagem. Os rostos habitam as paisagens, dependendo da paisagem encontramos determinados e ausentes rostos; cavaleiros, fadas, bruxas referem-se a uma paisagem. Qualquer que seja a importância fundamental de uma máquina de escrita, o escrito mantém uma caráter oral, não-livresco. Esta oralidade deve ser configurada.

“Uma língua está sempre presa a rostos que anunciam os enunciados dela, que os lastream em relação aos significantes em curso e aos sujeitos concernidos. É pelos rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam: a gramática comum nunca é separável de uma educação dos rostos. O rosto é um verdadeiro porta-voz.”⁵⁵

A rostidade é a expressão de um centro de significantes. O rosto anuncia todo um corpo e é um centro de significância - libera e recaptura os signos significantes, prende os signos desterritorializados e marca o limite de sua desterritorialização (Deleuze e Guattari, 1995). A voz emite várias linhas de rostidade, a rostidade fala de regimes sociais, traços que aparecem e desaparecem:

“Por exemplo, no mito banto, o primeiro fundador de Estado mostra seu rosto, come e bebe em público, enquanto o caçador, depois o guerreiro, inventam a arte do secreto, se esquivam e comem atrás de uma tela... Heusch vê no segundo momento a prova

certamente ultrapassarão o muro e sairão dos buracos negros, que farão com que os próprios traços de rostidade se subtraíam enfim à organização do rosto, não se deixem mais subsumir pelo rosto, sardas que escoam no horizonte, cabelos levados pelo vento, olhos que atravessamos ao invés de nos vermos neles, ou ao invés de olhá-los no morno face-a-face das subjetividades significantes.” (Deleuze & Guattari - *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, p.36)

⁵⁵ Deleuze & Guattari - *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, p. 47.

de uma civilização mais 'refinada': parece-nos, antes, que se trata de uma outra semiótica, de guerra e não mais de trabalhos públicos"⁵⁶.

Bakhtin fala do discurso indireto livre⁵⁷ - um de seus conceitos preciosos e de excepcional importância segundo ele mesmo -, que funciona de *rostto descoberto* (grifo meu), embora tenha duas faces, como Jano, diferentemente de outros discursos que se prestam ao fenômeno da camuflagem.

São inúmeras as linhas de rostidade, polifônicas, não se trata de tomar as vozes e interpretá-las, mas potencializá-las, experimentá-las. Introduzir-nos nelas. Incursionar por entre os traços de rostidade, que às vezes desorganizam o próprio rosto. Não se trata, obviamente, de constituir outras línguas, mas de produzir novos efeitos, colocar em fuga a língua maior, constituir o multilingüismo na própria língua. Não regionalismo, mas estado contínuo de variação da língua (Deleuze & Guattari, 1995). É por isso que Pasolini mostrava que o essencial, precisamente no discurso indireto livre, não estava nem em uma língua A ou B, mas numa língua X, que não é senão a língua A em vias de se tornar uma língua B. Importa a língua minoritária como um devir que é uma variação contínua. Não se trata de produzir guetos, ou regionalismos, ou utilizar uma língua menor como dialeto, mas sim utilizar elementos de minoria, conectá-los, conjugando-os, inventando o imprevisto (Parente, 1996; Deleuze & Guattari, 1995).

As (co)relações entre as formas discursivas e as relações sociais está no dialogismo⁵⁸ - segundo Bakhtin - que exprime uma determinação concreta do caráter social da enunciação. O discurso de outrem não é um objeto, ele possui uma autonomia e uma potencialidade própria e sua apreensão só pode ser dialógica, e não monológica. O sujeito é uma voz, um estilo (o estilo é o homem e seu grupo social) que é do outro, de seu grupo social.

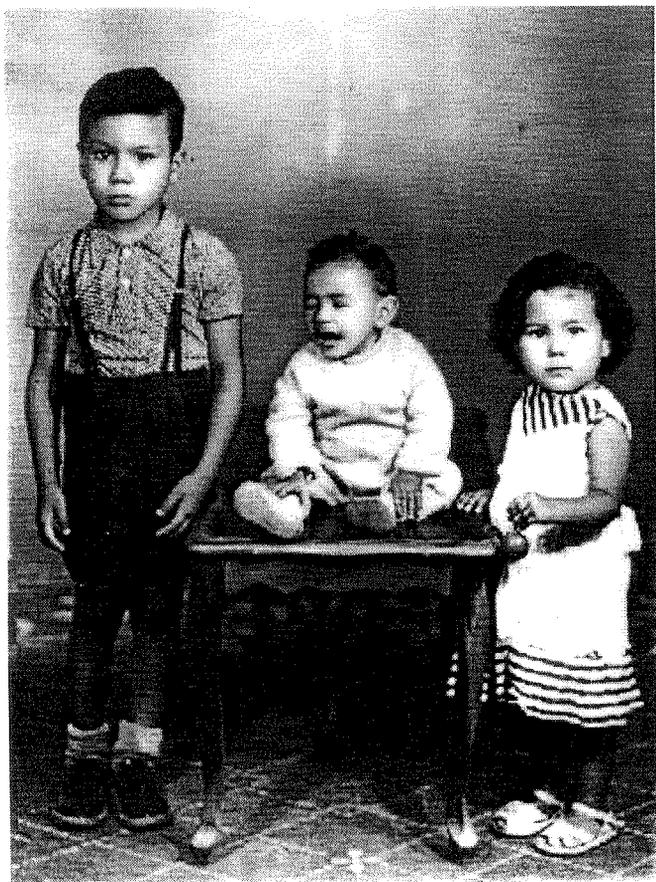
⁵⁶ Deleuze & Guattari - *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol. 2*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995, p. 66.

⁵⁷ Bakhtin, Mikhail (Volochinov) - *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986, p.177.

⁵⁸ O diálogo em Bakhtin deve ser entendido em sentido amplo, "isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja". (Idem, ibidem, 1986, p.123)

Portanto, o centro organizador dos enunciados está situado no meio social; assim, as falas das mulheres e das meninas são a expressão de sua condição de existência e de sua concepção de mundo. O lugar social em que vivem é produtor e reprodutor de saberes e enunciados que favorecem a identificação com o meio e com elas próprias. Por isso, no dialogismo de Bakhtin, eu é um outro: eu se esconde, no outro e nos outros. Compreender, portanto, também é dialogar: aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser privado das palavras, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores... a palavra vai à palavra (Bakhtin, 1986). O “eu falo” das meninas, ou das mulheres, é como se outro falasse, por isso são falas dialógicas, sujeitos constituindo-se por/e de todos os lados.

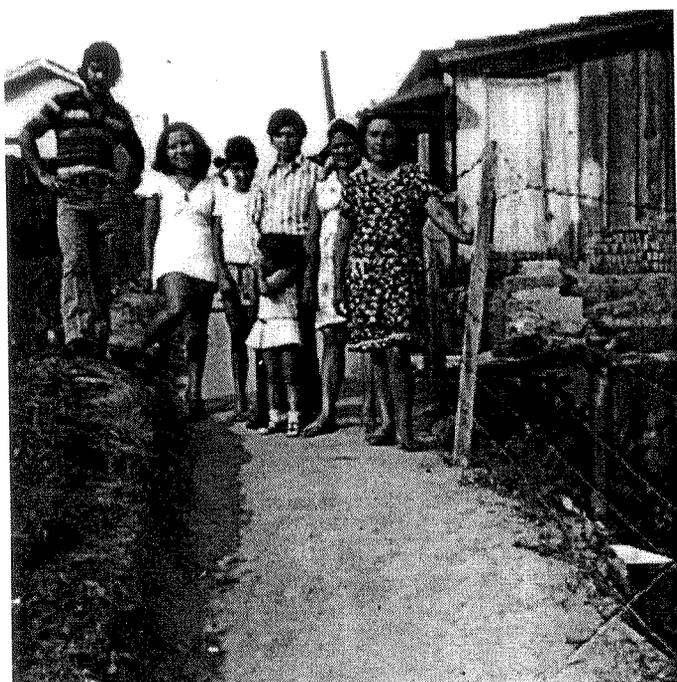
Este trabalho, portanto, instaurou diálogos, cenas, retratos, possibilidades entre as meninas, as mulheres e a pesquisadora, a partir dos discursos, procurando configurar bolsões de desejos, territórios (espaços e tempos), para marcar, narrar e esquadrihar - em gestos - as possibilidades de novos devires - criança, feminino e pobre. É possível tentar observar as possibilidades de contos e de “estados de devir” na produção discursiva?



Sueli e seus irmãos, BA, 1958.



Edna, na cadeira, BA, 1965.



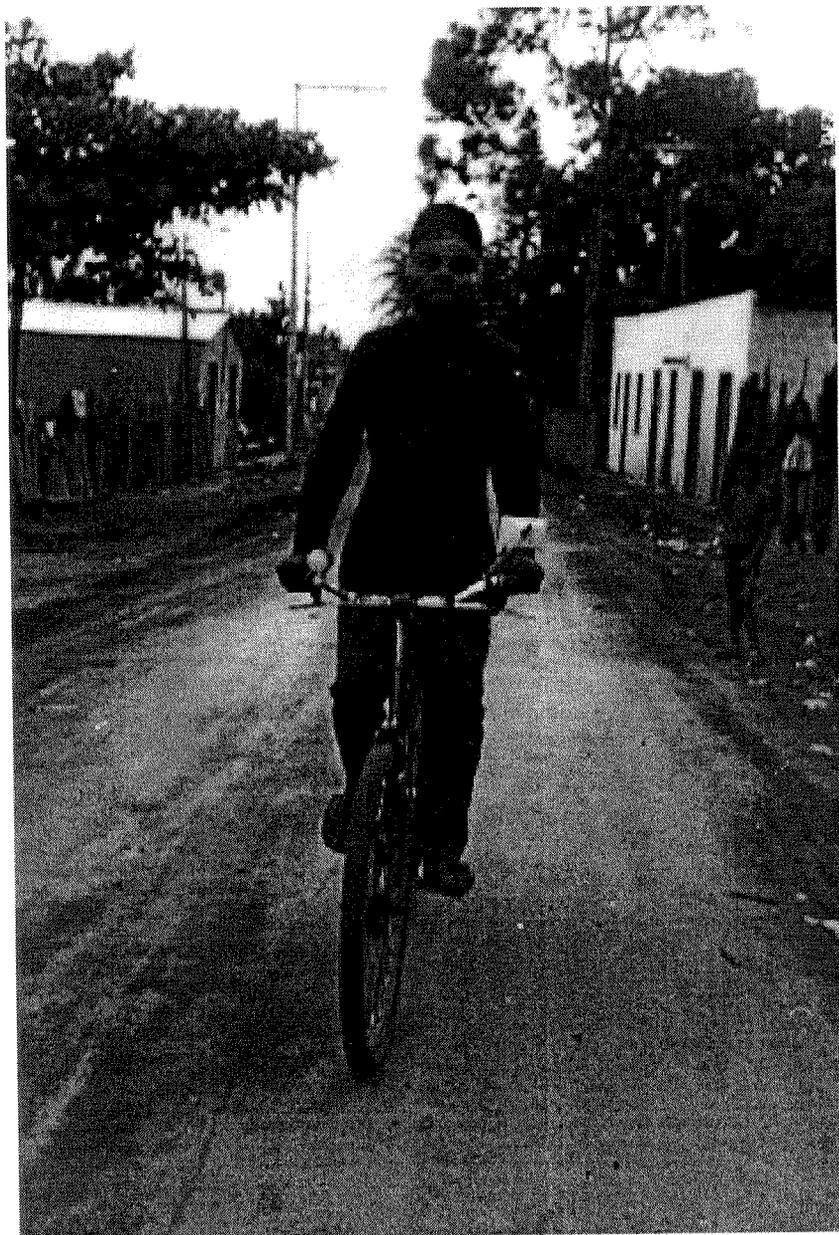
Sueli, Osasco, 1969.



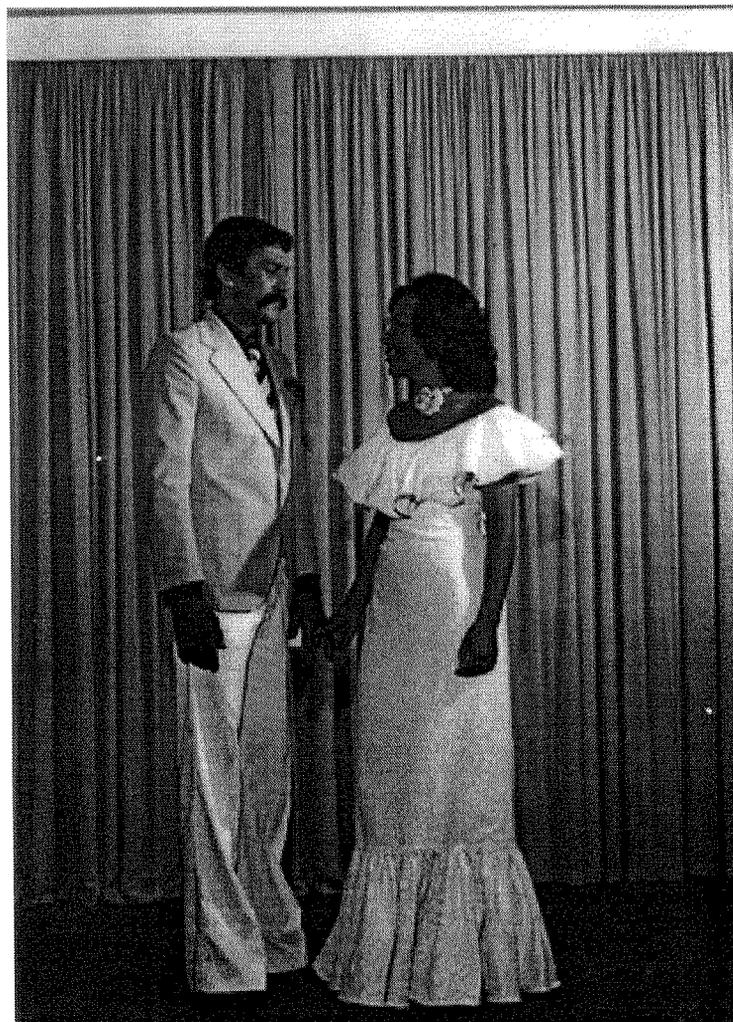
Fátima, PI, 1984.

Fátima, SP, 1987.





Pai da Fátima aos 83 anos, PI.



Sueli, casamento, SP, 1973.



Marisa na Igreja, sem data.